

Universidade Federal do Rio de Janeiro

A Província da Ousadia:
Representações sociais sobre Ipanema

Marisol Rodriguez Valle

2005

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

A PROVÍNCIA DA OUSADIA: Representações sociais sobre Ipanema

Marisol Rodriguez Valle

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Sociologia e Antropologia.

Área de concentração: Antropologia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Mirian Goldenberg

Rio de Janeiro
Abril de 2005

A PROVÍNCIA DA OUSADIA: Representações sociais sobre Ipanema

Marisol Rodriguez Valle

Orientadora: Mirian Goldenberg

(Profa. Dra. Mirian Goldenberg, IFCS, UFRJ)

(Prof. Dr. Gilberto Cardoso Alves Velho, MN /UFRJ)

(Prof. Dr. José Reginaldo Santos Gonçalves, IFCS/UFRJ)

Rio de Janeiro
Abril de 2005

Valle, Marisol Rodriguez

A Província da Ousadia/ Marisol Rodriguez Valle.-Rio de Janeiro:UFRJ/PPGSA, 2005

xi,102f.:il.;31cm

Orientadora: Mirian Goldenberg

Dissertação (mestrado) – UFRJ/IFCS/Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia, 2005.

Referências Bibliográficas f.103-105

1 Antropologia. 2. Antropologia Urbana. I. Goldenberg, Mirian. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia. III. Título.

Resumo

O objetivo desta dissertação é analisar a construção social do bairro de Ipanema. Realizo uma análise aprofundada de três livros e três suplementos de imprensa e estabeleço uma comparação entre as representações sobre o passado e sobre o presente do bairro. Verifico os espaços, as personalidades, as visões de mundo e os estilos de vida que caracterizam a Ipanema de ontem e de hoje. Observo a relação entre essas representações e alguns espaços físicos do bairro, como ruas, quarteirões, bares e pontos de encontro na praia, e sugiro a existência de dois mapas simbolicamente distintos: aquele que representa a Ipanema do passado, “vanguardista”, “boêmia” e “transgressora”, e o que caracteriza o bairro de hoje, percebido como “sofisticado”, “elegante” e “esportivo”. Associo as transformações espaciais e simbólicas vividas por Ipanema a partir da década de 1970 às mudanças nos valores socialmente atribuídos aos bairros vizinhos, Copacabana e Leblon. Por último, analiso as ambigüidades presentes no material pesquisado ao destacar as representações negativas de Ipanema, ou seja, o modo como os autores dos livros e a imprensa desqualificam determinados espaços e freqüentadores do bairro. Mostro que as memórias e as versões de Ipanema presentes no material de pesquisa correspondem a um ponto de vista específico e que só podem ser entendidas a partir de uma contextualização do grupo que as elabora.

Abstract

The objective of this dissertation is to analyze the social construction of the quarter of Ipanema in the media. I carry through a comment on three books and three supplements of the press and establish a comparison between the representations of the past and the present of the quarter. I verify the spaces, the personalities, the world visions and the life style that characterize Ipanema of before and of today. I observe the relation between these representations and some physical spaces of the quarter, as streets, blocks, bars and gathering points on the beach, and I suggest the existence of two symbolically distinct maps: one that represents the Ipanema of the past, "bohemian", "advanced" and "transgressor", and other that characterizes the quarter of today, perceived as "sophisticated", "elegant" and "cool". I associate the space and symbolic transformations occurred in Ipanema from the decade of 1970, to the changes in the values socially attributed to the neighboring quarters, Copacabana and Leblon. Finally I analyze the ambiguities found in the research material highlighting the negative representations of Ipanema, that is, the way the authors of the books and the press disqualify specific locations and people of the neighborhood. I show that the memories and the versions of Ipanema that are in the search material correspond to a specific point of view and that they can only be understood through a social contextualization of the group that elaborates them.

À memória de minha mãe, Susana Beatriz, eterna apaixonada por Ipanema

Agradecimentos

Quero agradecer, em primeiro lugar, à minha querida orientadora Mirian Goldenberg por ser a principal responsável por minha formação como cientista social e como antropóloga. Tive o privilégio de ser orientada por Mirian desde o terceiro período da graduação em Ciências Sociais, em maio de 2000, e, desde então, constato a importância desse convívio para minha trajetória pessoal e acadêmica. Agradeço por toda a disponibilidade, atenção, dedicação, apoio, e, sobretudo, entusiasmo, que Mirian demonstrou ao longo destes anos ao ler e acompanhar não só a minha dissertação como também meus trabalhos, provas, relatórios ou simples papéis rascunhados a mão. Mirian me proporcionou total liberdade de escolha, não somente quanto ao tema desta pesquisa, mas, também, em relação às abordagens metodológicas e teóricas que utilizei neste trabalho. Esta sábia postura jamais significou negligência ou descaso de sua parte. Pelo contrário, possibilitou o surgimento de uma ótima parceria entre nós.

Devo dizer que esta dissertação é reflexo do trabalho de algumas pessoas que contribuíram para o meu aprimoramento e para o meu despertar para as Ciências Sociais e, principalmente, para a Antropologia. Gostaria de demonstrar a minha gratidão a alguns professores que influenciaram o meu modo de pesquisar e de perceber os fenômenos sociais. Destaco o professor José Reginaldo Gonçalves que, com suas aulas, me abriu muitas portas no sentido de refletir sobre a relação entre o espaço e a memória. Agradeço ao professor José Reginaldo, também, por me mostrar a importância das “categorias de pensamento” e por me conduzir a uma bela leitura da obra de Marcel Mauss; duas ferramentas analíticas fundamentais na construção desta dissertação.

Agradeço ao professor Gilberto Velho que se mostrou sempre presente, atencioso e interessado nas minhas reflexões sobre o bairro de Ipanema. Sua obra é uma fonte de

inspiração para o meu trabalho de pesquisa. Também agradeço muitíssimo a estes dois professores - Gilberto Velho e José Reginaldo Gonçalves - pela leitura cuidadosa e pelas valiosas sugestões na defesa do projeto, que procurei, ao máximo, incorporar na dissertação.

Agradeço a Marcelo Silva Ramos pela dedicação e paciência durante a iniciação científica e por me fazer almejar a simplicidade e a clareza na escrita. Aos professores Peter Fry e Bila Sorj pelo senso crítico e ao professor Marco Antônio Gonçalves por defender a etnografia e as particularidades.

Esta dissertação contou com o apoio carinhoso de muitos amigos e colegas que se dispuseram a ler e a comentar alguns capítulos ou, simplesmente, a conversar comigo sobre o tema deste estudo. Agradeço a todos os alunos da minha turma de mestrado e, em particular, àqueles que acompanharam mais de perto os dilemas acadêmicos e emocionais pelos quais passei no período da elaboração desta pesquisa: Bruno Cardoso, Carla Ramos, Júlio Ribeiro, Leonardo Couto e Tiago Coutinho. Devo dizer que a relação de admiração e reciprocidade que desenvolvemos no decorrer do mestrado me serviu de inspiração em diversos momentos de realização deste trabalho.

Outras pessoas não foram menos importantes e merecem um agradecimento carinhoso. Agradeço a Vladimir Serodio, pelas conversas incansáveis e reflexões críticas e enriquecedoras no período embrionário desta dissertação, a Olívia von der Weid e Mariana Massena por saberem ouvir, aconselhar e apoiar nos momentos em que precisei, a Frederico Policarpo, Maria Raquel Lima, Heloísa Santos e Luciana Barbio, por terem selecionado matérias de jornais e revistas sobre Ipanema, a Maryanne Galvão e Rita de Castro pelas horas em que passei trabalhando em seus computadores, a Lúcia Maximo, Carolina Bergier, Bárbara Duvivier, Clarisse Machado e Marina Lito, pelo estímulo e interesse, a Amanda Marques e Joana Jabace, amigas de toda a vida, e aos meus irmãos, Pilar e Sebastian, por estarem sempre ao meu lado.

Não poderia esquecer das instituições que colaboraram para a viabilização desta dissertação. Agradeço à Capes, pela bolsa de estudos, ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da UFRJ, pelo ambiente de estímulo e de constante informação, ao Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, por ser um espaço agradável e amigável e à PUC, em cuja biblioteca passei inúmeras horas pesquisando e escrevendo.

Devo um agradecimento especial a Marco Aurélio Nascimento, por seu trabalho cuidadoso e impecável na elaboração dos mapas apresentados no segundo capítulo desta dissertação, além de ter sido uma companhia amorosa e fundamental no período final da pesquisa.

Sumário

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I : <i>As representações sobre Ipanema</i>	10
I.1. Um bairro carioca	12
I.2. O mítico passado de Ipanema	13
I.3. Um bairro que lança modas	15
I.4. As artes de Ipanema	21
I.5. Um bairro fora de seus próprios limites	26
I.6. Ser ipanemense como categoria acusatória	29
I.7. A memória dos livros & a atualidade da imprensa	34
I.8. Ipanemenses sofisticados	36
I.9. Ipanema como estilo de vida	38
I.10. Passado x presente	43
CAPÍTULO II: <i>Os mapas de Ipanema: fronteiras espaciais e simbólicas</i>	45
II.1. Olhares sobre a praia	47
II.2. Os pontos de encontro atuais	54
II.3. As praças de Ipanema	60
II.4. Copacabana, Ipanema e Leblon: o deslocamento espacial do prestígio	67
CAPÍTULO III: <i>A vanguarda aristocrática</i>	73
III.1. Os lados do túnel Rebouças	74
III.2. O espaço das acusações	79
III.2.1. A praia	79
III.2.2. Ruas e favela	80
III.2.3. Bares e botecos	86
III.3. Vanguardistas e aristocráticos	89
CONSIDERAÇÕES FINAIS	94
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	102

Introdução

Responder à pergunta “onde você mora?” pode ser constrangedor para muitos habitantes da cidade do Rio de Janeiro. A simples menção ao nome do bairro é capaz de suscitar um conjunto de idéias sobre seu morador. Quando a resposta é “Ipanema”, algumas reações como “que chique!” ou expressões faciais como a de levantar a sobrancelha, revelam que existe um determinado imaginário sobre esse bairro. Experiências como essas fazem com que, em determinadas circunstâncias, eu evite dizer onde moro ou sinta vergonha da minha resposta.

No meu caso, o constrangimento se agrava por não me perceber como alguém que corresponda aos quesitos “típicos” do morador de meu bairro. Morar em Ipanema sempre significou, sob meu ponto de vista, ter que sacrificar certas comodidades para poder pagar elevadas taxas de aluguel, condomínio e impostos. Muitas vezes me percebo como “peixe fora d’água” nesse bairro, sobretudo ao constatar o elevado padrão de vida dos vizinhos ou quando passo em frente às vitrines das luxuosas grifes que se encontram nos arredores.

Há, contudo, um aspecto simbólico muito forte em “morar em Ipanema”, e a força desse simbolismo se traduz nas práticas e nos projetos dos indivíduos, como era o caso da escolha de minha mãe por morar ali apesar das conseqüências que essa decisão sempre acarretou. Em grande número de sociedades urbanas, e de forma muito marcante no Rio de Janeiro, o espaço constitui elemento importante para a definição do *status* dos indivíduos. Há, nessa cidade, uma nítida hierarquia de bairros e, através desta, os indivíduos percebem a sociedade e se situam dentro dela (Velho, 1978).

Estranhar o bairro em que se vive pode se converter em uma experiência bastante significativa, principalmente para quem pretende exercitar uma visão antropológica sobre o

próprio meio social. Proporciona, talvez, uma maior facilidade para “transformar o familiar em exótico”, como sugere Da Matta (1978). Este exercício reflexivo, que pratico cotidianamente no bairro onde moro, fez com que Ipanema se tornasse, para mim, além de um local intrigante, um objeto a ser pesquisado.

Interessada, portanto, em realizar uma pesquisa sobre o bairro de Ipanema, pensei em comparar os usos e significados de suas praças públicas, General Osório e Nossa Senhora da Paz. Iniciei uma busca por dados sobre as duas praças em livros sobre o bairro e, para minha surpresa, além de ter encontrado pouquíssimas referências à Praça Nossa Senhora da Paz, deparei-me com livros que continham descrições, fotografias e comentários que em nada se assemelhavam ao que costumo observar no bairro. A Rua Garcia D’Ávila, por exemplo, que me surpreende às vésperas do Natal com seu tapete vermelho estendido na calçada de lojas como Louis Vuitton, Cartier, Mont Blanc e H. Stern, não ocupava uma página sequer de tais livros. Aquelas evidências que, para mim, atestam que Ipanema é uma das localidades mais caras do Rio de Janeiro, passavam quase despercebidas nessas obras sobre o bairro.

O que encontrei foi uma certa regularidade no modo como os autores retratam Ipanema, como, por exemplo, através de uma referência constante a épocas passadas. A Ipanema dos livros é uma Ipanema “de memórias”, aparecendo como um local que vivenciou grandes mudanças comportamentais, artísticas e culturais na década de 1960.

Enquanto era transportada para uma Ipanema por mim desconhecida – um bairro “provinciano”, “boêmio” e “libertário” – os jornais e revistas de grande circulação no Rio de Janeiro celebravam os 110 anos de uma Ipanema “moderna”, “luxuosa” e “sofisticada”. Notei, portanto, o caráter subjetivo e simbólico das informações contidas nos meios de comunicação. Mais do que apresentar fatos sobre Ipanema, os livros e a imprensa contêm versões que

produzem e reproduzem concepções específicas sobre esse bairro. Foi a partir dessa percepção, que o material no qual esperava obter informações “documentais” e “objetivas”, se transformou em um objeto de reflexão para minha pesquisa.

Objetivos

O objetivo central desta dissertação é analisar as representações sobre o bairro de Ipanema. Procuo compreender o modo como o bairro é pensado, construído e divulgado. Direciono meu enfoque para o exame dos seguintes pontos: as características atribuídas ao bairro de Ipanema como um todo; as apropriações e significações de espaços do bairro e a criação de uma identidade ipanemense. Essas questões são tratadas a partir de algumas variáveis que ajudam a elucidar as reflexões propostas, como, por exemplo, a comparação entre o “passado” e o “presente” de Ipanema; a relação entre uma dimensão simbólica do bairro e uma esfera prática e a oposição entre valores positivos e negativos atribuídos ao local. Seguindo essa perspectiva, procuro responder a questões como estas: Quais os significados atribuídos aos locais, aos usos do espaço e aos ipanemenses “de ontem” e “de hoje”? Como pensar os aspectos simbólicos associados ao passado e ao presente do bairro a partir de determinadas regiões, como quarteirões, praças e ruas? De que maneira pessoas, locais e determinados usos do espaço são condenados e desqualificados?

Desenvolvo essas questões a partir da análise de três livros e de três cadernos de imprensa. Os livros que constituem o material do trabalho são: “Ela é carioca” (1999), de Ruy Castro; “Ipanema, se não me falha a memória” (2000), de Jaguar e “Os degraus de Ipanema”

(1997), de Carlos Leonam. Dentre as matérias publicadas na imprensa no ano de 2004, adotei como critério de seleção aquelas dedicadas ao aniversário de 110 anos do bairro de Ipanema. Utilizei como objeto de reflexão suplementos dos jornais O Globo, Jornal do Brasil e da revista semanal Veja que apresentavam “Ipanema” estampada em suas capas. São, respectivamente, os suplementos “Caderno Zona Sul” (22/04/2004), “Caderno H” (25/04/2004) e “Veja Rio” (26-02/05/2004), cujos títulos são: “Ipanema, 110 anos na vanguarda”, “O garotão de Ipanema – Ipanema 110 anos, edição especial” e “Ipanema 110 anos: Histórias e personagens do bairro mais charmoso da cidade”.

O livro de Ruy Castro pretende servir como “uma enciclopédia de Ipanema” retratando o bairro por meio de verbetes, em ordem alfabética, que podem ser nomes de ruas, botequins, cinemas, pessoas, gírias e acontecimentos ligados ao bairro. Jaguar e Carlos Leonam assumem um tom mais pessoal e expõem opiniões, sentimentos e memórias na primeira pessoa. O livro deste último resulta de um interesse em reunir seus antigos textos jornalísticos para lembrar “um período da vida de sua geração”. Ao mesmo tempo em que o leitor é transportado para a época em que esses escritos foram publicados, observa a atualização dos temas por meio de notas de página acrescentadas por Leonam posteriormente às datas dos artigos.

Jaguar também parece ter o objetivo de lembrar seu passado recorrendo, em alguns capítulos, a um procedimento diferente; comenta e resume no livro algumas conversas que teve com antigos moradores e amigos de Ipanema. Vale a pena salientar que o livro desse cartunista faz parte da coleção “Cantos do Rio” organizada e patrocinada pelo governo municipal do Rio de Janeiro, que lançou pequenas publicações sobre algumas localidades da cidade, como Cosme Velho, Urca e Praça Tiradentes. Nesse contexto, Jaguar foi o carioca escolhido pela Secretaria Municipal de Cultura para escrever sobre o bairro de Ipanema.

Os três autores se assemelham por remeterem o leitor a épocas passadas do bairro narrando acontecimentos, fofocas e histórias bem humoradas. Pode-se afirmar que a noção de “passado”, utilizada pelos três livros, está associada a um período bastante próximo, referindo-se, fundamentalmente, à década de 1960. É preciso advertir, portanto, que o termo “passado” é utilizado nesta dissertação do ponto de vista nativo. Vale dizer que o próprio bairro de Ipanema possui uma história recente já que foi oficialmente fundado no final do século XIX, no ano de 1894.

Pude notar muitos pontos em comum no material de imprensa. Os jornais e revistas revelam certa uniformidade no modo de se referir à Ipanema, mencionando quase sempre as mesmas personalidades, acontecimentos e locais. Um “senso comum” sobre Ipanema também pode ser visto em outras publicações da grande imprensa, em reportagens que não se restringem à comemoração dos 110 anos do bairro. Esse aspecto poderia tornar a escolha dos três suplementos mencionados, até certo ponto, arbitrária, já que reflexões parecidas com aquelas que estão aqui presentes também poderiam ser extraídas de outro conjunto de matérias. Entretanto, o mais significativo para a perspectiva proposta é perceber que as idéias apresentadas nos meios de comunicação sob a forma de “jargões”, “clichês” ou “discursos prontos” sobre Ipanema evidenciam um modo socialmente compartilhado de se pensar e de se falar sobre esse bairro.

Um comentário importante sobre os livros aqui analisados refere-se ao debate sobre os grupos, indivíduos ou instituições que constroem a “memória oficial” ou a “identidade autêntica” de uma localidade. Pode-se sugerir que autores como Jaguar, Ruy Castro e Carlos Leonam, e o universo cultural no qual estão inseridos, representam o topo do que Becker (1977) denominou de *hierarquia de credibilidade*. Os critérios que tornam determinadas pessoas “legítimas” para escrever sobre algum assunto não são totalmente arbitrários. No caso de Ipanema, os portadores

das “memórias autênticas” ou do relato mais “confiável” sobre o passado do bairro parecem obedecer a certas normas. Esta dissertação tocará neste ponto quando discute a relação entre Ipanema e o *ethos* de um segmento das camadas médias do Rio de Janeiro representado por intelectuais, artistas e escritores ditos “de vanguarda”.

Vale dizer que, além da metodologia mencionada, realizei observação participante e entrevistas informais com jovens de 17 a 27 anos. Os resultados desses procedimentos aparecem de maneira implícita nesta dissertação. É preciso tecer alguns comentários sobre estas questões de método já que a minha condição de moradora de Ipanema possibilitou a identificação de determinadas sutilezas sobre o bairro, que talvez não fossem possíveis caso não possuísse certa familiaridade com esse espaço. Embora utilize livros, jornais e revistas como meu principal objeto de estudo, acredito que grande parte das análises desta pesquisa - sobretudo quando me dedico a uma observação dos diferentes “territórios” de Ipanema - não teriam sido realizadas apenas por meio do material bibliográfico e de imprensa.

“A turma de Ipanema”

Tudo indica que Ruy Castro, Jaguar e Carlos Leonam pertenceram a um mesmo círculo de amizades. Cada um dos três autores refere-se ao outro com certa frequência. Ruy Castro, por exemplo, reservou espaço em sua enciclopédia para incluir os verbetes “Carlos Leonam” e “Jaguar”. Este, por sua vez, adverte ao leitor, nos primeiros capítulos de seu livro, que não pretende se “meter a pesquisador” porque “*quem nasceu para Jaguar jamais chegará a Ruy Castro*” (p. 19). Já Carlos Leonam justifica a motivação de seu livro recordando-se de Jaguar:

Mexendo dia desses na minha papelada ... descobri um original do próprio punho do Jaguar, no qual o dito cujo explicava, com data de 16 de fevereiro de 1967, como nasceu o que foi por mim batizado de Esquerda Festiva, além de outras revelações hoje históricas.....Muitos dos citados por Jaguar, queridos amigos de todos nós, morreram, mas continuam vivos na mitologia ipanemense. Dos casais dessa única lista oficial de quem era quem em Ipanema, muitos se separaram, casaram de novo ou ainda estão solteiros. Rer este depoimento de Jaguar, 22 anos depois, deu-me uma grande saudade, na certeza de que éramos realmente felizes. E sabíamos. (p. 205)

Alguns “personagens” como Ziraldo, Leila Diniz, Roniquito, Millôr Fernandes e Albino Pinheiro, são encontrados com recorrência nos três livros. Pode-se pensar, portanto, em um certo número de indivíduos percebidos como os protagonistas das memórias de Ipanema. Esse grupo, no qual os autores estavam inseridos na década de 1960 é chamado de “turma de Ipanema”:

“Somos um grupo muito provinciano. Da Província de Ipanema. Não somos muitos. Só uns duzentos. Numa festa de oitocentas pessoas, somos minoria” (Carlos Leonam, p.206).

Os livros de Jaguar e de Carlos Leonam parecem uma espécie de diário, onde os nomes dessas personalidades – amigos e colegas dos autores - estão relacionados a vivências e recordações pessoais. Ruy Castro pretende assumir uma postura mais “impessoal” e “descritiva”. Entretanto, a grande maioria dos verbetes de “Ela é carioca” se refere justamente aos indivíduos dessa “patota”.

A escolha por pesquisar esses livros fundamenta-se na importância atribuída ao bairro de Ipanema para a elaboração de discursos e de memórias de um grupo de brasileiros, em sua maioria envolvidos com atividades culturais, artísticas e intelectuais na década de 1960. É preciso insistir, portanto, que os livros revelarão uma determinada categoria “Ipanema”, ou seja, um bairro percebido sob o ponto de vista de um determinado grupo que viveu parte de sua vida na praia, nos bares e nas ruas de Ipanema. Trata-se, portanto, de apenas um enquadramento de memória, ou seja, de um conjunto de crenças, recordações e discursos elaborados por um segmento social específico, tratado aqui como a “turma de Ipanema”.

Através do conceito de *memória coletiva*, Halbwachs (1990) procurou mostrar a importância dos marcos espaciais para a elaboração das memórias de indivíduos e de coletividades. Para esse autor, quando um grupo humano vive durante algum tempo em um lugar adaptado a seus hábitos, seus pensamentos são regulados pela sucessão de imagens que lhe representam os objetos exteriores. Por meio dessa idéia, o autor demonstra que o espaço representa muito mais do que um dos itens presentes nos pensamentos e nas memórias individuais e grupais. O espaço, mais do que isso, estrutura tais pensamentos e memórias. É somente porque estão ancoradas em uma referência espacial que as memórias podem se formar.

Referencial teórico e apresentação dos capítulos

O referencial teórico que acompanha as discussões dos três capítulos situa-se, genericamente, nos debates da chamada “Sociologia Urbana”. De uma linhagem mais antiga de pensadores sobre o “urbano”, Simmel (1967 e 1988) e Robert Park (1967) apresentam-se como importantes contribuições, tanto em debates sobre a temática espacial, quanto no exame dos valores e crenças que orientam as sociedades metropolitanas. Em meio às pesquisas brasileiras que tomam a cidade como principal foco de análise, tenho como minha mais importante referência, as reflexões de Gilberto Velho (1978 e 1998) sobre o bairro de Copacabana e sobre o *ethos* das camadas médias urbanas.

No primeiro capítulo, “As representações sobre Ipanema”, analiso as representações mais recorrentes sobre o bairro de Ipanema tanto na imprensa quanto nos livros selecionados. Mostro a relação que se estabelece entre esse bairro e a cidade do Rio de Janeiro, discuto como se constrói

a idéia de que Ipanema é “um bairro que lança modas” e analiso o significado dos bares e botequins na elaboração das memórias sobre o local. Também comparo as diferenças entre o ipanemense de ontem e o ipanemense de hoje; suas visões de mundo e seus estilos de vida.

Em “Os mapas de Ipanema” articulo os aspectos simbólicos, analisados no capítulo anterior, aos espaços físicos do bairro. Se o passado de Ipanema é percebido por meio das categorias “boemia”, “liberdade” e “ousadia”, de que maneira determinadas localidades do bairro – quarteirões, praças e ruas – podem refletir tais representações? De modo análogo, quais são os emblemas espaciais das noções de “sofisticação” e “luxo” que caracterizam o momento atual do bairro? Busco compreender, além disso, as transformações espaciais e simbólicas vividas por Ipanema a partir de uma comparação com a trajetória dos bairros de Copacabana e do Leblon.

O capítulo “Vanguarda aristocrática” pretende qualificar e mostrar o perfil do grupo que elabora as memórias e as representações sobre Ipanema nos meios de comunicação. Essa contextualização do objeto de estudo é realizada a partir de uma análise das ambigüidades e das contradições nos discursos dos livros e da imprensa, sobretudo quando se referem aos aspectos negativos de Ipanema. Verifico a maneira como os autores dos livros percebem as mudanças espaciais e simbólicas que teriam “descaracterizado” Ipanema a partir da década de 1970, e o modo como a imprensa desqualifica alguns locais e moradores do bairro.

Capítulo 1 –As representações sobre Ipanema

Você ensinando pra Eliseth

As canções de “Canção do amor demais”

Lembra que tempo feliz, ai que saudade

Ipanema era só felicidade

Era como se o amor doesse em paz...

Vinícius de Moraes

Este capítulo tem como objetivo compreender as representações sobre o bairro de Ipanema. Para tanto, realiza-se uma análise dos diferentes valores, símbolos e perspectivas presentes em livros sobre o bairro e em matérias publicadas em jornais e revistas de grande circulação no Rio de Janeiro. De que maneira o bairro de Ipanema é pensado, construído e divulgado? O foco da análise deste estudo concentra-se no exame da oposição que se estabelece entre um suposto “passado” de Ipanema e seus tempos atuais, recaindo na investigação dos diferentes espaços, personalidades e características considerados representativos do bairro de hoje e de ontem. Entendendo a categoria “Ipanema” como um conjunto de crenças e de atribuições culturalmente elaboradas, busca-se analisar o processo de construção social de um bairro emblemático da cidade do Rio de Janeiro.

O trabalho de Cordeiro e Costa (1999), sobre os bairros populares de Lisboa, oferece uma contribuição no sentido de mostrar que existem distintos processos de construção social de um mesmo bairro. As concepções elaboradas pelos habitantes do bairro popular de Alfama, por exemplo, não condizem com o conjunto de símbolos de orientação historiográfica, jornalística e turística, amplamente divulgadas sobre o local. Enquanto os agentes e instituições que constroem as representações simbólicas dominantes sobre esse bairro o percebem como um bem precioso,

por sintetizar a memória e os temas típicos de Lisboa, o olhar interno dos moradores reflete as experiências da vida cotidiana em Alfama, percebido como um território de práticas diárias e um marco de relações de pertença coletiva.

A convivência entre distintas percepções sobre uma mesma localidade mostra a necessidade de se contextualizar o ambiente sócio-cultural dos indivíduos e das coletividades que expõem seus pontos de vista sobre a temática dos bairros. Nesta pesquisa, é importante insistir, estarei focalizando apenas o ponto de vista dos livros e matérias analisados - que certamente convive com diferentes versões sobre Ipanema elaboradas por outros atores sociais.

O material aqui analisado representa a visão de alguns jornalistas e intelectuais do Rio de Janeiro e reflete um claro esforço voltado para a construção de memórias e de representações sobre o bairro de Ipanema. Nos livros e na imprensa há uma intenção, por vezes explícita, em “resgatar” um suposto passado ou em construir uma determinada concepção sobre o momento atual do bairro por meio de uma seleção daquilo que deve ser lembrado e descartando o que pode ser esquecido.

É quase evidente que, assim como o bairro lisboeta citado, Ipanema também se apresenta sob duas dimensões: como território de práticas diárias e usos cotidianos, por um lado, e como síntese simbólica de um conjunto de temas culturais do Rio de Janeiro, por outro. Como sugeriu Fernando Pessoa, ao mencionar a existência de “*uma vida que é vivida e outra vida que é pensada*”, optei por analisar, neste capítulo, não tanto as representações sobre um bairro que é vivido, mas sobre um outro, que é pensado.

I.1. Um bairro carioca

Ipanema tem 1,67 quilômetro quadrado. Seu território consiste em uma estreita faixa de terra, de formato quase retangular, banhada ao sul pelo oceano Atlântico e ao norte pela Lagoa Rodrigo de Freitas. Em comparação com a maioria dos bairros do Rio de Janeiro, Ipanema pode ser classificada como pequena. No entanto, suas dimensões espaciais não são proporcionais às simbólicas: Ipanema é vista como um emblema da cidade e até mesmo do país.

Essa representação aparece de diversas maneiras no material selecionado para este estudo, como, por exemplo, através das noções de “moda”, de “capital cultural”, “boemia” e “estilo de vida”: *“Ipanema está para o Rio como Paris para o mundo. É sinônimo de moda. Tudo o que a menina de Ipanema usa a caminho do mar, da universidade, das compras, as meninas de todo o Brasil copiam”* (Caderno H, p.8); *“o bairro era a capital cultural do Rio, e, portanto, a capital cultural do Brasil”* (Caderno Zona Sul, p.34); *“Talvez seja impossível definir o carioca sem o espaço informal de cordialidade ... Em Ipanema, como bairro carioquíssimo que é, não podia faltar botequim”* (Caderno H, p.14) e *“Ipanema traduz um estilo de vida bem carioca: praia, calçada e espontaneidade”* (Caderno Zona Sul, p.16).

O livro de Ruy Castro traz as mesmas idéias encontradas na imprensa. O título “Ela é carioca” sugere que o bairro não poderia estar localizado em outra cidade que não fosse o Rio de Janeiro. Em abril de 2004, esse escritor foi convidado para falar sobre o aniversário de 110 anos de Ipanema em uma livraria do bairro. Em suas primeiras palavras, Ruy Castro negou que faria uma “palestra com viés acadêmico”, pois “isso só seria possível se Ipanema fosse em São Paulo”, e preferiu chamar de “bate-papo” a sua participação na homenagem ao bairro.

A importância de um projeto de preservação cultural para o bairro de Ipanema fundamenta-se, no decreto publicado em julho de 2003, no Diário Oficial da Prefeitura do Rio de Janeiro, por meio de considerações como estas: *“...Ipanema, pela sua história, tornou-se uma*

referência do modo de vida do carioca, refletindo-se em todo o país". O depoimento do Secretário Municipal de Cultura também sugere a mesma idéia: *"Pela peculiaridade de Ipanema não poderíamos tomar apenas imóveis. Ipanema resume bem o espírito do carioca, seu comportamento, suas atitudes. E é isso que estamos preservando também"* (O Globo, 20/07/03).

Ao considerar a relação metonímica que se estabelece entre o bairro, a cidade e o país, pode-se pensar que as representações sobre Ipanema apresentam dimensões mais amplas do que as de um simples bairro e se estendem a um imaginário sobre "ser carioca" e "ser brasileiro". Apesar disso, os elementos que estabelecem a ligação entre o ipanemense, o carioca e o brasileiro, como os conceitos de moda, boemia e estilo de vida, são tratados aqui como típicos de Ipanema. É preciso ter em mente, contudo, que essa simbologia é capaz de transcender os limites territoriais de 1,67 quilômetro quadrado desse lugar.

I.2.O mítico passado de Ipanema

O material analisado para este estudo transmite a idéia de que a história de Ipanema possui uma localização de tempo bem demarcada, restringindo-se a um passado recente, sobretudo à década de 1960. Esta década simbolizaria o tempo em que predominava o real "espírito" do bairro e a essência de sua "autêntica" maneira de ser. Esse período teria criado as características e as memórias, por excelência, de Ipanema, aquelas que definem o próprio bairro.

Ruy Castro, por exemplo, afirma que o ciclo da *"Ipanema clássica"* encerrou-se nos princípios dos anos 70. Jaguar, através do próprio título de seu livro - *"Ipanema - se não me falha a memória"* - sugere que foi preciso voltar a recordações passadas para conseguir escrever sobre

o bairro. Carlos Leonam lamenta que “*infelizmente, aquela Ipanema já era*” (p. 205), referindo-se às saudades pelos tempos áureos em Ipanema, em seu capítulo “Paraíso Perdido”:

Os chamados *Anos Dourados* do Rio, no atacado, e de Ipanema, no varejo urbano, têm um correspondente psicanalítico: quem fica curtindo aqueles tempos que não voltam mais sofre de uma síndrome, conhecida, entre os analistas e terapeutas, como a *Síndrome do Paraíso Perdido*. E do jeito que as coisas vão no Rio deste fim de século, não há dúvida de que a síndrome deve estar atacando os cariocas mais do que a dengue. (p. 203)

O material pesquisado utiliza freqüentemente a noção de que, no passado, Ipanema tinha as características de uma cidade de interior, já que seu reduzido número de habitantes fazia com que todos se conhecessem por meio de relações face a face. O termo “provinciano” para qualificar o passado do bairro e a noção de que ali “todos se conheciam” podem remeter às idéias presentes nos trabalhos de Park (1967) e de Simmel (1967), preocupados com as diferenças nas interações sociais predominantes na pequena cidade e na metrópole. O primeiro salienta que o crescimento das cidades vem acompanhado pela substituição de relações diretas, primárias, por relações indiretas, secundárias. Simmel (1967), que analisou a vida mental do homem metropolitano em comparação com a do homem da cidade de interior, acredita que a natureza do pequeno círculo é caracterizada por “*um tom mais cálido de comportamento, um comportamento que vai além de um mero balanceamento objetivo de serviços e retribuição*”(p. 13).

O “provincianismo” atribuído ao passado de Ipanema, contudo, é apresentado como portador de qualidades *sui generis*, opostas ao tradicionalismo normalmente identificado nas pequenas cidades. Trata-se, para Ruy Castro, de um “provincianismo cosmopolita”. Jaguar também apresenta esta idéia no capítulo “Um bairro ubíquo e imperialista”:

Ipanema era uma província? Era. Pelo menos está dito e repetido nos livros e crônicas que falam do bairro. Era um lugar família, mas a sacanagem rolava solta; um saudável esporte assim como pegar jacaré e jogar frescobol Então, de que Ipanema vou

falar? Da familiar ou da libertina? Da provinciana ou da cosmopolita? Da bairrista, da agregadora ou da muito pelo contrário? (p. 11)

A condição ambígua atribuída a um local que une, ao mesmo tempo, elementos tipicamente associados às cidades pequenas, como as relações primárias, com o aspecto vanguardista das cidades cosmopolitas, serve como o pano de fundo para uma representação bastante freqüente sobre Ipanema: a de um bairro que “lança modas”.

I.3. Um bairro que lança modas

Nos suplementos de imprensa pesquisados, a idéia de moda é recorrentemente utilizada para designar o passado de Ipanema: “*Nos anos 60 e 70, Ipanema viveu uma espécie de fase áurea, exportando personagens, moda, artistas, posicionamentos políticos e modos de vida*” (Caderno H, p.4). O bairro é qualificado como “*Laboratório de moda ... centro irradiador de tendências*” (Caderno Zona Sul, p.18) ou “*Lugar onde não faltaram musas, modismos, acontecimentos e polêmica*” (Veja Rio, p.12). Nos livros, a idéia também é freqüente. Jaguar acredita que o bairro “*se intrometia na cidade e no estado, ditava moda, hábitos e costumes para o Brasil e o mundo; cagava regras*” (p. 12).

A concepção de moda utilizada para qualificar Ipanema não se relaciona somente ao sentido mais comum de inovações nas vestimentas ou nos acessórios de uso pessoal; envolve também outros significados. A associação entre Ipanema e moda fundamenta-se na idéia de que o ipanemense típico possuía forte “gosto pelo novo” e uma habilidade peculiar em transgredir, criar e inventar manifestações artísticas e culturais, estilos de vida, comportamentos e atitudes. Para

ilustrar esta idéia não é necessário ler os livros ou as matérias de jornais e revistas que falam sobre o bairro, bastando observar as fotografias que se repetem nesse material.

A praia serve como o cenário privilegiado das imagens mais emblemáticas do passado de Ipanema, como a da atriz Leila Diniz grávida de biquíni; a do ex-guerrilheiro Fernando Gabeira de “tanga” tomando uma limonada ou a de um grupo de mulheres com os seios à mostra, rodeadas de repórteres e curiosos. Ipanema teria sido, sob esse ponto de vista, o local onde nasceram costumes e comportamentos que questionaram padrões tradicionais de conduta. De acordo com os livros e o material de imprensa, as atitudes ipanemenses teriam sido posteriormente difundidas e até copiadas em outros locais do Rio de Janeiro e do Brasil.

A gravidez fora do casamento de uma atriz famosa, o “topless” feminino e a semi-nudez de um militante de esquerda são imagens estrategicamente utilizadas para tornar concretas as idéias de “moda, “inovação” e “ousadia” que também contribuem para o imaginário que associa Ipanema ao conceito de “vanguarda”. Percebe-se que as fotografias que ilustram o caráter “criador de modas” de Ipanema não são selecionadas arbitrariamente, já que são justamente aquelas em que a “transgressão” está mais evidente por recair no próprio corpo das personalidades fotografadas.

A partir da pesquisa de Velho (1998) sobre jovens da década de 1970, nota-se que a idéia de ser “vanguarda” aparece como um valor fundamental para as camadas médias da Zona Sul do Rio de Janeiro nessa década. Esse grupo apresentaria forte anseio por mostrar um estilo de vida “vanguardista”, que se traduziria no valor atribuído ao tema da *mudança* como um modo de se opor a uma visão de mundo tradicional e conservadora:

O grupo definia-se como sendo orientado para a mudança. O vanguardismo implica na inovação, na invenção, e havia uma preocupação em ter uma vida privada coerente com o trabalho de criação. Ou seja, ser um artista de vanguarda, por exemplo, implicaria não ser pessoalmente “quadrado”, “careta”, “pequeno-burguês”. Mesmo as pessoas que não desempenhavam uma atividade que não fosse considerada

especialmente inovadora ou vanguardista aceitavam, em princípio, a importância de ser “aberto”, rejeitando as escalas de valores das famílias de origem, consideradas hipócritas, repressivas etc. (p.63/64)

Pode-se pensar na praia de Ipanema a partir do que Park (1967) denominou de *região moral*. O autor enfatiza que a distribuição da população urbana não obedece apenas a interesses ocupacionais e econômicos, relacionando-se também aos gostos, preferências e temperamentos individuais. Estes últimos seriam as forças que desenvolveriam as *regiões morais* das grandes cidades: locais de reuniões ou, simplesmente, pontos de encontro dos habitantes metropolitanos. Se Ipanema é entendida como um bairro onde se desenvolveram comportamentos “vanguardistas”, é no espaço da praia - mais propício para a exposição corporal - que as novas moralidades ganharam um destaque público. A partir da análise de Goldenberg (1995), sobre a trajetória da atriz Leila Diniz, pode-se argumentar que é na praia que o corpo ipanemense aparece sob sua forma “transgressora”, “polêmica” ou “libertária”. A autora afirma que a gravidez de Leila Diniz, tornada pública em 1971, materializou e corporificou seus comportamentos transgressores:

A barriga grávida de Leila Diniz, exibida de biquíni nas praias de Ipanema, é ainda hoje lembrada como símbolo da liberação da mulher no Brasil ... Ao exibir na praia sua barriga grávida, Leila demonstrou que a maternidade sem o casamento não era vivida como um estigma a ser escondido, mas como uma escolha livre e consciente. (p. 208-209)

Percebe-se que as noções de *vanguarda*, *mudança* e *moda* têm uma relação estreita. Em boa parte dos trabalhos teóricos sobre a temática da moda, essas noções também estão associadas. Apesar das controvérsias sobre as definições desse fenômeno, muitos estudiosos recorrem às noções de “transformação” ou de “mudança” para caracterizar a natureza da moda. Os debates convergem para a idéia de que “a única constante na moda é a mudança”. Mesmo pensadores

como Barthes (1979), que concebem a moda como um sistema fechado, acreditam que, ao contrário de seu *conteúdo*, a *forma* da moda deve sofrer eternas transformações para subsistir. Em “O império do efêmero”, Lipovetsky (2002) também sugere que “*não há sistema de moda senão quando o gosto pelas novidades se torna um princípio constante e regular*”(p.28).

Para compreender a crença de que Ipanema “lançou modas” é preciso pensar também no destaque atribuído às personalidades desse bairro, caracterizadas como indivíduos singulares e autônomos. Não parece incorreto afirmar que é apenas em sociedades que tomam o indivíduo como um valor moral que a moda poderia despontar como um tema possível para análise acadêmica. A maneira como os filósofos, antropólogos, sociólogos e historiadores concebem o fenômeno – por meio de mecanismos constantes de imitação e de distinção – revela a tensão do indivíduo moderno ocidental que oscila entre o desejo de receber apoio e aceitação de grupos sociais e as exigências internas e externas por criar os contornos de sua individualidade. Esse “dualismo de nossa existência”, como afirma Simmel (1988), auxilia a compreensão da relação entre a moda e as sociedades individualistas e, também, colabora para a compreensão do “porquê” Ipanema é associada à moda.

O material pesquisado sugere que falar de Ipanema não significa apenas descrever um espaço geográfico delimitado, mas, principalmente, lembrar de indivíduos “ousados”, “irreverentes” e “polêmicos”. A imprensa reafirma esta associação entre Ipanema e suas personalidades quando se refere ao “bairro de Tom e Vinícius”, “da Garota de Ipanema” e divulga as fotografias da tanga de Gabeira e da gravidez de Leila Diniz. O formato de “Ela é carioca” - que se apresenta sob a proposta de uma enciclopédia – também induz à idéia de que cada indivíduo retratado na obra é portador de uma definição particular. As descrições dos comportamentos, manias, gostos, preferências e vontades de cada ipanemense demonstram uma

valorização das escolhas individuais e enfatiza o caráter autônomo de um grupo social, composto por jovens de classes médias, que vivenciavam de modo pioneiro no Brasil um processo de socialização marcadamente individualista. Ruy Castro salienta, ainda, que a experiência com a prática psicanalítica tornou-se recorrente entre aqueles jovens de Ipanema na década de 1970.

O bairro recebe as mesmas qualificações que são atribuídas aos seus freqüentadores e moradores, o que faz pensar em uma espécie de “contágio” estabelecida entre o espaço e os indivíduos e vice-versa. O ipanemense teria a capacidade de “contagiar” o bairro, ao mesmo tempo em que é contagiado pelas características desse espaço. Este modo de entender a relação entre o espaço físico e aqueles que fazem uso dele remete às idéias de Park (1967), para quem

através dos tempos, todo setor ou quarteirão da cidade assume algo do caráter e das qualidades de seus habitantes ... como efeito disso, o que a princípio era simples expressão geográfica converte-se em uma localidade com sentimentos, tradições e uma história sua. (p. 30)

Como pode ser percebido no material aqui analisado, é a partir de uma valorização das peculiaridades e vontades dos indivíduos que o espaço de Ipanema é transformado em memória. Há inclusive uma “personificação” do bairro, tratado não apenas como um espaço, mas como sujeito e agente de mudanças: *“Ipanema mudou o jeito de o brasileiro escrever, falar, vestir-se (ou despir-se) e talvez, até de pensar”* (Ruy Castro, p.11).

Entendendo que a forma e o conteúdo da memória podem variar segundo as culturas, pode-se pensar que o modo como uma sociedade percebe o indivíduo é um aspecto determinante para as elaborações da memória. Vernant (1987) argumenta que os exercícios de memória na Grécia arcaica relacionavam-se com o tipo de experiência que os gregos tinham de eu, de pessoa e de corpo. Contrapondo a um tipo de memória moderno e ocidental, em que o indivíduo é lembrado como alguém que apresenta consciência de si e possui um universo

interior, o autor afirma que o herói grego é lembrado por suas façanhas, seu prestígio e seu destino realizados no mundo externo. Ao contrário da noção de indivíduo como unidade básica da vida social, que inaugura a ideologia moderna (Dumont, 2000), a celebração dos heróis gregos pela memória coletiva demonstra uma valorização de comportamentos adequados a papéis prescritos na vida social.

Pode-se pensar, a partir do diálogo de Vernant (1987) com Dumont (2000), em dois tipos distintos de memória que acompanham dois tipos distintos de sociedade: a memória como “fato social total” e a memória “fragmentada” ou “especializada”. A primeira seria característica de culturas onde as distintas dimensões da vida social, como a política, a religião e a economia, se apresentariam de modo integrado. Este seria o caso das chamadas culturas primitivas e dos mitos gregos analisados por Vernant (1987). A memória dessas sociedades cobre um universo amplo pois traz à tona, através de um indivíduo, toda a cosmologia social. O segundo tipo de memória, mais ligado às sociedades individualistas, é o que se encontra nos livros e nas matérias de imprensa que falam sobre Ipanema, já que demonstram que o indivíduo é lembrado por sua singularidade em relação às esferas sociais, percebidas como separadas ou compartimentadas. Tal como o paradigma do indivíduo moderno, o ipanemense é, por definição, um sujeito livre, autor de suas escolhas, formulador de seu próprio estilo de vida e de sua maneira de pensar.

I.4.As artes de Ipanema

Além da noção de “criador de modas”, outros atributos ligados aos campos cultural e artístico brasileiro da década de 1960 também são entendidos como sinônimos de Ipanema, como, por exemplo, “... *local que viu nascer a geração bossa nova e o cinema novo*” (Caderno Zona Sul, p.34), “*endereço que resume a produção cultural brasileira nos anos 60*” (Caderno Zona Sul, p.34) ou “*gueto de intelectuais, artistas, gente de literatura, cinema, música*” (Veja Rio, p.12).

A Bossa Nova e o Cinema Novo servem como exemplos da associação freqüentemente estabelecida entre o passado do bairro de Ipanema e a noção de “efervescência cultural”, “vanguarda” e até mesmo de “moda”. Entre as justificativas de Carlos Leonam para fazer de seu livro “*uma espécie de testemunho daqueles tempos*” (p.13) está o fato de ter sido um “*participante e testemunha privilegiada da Bossa Nova, do Cinema Novo, dos mitos de Ipanema, e amigos de seus personagens*” (p. 17)

Caracterizada como um estilo “popular-erudito”, a Bossa Nova propôs novos ritmos e arranjos para a música brasileira, além de ter incorporado com o “canto falado” uma maneira diferente de cantar (Ortiz, 2001). Já o projeto do Cinema Novo, desenvolvido na passagem dos anos 1950 para a década de 1960, inclinou-se em direção a uma “invenção” e “experimentação” da linguagem cinematográfica brasileira através da realização de filmes “não-industriais” e comprometidos, principalmente, com o tema da fome e do subdesenvolvimento do país (Gonçalves & Hollanda, 1982).

Muitas produções culturais brasileiras do final de 1950 e início de 1960 desenvolveram-se, de acordo com Ortiz (2001), em torno de movimentos, e não exclusivamente no âmbito da

esfera privada do artista. Este fato refletiria, segundo o autor, a convicção de seus participantes de estarem vivendo um momento particular da história brasileira:

Bossa nova, teatro Arena, tropicalismo, cinema novo, CPC da UNE eram tendências que congregavam grupos de produtores culturais animados, se não por uma ideologia de transformação do mundo, pelo menos de esperança por mudança. Neste sentido podemos dizer que cultura e política caminhavam juntas nas suas realizações e nos seus equívocos. (p.110)

Não cabe aqui, no entanto, aprofundar a análise destes dois movimentos, visto que o interesse desta pesquisa é o bairro de Ipanema. Nesse sentido, tanto a Bossa Nova quanto o Cinema Novo aparecem, apenas, quando associados às representações sobre o bairro.

Sem deixar de lembrar que o foco desta pesquisa é um bairro e, portanto, uma estrutura física delimitada, é interessante observar que as representações elaboradas pelos livros e pela imprensa recaem, muitas vezes, sobre espaços específicos de Ipanema. Nem todas as ruas, casas e esquinas recebem as mesmas qualificações que são atribuídas ao bairro como um todo. Existem localidades que recebem maior destaque por “assumirem” o “espírito ipanemense”. Os espaços emblemáticos do passado de

Ipanema são precisamente aqueles onde os indivíduos
“criativos” e “que lançam modas” se encontravam.

Além da praia, antigos botequins são lembrados como locais representativos da “efervescência” cultural ipanemense da década de 1960. Na enciclopédia de Ruy Castro, oito verbetes são dedicados aos botecos e “pés sujos” do passado do bairro: Bar Lagoa, Bofetada, Calypso, Jangadeiro, Mau Cheiro, Varanda, Veloso e Zeppelin. O autor associa a fama, o “charme” e até a falência de alguns botequins às distintas apropriações e ressignificações vividas pela trajetória desses espaços.

Os bares de Ipanema são entendidos como os principais pontos de encontro de artistas brasileiros, como os músicos da Bossa Nova e os cineastas do Cinema Novo. Na seção “Ipanema Cultural” do Caderno Zona Sul, a matéria intitulada “*Quando os bares eram os melhores fóruns de debate*” diz que nos botequins de Ipanema “*se reuniam aqueles que virariam mitos das gerações seguintes, e que fizeram nascer uma nova Ipanema a partir dos movimentos nascidos em mesas de bar. Crias dessa geração foram a Bossa Nova e o Cinema Novo.* (p.35)

Os bares dos “anos gloriosos” são classificados segundo seu tipo específico de público, como mostra a Veja Rio: “*Escritores e jornalistas reuniam-se no Zeppelin ... músicos no Veloso ... Havia também o Jangadeiro, reduto da Banda de Ipanema ... e o pé-sujo Mau Cheiro freqüentado pelo pessoal do Cinema Novo*”. (p. 14)

A ligação dos jovens cineastas do Cinema Novo com os bares de Ipanema, mas, principalmente, com o “pé sujo” Mau Cheiro, é comentada com ironia por Ruy Castro: “*A ‘estética da fome’ do cinema brasileiro nasceu ali, embora ninguém passasse fome com os pratos robustos do Mau Cheiro*” (p.251). A imprensa afirma que as reuniões sociais nesses botequins contribuíram para a criação do projeto cinemanovista:

O Cinema Novo teve em Ipanema mais sua origem do que seu destino. A idéia na cabeça de expoentes como Glauber Rocha, Mario Carneiro, Saraceni e Ruy Guerra, desenvolveu-se nos redutos da turma – o Zeppelin e o Mau Cheiro – mas a câmera na mão voltou-se para o sertão, o Nordeste e outros cenários longe da brisa do Posto 9. (Caderno Zona Sul, p.38)

Como se vê, os bares de Ipanema não teriam servido apenas como áreas de lazer e de sociabilidade dos jovens cineastas brasileiros. Esses locais representariam, acima de tudo, o espaço onde se desenvolveram as idéias e os principais conceitos da nova estética do cinema nacional. De acordo com Gonçalves e Hollanda (1982), o Cinema Novo rejeitava os padrões estético-ideológicos da indústria cinematográfica dominante, propunha a realização de filmes “descolonizados” e condizentes com a “arte revolucionária” que começava a mobilizar a intelectualidade brasileira de então. Sob essa perspectiva, não causa espanto que o Cinema Novo constitua um verbete da enciclopédia de Ruy Castro. A relação desse movimento artístico – alçado ao posto de “*vanguarda estética e ideológica da produção cultural brasileira*” (Gonçalves e Hollanda, 1982: p. 49) - com os espaços “informais” dos botecos de Ipanema é um motivo mais do que suficiente para que Ruy Castro o classifique como “típico” de Ipanema: “*de alguma forma, todos eram de Ipanema, em cujos botequins, Mau Cheiro e Zeppelin, desenvolveram a teoria e a prática do Cinema Novo*” (p. 91).

Assim como o Mau Cheiro é pensado como o “pé sujo” do “pessoal do Cinema Novo”, os músicos da Bossa Nova são recordados por freqüentar, principalmente, o Bar Veloso. O significado do Veloso como um dos espaços que associam a Bossa Nova ao bairro de Ipanema relaciona-se, em primeiro lugar, à criação de “Garota de Ipanema”, a música mais famosa desse estilo musical. Em decorrência do grande êxito alcançado por Garota de Ipanema no Brasil e no exterior – a canção está entre as mais executadas do mundo – a história da criação dessa música, que envolve os compositores Tom Jobim e Vinícius de Moraes, a musa inspiradora Helô Pinheiro

e o bar Veloso, transformou-se em uma lenda do bairro, narrada por todos os suplementos analisados:

Muitos papos de mesa de bar ajudaram a dar alma ao bairro. Sem dúvida, o mais famoso deles foi o de Tom e Vinícius, nos anos 60, que de tanto admirar o doce balanço de Helô Pinheiro – mais doce ainda sob o encanto de um momento mágico típico dos botecos – compuseram a canção que levou Ipanema para a boca do mundo. Está lá o bar Garota de Ipanema, antigo Veloso, que não me deixa mentir. (Caderno H, p.14)

Nenhuma canção nacional foi – e continua sendo – tão executada quanto “Garota de Ipanema”...A música de Tom e Vinícius, de 1962, foi inspirada em Helô Pinheiro quando passava a caminho do mar em frente ao bar Veloso – hoje Garota de Ipanema. (Caderno Zona Sul, p.38)

Uma das mais executadas canções do mundo foi composta em 1962, na casa de Tom Jobim. A idéia nasceu nas mesas do bar Veloso, onde Tom e Vinícius passavam horas bebericando, jogando conversa fora e observando as mulheres, entre elas a musa Helô Pinheiro. (Veja Rio, p.14)

A ligação entre o Cinema Novo e a Bossa Nova com o bairro de Ipanema se faz pelo caráter “vanguardista” desses dois movimentos: ambos são entendidos como estilos artísticos que romperam com os padrões estéticos e musicais tradicionais. Todavia, nota-se que o vínculo da Bossa Nova com o bairro aparece de modo ainda mais peculiar se comparado ao do Cinema Novo. Como a imprensa menciona, embora a troca de idéias entre os cineastas brasileiros se desenrolasse nos botecos de Ipanema, os filmes desse movimento voltaram-se para cenários nada parecidos com o bairro, como, por exemplo, o sertão nordestino. No caso da Bossa Nova, Ipanema aparece não apenas como um ponto de encontro de seus principais representantes, mas figura também como temática de suas canções mais famosas.

Ruy Castro argumenta contra a crença de que a Bossa Nova teria sido criada em Copacabana, fornecendo elementos para se pensar em uma série de aspectos simbólicos

utilizados para diferenciar Ipanema de seu bairro vizinho. O autor sustenta que Copacabana era apenas o local de trabalho da Bossa Nova, uma vez que “*era lá que ficavam o Beco das Garrafas e as demais boates*” (p.57). Assim, “*a Bossa Nova ia a Copacabana para trabalhar. Para morar, criar e se divertir, seu território era Ipanema*” (p.59). Mas o principal fundamento que explica o caráter predominantemente “ipanemense” da Bossa Nova, em oposição ao “clima” de Copacabana, localizava-se “*no coração da matéria*” (p.59), ou seja, no tema das canções desse estilo musical:

Copacabana era associada à noite, às boates enfumaçadas, às mulheres adultas e fatais e àquele clima de pecado e traição dos samboleros dos anos 50. Já a Bossa Nova era uma música jovem, diurna, de frente para o mar, e esse espírito solar era o de Ipanema e do Arpoador. A mulher na Bossa Nova era a moça da praia, a garota, a namorada – não a amante proibida e vingativa, com uma navalha na liga. E as letras da Bossa Nova não tinham nada de enfumaçado. Eram uma saga oceânica: a nado, numa prancha ou num barquinho, seus compositores prestaram todas as homenagens possíveis ao mar e ao verão. Esse mar e esse verão eram os de Ipanema. (p.59)

A construção simbólica de Ipanema como um bairro que “lançou moda” e que se consolidou como vanguarda dos costumes e das manifestações artísticas brasileiras edifica-se por uma associação entre espaços e pessoas. O bairro como um todo é tomado por suas partes. A valorização da praia e dos bares demonstra que Ipanema não era apenas o local onde os indivíduos se encontravam, criavam e executavam os acontecimentos pioneiros. Mais do que isso, o bairro é entendido como um local propício para as inovações por despontar como fonte de inspiração e como motivo de celebração dos ipanemenses.

I.5. Um bairro fora de seus próprios limites

O livro de Jaguar também fornece evidências de que esses locais de sociabilidade foram importantes para definir o passado de Ipanema. O autor expressa essa idéia a partir da caracterização dos ipanemenses, narrando histórias bem humoradas ocorridas no espaço dos bares:

Aquela história do coelho no Jangadeiros acho que todo mundo já conhece. Quando um garoto gritou “papai, olha um coelho!” foi um alívio geral. Ninguém ousava dizer que tinha um coelho correndo entre as mesas; pensavam que estavam tendo alucinação alcoólica”. (p.52)

Entre os “ipanemenhos padrões”, descritos no livro de Jaguar, quase todos são apresentados como assíduos freqüentadores de bares e botecos, ou lembrados pelas “loucuras” cometidas em estados alterados de consciência, sob o efeito de bebidas alcoólicas. O próprio autor não se exclui dessa caracterização, desculpando-se, em pelo menos dois trechos do livro, pela sua “amnésia alcoólica” que o fez esquecer de pessoas ou “embaralhar as lembranças”. O estilo de vida boêmio do autor e de seus amigos de Ipanema está evidenciado no capítulo dedicado ao “ipanemense ilustre” “Carlinhos de Oli”:

Nunca marcamos encontro, mas durante anos a gente se esbarrava na ronda dos bares ... chegávamos em horários diferentes mas amiúde éramos os últimos a sair. Só íamos embora quando os garçons começavam a jogar baldes d’água nos nossos sapatos. Numa dessas madrugadas, no Degrau, estávamos tomando a saideira em pé porque as cadeiras já estavam empilhadas em cima da mesa. Carlinhos pagou a conta com um cheque que assinou contra a parede. Teve um ataque de fúria quando o cheque foi devolvido; a assinatura “José Carlos de Oli” não conferia. O “veira” restante estava escrito na parede”. (p. 31/32)

O trecho acima poderia representar uma descontinuidade nas representações sobre o bairro de Ipanema, já que o bar mencionado localiza-se no Leblon. Contudo, Jaguar insiste que, embora o seu grupo freqüentasse outros locais da cidade, inclusive os bares da Lapa, Leblon e Copacabana, o “clima” que emprestavam a esses ambientes era marcadamente “ipanemense”:

As festas que Albino e eu dávamos na Estudantina Musical, na praça Tiradentes, no Silvestre, em Santa Teresa, no Elite, na praça da República, e na Banda Portugal, na Presidente Vargas, eram festas ipanemenses ... A turma de Ipanema aprontava no Degrau (Leblon) ... no Alfredão (Lido), no Bar Brasil (Lapa), na Gôndola, Katakombe e Galeria Dezon (Copacabana) ... e até em Petrópolis”. (p. 17)

Com base nessa idéia de Jaguar, pode-se pensar que a categoria “Ipanema”, pensada como um adjetivo que qualifica pessoas, lugares e comportamentos, não precisa estar necessariamente vinculada ao espaço físico do bairro. Da mesma forma, “ipanemense” ou “ipanemenho” são identidades utilizadas para designar pessoas que não têm, necessariamente, um vínculo direto com os limites territoriais de Ipanema. Morar no bairro, por exemplo, não é uma condição necessária, nem tampouco suficiente, para que um indivíduo assuma essa identidade. De modo análogo, “ipanemenses típicos” podem ser habitantes de outras localidades, como é o caso do próprio Jaguar:

Nós, ipanemenses dos anos 60, estávamos nos lixando para os limites geográficos do bairro. Eu mesmo, enchendo a boca falando em “nós, ipanemenses”, morava em Copacabana. ... Havia uma espécie de imperialismo ipanemense. Como grileiros, invadíamos a cidade e até o estado do Rio. (p. 17)

Na obra de Ruy Castro essa idéia também é marcante já que nem todas as personalidades que aparecem em seu livro foram moradoras de Ipanema. Exemplos paradigmáticos da “autonomia” que esse conjunto de representações apresenta diante das fronteiras do bairro são os artistas internacionais que aparecem na enciclopédia desse autor.

Um verbete interessante é o de Isadora Duncan, que esteve de passagem pelo Rio de Janeiro, em 1915, na seqüência de uma turnê mundial. Percebe-se que o que explica a presença dessa dançarina na “enciclopédia de Ipanema” não é somente o fato da artista ter conhecido a praia do Arpoador durante sua estadia na cidade, mas a percepção de que seu “perfil” assemelha-se

ao da típica mulher ipanemense, defendido por Ruy Castro. O autor descreve Isadora Duncan como “*uma modernista radical, na dança e no comportamento: escolhia os homens que queria como amantes, tinha filhos com eles, dispensava-os de casar e, aonde fosse, arrastava séquitos de todos os sexos*” (p. 174). Aqui, o bairro é associado não ao imaginário “boêmio”, mas às noções de “avanço” e “liberdade”, que também são empregadas na descrição de quase todas as mulheres da enciclopédia. A percepção de que as ipanemenses teriam uma inclinação para romper com os papéis de gênero convencionalmente prescritos aparece no seguinte trecho:

As mulheres de Ipanema tinham desprezo por conceitos como virgindade, casamento burguês, fritar bolinhos, monogamia e maridinho-provedor-do-lar. Elas estudavam, trabalhavam, moravam sozinhas, namoravam quem quisessem e não davam satisfações. Nada que fizessem era chocante em Ipanema. (p. 210)

Ao qualificar como “ipanemenses” a americana Isadora Duncan e as festas na Praça Tiradentes e em Santa Teresa, Ruy Castro e Jaguar sugerem que os aspectos simbólicos atribuídos à Ipanema transcendem os limites territoriais do bairro. Ao contrário do que pode parecer, esse aspecto somente comprova a importância do espaço para a criação de classificações sociais. Como sugeriu Mauss (1974) – ao pesquisar a sociedade esquimó – e Halbwachs (1990) – ao refletir sobre o tema da memória – o espaço é uma categoria de pensamento que estrutura representações e práticas sociais. Assim, embora o imaginário sobre Ipanema seja sólido o suficiente a ponto de se desligar das fronteiras do bairro, é somente em referência àquele espaço que esse conjunto de representações e de memórias se consolida adquirindo sentido.

I.6. Ser ipanemense como categoria acusatória

Nota-se que são muitas as representações evocadas pela palavra “Ipanema”, podendo designar tanto estilos de vida “livres”, “transgressores” e “modernos” quanto “boêmios”, “criativos” e “informais”. De uma maneira ou de outra, “Ipanema” é uma categoria repleta de significados, e é interessante pensar que, se por um lado, essas elaborações são utilizadas para enaltecer o bairro, por outro, elas também podem assumir valores negativos e transformar a identidade “ipanemense” em uma categoria de acusação.

Para compreender de que modo “Ipanema” simbolizou um rótulo negativo é necessário buscar alguns emblemas capazes de traduzir aquilo que se considera como o “espírito” do bairro em épocas passadas. Dentre todas as personalidades, acontecimentos e lugares recorrentemente citados nos livros e na imprensa, acredito que a atriz Leila Diniz, a noção de “Esquerda Festiva” e o jornal “O Pasquim” podem ser “bons para pensar” um tipo de representação atribuído à Ipanema contra o qual voltaram-se alguns discursos acusatórios.

A associação entre Leila Diniz e o passado de Ipanema é evidente. A atriz foi eleita madrinha da Banda de Ipanema, musa de “O Pasquim” e Rainha das Vedetes de Ipanema, além de freqüentar, desde os 14 anos, os bares e restaurantes onde se reunia a boemia artística e intelectual do Rio de Janeiro, no circuito de Copacabana e Ipanema (Goldenberg, 1995). Leila Diniz integrava a “turma de Ipanema” de que falam Jaguar e Carlos Leonam. Na enciclopédia de Ruy Castro a descrição da atriz possui um número de páginas superior ao da grande maioria dos demais verbetes. A imprensa sustenta que *“poucas mulheres encarnaram tão bem o espírito de Ipanema. Bem-humorada, curiosa, transgressora, a atriz foi a grande musa do bairro.”* (Veja Rio, p.13). Não resta dúvida, portanto, de que Leila Diniz é uma figura paradigmática do passado do bairro.

Na célebre entrevista a “O Pasquim”, como analisa Goldenberg (1995), Leila Diniz transgrediu as regras de linguagem ao dizer inúmeros palavrões; negou os principais valores do campo artístico afirmando que escolhia o trabalho pela “patota” e pela diversão e mostrou viver sua sexualidade de forma livre e intensa. A fotografia de sua gravidez de biquíni amplamente divulgada pela imprensa da época (e de hoje também) simbolizou a rejeição da atriz pelo casamento convencional e pelos papéis tradicionais de “ser mulher”. Assim, se a figura de Leila Diniz é apropriada pelos meios de comunicação para exemplificar o “tipo ideal” ipanemense, isso se deve, em grande medida, pelo fato de a atriz ter demonstrado publicamente sua recusa a uma série de valores predominantes na sociedade brasileira das décadas de 1960 e 1970.

A partir das acusações que recaíram sobre os comportamentos dessa atriz, é possível pensar sobre o modo como a identidade “ipanemense” foi vivenciada como um rótulo negativo. O trabalho de Goldenberg (1995) mostra que as acusações de desvio variam conforme o grupo que

cria o rótulo. Enquanto Leila foi chamada de “puta” e de “subversiva” pela “direita”, a “esquerda” e as feministas da época acusavam-na de ser “alienada”, “superficial” e “porra-louca”.

Esta ambigüidade das acusações dirigidas à atriz Leila Diniz também pode ser pensada por meio da expressão “Esquerda Festiva”, utilizada para qualificar toda a “patota de Ipanema”. Uma indicação de que esse termo está intimamente ligado à rede social de artistas e intelectuais do passado desse bairro é a frequência com que aparece nos livros dos três autores selecionados. A expressão foi inclusive criada por um deles – Carlos Leonam - e está sob a forma de verbete na “enciclopédia de Ipanema”. Nos livros de Ruy Castro e de Jaguar o termo é associado à Banda de Ipanema, um bloco de carnaval que desde 1965 percorre as ruas do bairro após se concentrar na Praça General Osório.

A expressão “Esquerda Festiva” representa o “espírito ipanemense” que os autores tentam transmitir em seus livros. É pensada como um estandarte da maneira de ser da “turma de Ipanema”, reunindo idéias como “informalidade”, “liberdade”, “boemia”, “crítica”, “humor” e “descontração”. A palavra “Esquerda” refere-se ao posicionamento político desse grupo que se opunha à ditadura militar. Já o termo “Festiva” é utilizado para diferenciar esse grupo da seriedade que caracterizaria os jovens militantes de esquerda no Brasil daquele período. Seguindo opinião semelhante à de Ruy Castro, para quem “*se a Esquerda Festiva teve um braço armado, este foi a Banda de Ipanema*” (p. 118), Jaguar mostra como a relação da Banda de Ipanema com a noção de “Esquerda Festiva” pode elucidar a expressão cunhada por Carlos Leonam:

A Banda foi pra rua um ano depois do Golpe e incomodava a direita e muitos da esquerda, que não entendiam que o riso e a crítica eram as nossas armas. A gente se divertia sacaneando os caras encastelados (com trocadilho) no poder. O Leonam inventou a expressão Esquerda Festiva ... A maioria ia de terno, gravata e chapéu de palhinha ou panamá – para nós era fantasia, só usávamos esses trajes nos desfiles. (p.41)

Ruy Castro mostra, nos verbetes “Banda de Ipanema” e “Esquerda Festiva”, que a “turma de Ipanema” recebeu acusações por “brincar carnaval” em pleno regime militar:

... a Banda sofreu um patrulhamento até maior vindo da esquerda séria, para quem era heresia brincar Carnaval com tanta gente sendo perseguida pela ditadura. Mas, para as cabeças pensantes da Banda, essa era apenas uma atitude da esquerda triste, que, além de não derrubar o regime, ainda nos queria privar do Carnaval (p. 48) ... A esquerda dita séria não gostava da Esquerda Festiva. A direita também não. Ambas usavam a expressão para ofender os membros da dita”. (p.118)

Se Ipanema representava, de um lado, uma “ameaça” ao governo militar por ter sido, segundo Ruy Castro, “*um reduto permanente de oposição que combateu ou criticou todos os governos dos últimos sessenta anos* (p.11)”, muitas acusações dirigiam-se, por outro, à postura excessivamente “descontraída” e à falta de compromisso e seriedade do ipanemense frente às questões mais “importantes” do país. Talvez seja em referência a esses aspectos que o autor comenta a condenação da cantora Nara Leão à “*alienação de Ipanema*” (p.59).

Outro ícone do passado de Ipanema, capaz de colaborar para o entendimento das acusações de desvio, é o jornal “O Pasquim”. Vale dizer que os três autores aqui analisados – Jaguar, Carlos Leonam e Ruy Castro – já trabalharam ou, pelo menos, colaboraram para esse semanário. Em fins de 1970, nove integrantes do Pasquim foram presos pelo governo militar e o jornal foi mantido sob censura. No verbete “O Pasquim”, da enciclopédia ipanemense, Ruy Castro defende que o jornal era “*engraçado, provocativo e desrespeitoso, mesmo quando tratava de assuntos sérios*” (p.281) e faz ressalvas ao classificá-lo como um jornal de oposição:

Nitidamente era um jornal “de esquerda” – mas não da esquerda oficial, do Partidão ... ou mesmo da esquerda estudantil, maoísta, que já começara a assaltar bancos e a fazer caixa para a luta armada. Era uma esquerda de humoristas, mais para

festiva, tipo Ipanema, que os militares ainda não levavam a sério. (p.280) ... Era o apogeu da Esquerda festiva, da qual o Pasquim era um alegre porta-voz, e do mito de Ipanema, de que ele foi o grande estimulador. (p.282)

No livro “Os degraus de Ipanema”, Carlos Leonam mostra que as críticas dirigidas aos ipanemenses eram uma preocupação para Jaguar, fundador d’O Pasquim, nas primeiras tiragens do jornal. Em resposta ao pedido de Carlos Leonam para colaborar com o tablóide, Jaguar teria advertido: “*queremos fazer um jornal que não seja rotulado de ipanemenho*” (p. 218). Segundo Braga (1991:193), uma acusação freqüente que se fez ao Pasquim é que, apesar de crítico e politicamente avançado, o jornal era machista. De acordo com o autor, embora o Pasquim abrisse espaço para artigos escritos por colaboradoras que participavam das lutas da mulher, o jornal também ironizava as feministas mais engajadas em algumas frases de capa como “*Desculpe Dona Betty [Friedan], mas nós vamos dar cobertura às furadoras da greve do sexo*”; “*Pasquim – um jornal ao lado da mulher. E se for o caso, sobre e sob*” ou “*Pasquim -Um jornal por dentro das feministas*”.

As acusações dirigidas ao Pasquim, à turma da Esquerda Festiva e à atriz Leila Diniz variaram de acordo com grupos sociais distintos. De um lado, sofreram perseguições por representarem uma ameaça à ideologia do governo militar. Eram considerados “perigosos” pelos segmentos mais conservadores da sociedade brasileira da década de 1960. De outro, aos olhos dos militantes políticos de oposição ou das lutas feministas, simbolizavam o “desbunde”, a falta de seriedade e a alienação.

Percebe-se que a identidade ipanemense ocupa uma posição peculiar em um sistema de rotulação e acusação. A ameaça apresentada pelos jovens do passado de Ipanema parece resultar de uma condição que oscila entre pólos antagônicos, como o de “subversivo”, de um lado, e o de

“alienado”, de outro. Estes exemplos mostram de forma paradigmática a idéia de Becker (1971), para quem não existem condutas essencialmente desviantes, mas diferentes maneiras de se reagir a elas. Para o autor, o desvio não é criado por aquele que o realiza mas pelos grupos que classificam tal comportamento como desviante.

I.7. A memória dos livros & a atualidade da imprensa

Com base no que foi discutido, fica claro que, para os autores investigados, o bairro de Ipanema “não existe mais”, já que os locais e acontecimentos mais representativos de suas memórias, como os bares, a praia e a Banda de Ipanema, não seriam os mesmos de antes. Na definição de Jaguar e de Leonam, Ipanema - como uma categoria que reúne os valores e histórias daquele grupo de jovens da década de 60 - é “aquela Ipanema”, ou seja, o bairro que marcou os “anos gloriosos” de sua geração.

A investigação de Lins de Barros (1999) sobre a memória da cidade do Rio de Janeiro revela que a autopercepção de indivíduos e de grupos sofre o impacto das transformações sofridas, com o tempo, pelo espaço urbano da cidade. Apoiada no argumento de Halbwachs (1990), para quem os marcos espaciais são fundamentais para a construção de uma *memória coletiva*, a autora afirma que as identidades construídas em referência a locais que não existem mais acabam perdendo seu significado.

O material de imprensa, mesmo apresentando um discurso que celebra o passado de Ipanema, apresenta uma versão mais positiva em relação ao bairro. Enquanto os livros constituíram um objeto de pesquisa fundamental para compreender as representações do passado de Ipanema, na investigação sobre os tempos atuais desse bairro foi o material de imprensa (Jornal do Brasil, O Globo e Veja Rio) que forneceu maiores possibilidades de reflexão.

Nas matérias examinadas é possível encontrar a idéia de que, embora o bairro não seja mais como era, ainda mantém algumas características “daqueles tempos”, resistindo e sobrevivendo às transformações trazidas com o passar dos anos: “*Ainda cheia de graça, Ipanema perde seu*

jeito provinciano, mas mantém viva toda sua magia e sedução” (Caderno H, p.4), “o ano de 1971 foi sucedido por uma onda de inovações que tornou Ipanema centro irradiador de tendências ... A herança é forte e o momento atual faz jus ao passado” (Caderno Zona Sul, p.18); “Apesar de toda a badalação, uma Ipanema com jeito de cidade pequena ainda sobrevive”

(Veja Rio, p.16).

Apesar da ênfase nas “sobrevivências” dessa Ipanema ligada a um passado “mítico”, o bairro teria adquirido novos atributos igualmente valorizados. É como se esses suplementos construíssem Ipanema a partir de, pelo menos, dois enquadramentos, já que a aura que envolve as supostas memórias dos “anos gloriosos” do bairro é transportada para o presente sob nova roupagem. Enquanto os principais termos que qualificam o passado de Ipanema são “moda”, “vanguarda” e “boemia”, as categorias definidoras da Ipanema atual, como se verá, se traduzem nas noções de “sofisticação” e “elegância” misturadas, às vezes, a elementos de “informalidade”.

Os maiores responsáveis por emprestar um novo caráter ao bairro de Ipanema, pensando com base nos jornais e revistas analisados, teriam sido os serviços de alto luxo, representados, sobretudo, por livrarias, lojas e restaurantes inaugurados nos últimos anos no bairro. Esta idéia pode ser vista nos três suplementos pesquisados:

Tudo está muito distante da velha Feira Hippie que marcou os anos loucos do bairro. O comércio sofisticou-se para atender uma rica clientela de várias partes do mundo. ...Ipanema se profissionalizou ... A maioria dos velhos casarões do bairro já não existe mais. Eles deram lugar a hotéis de luxo, edifícios comerciais modernos e inteligentes ou a condomínios residenciais sofisticados”. (Caderno H, p.4)

Além de uma volta ao passado, este especial do Globo-Zona Sul revela que a história do bairro, da qual fazem parte Tom Jobim e Vinícius de Moraes, continua sendo escrita, hoje, por empresários da moda que, sediados em Ipanema, exportam seu estilo de vida. (Caderno Zona Sul, p.16)

Nas últimas décadas, enquanto os saudosistas lamentavam o fim do agito cultural que marcou o bairro dos anos 40 aos 70, estilistas, designers e restaurateurs foram, aos poucos, mostrando mais uma vocação de Ipanema ... o bairro hoje é o mais luxuoso shopping a céu aberto da cidade. É também praia de modismos e corpos esculturais, mesa de inovações gastronômicas, vitrine de roupas e acessórios impecáveis. (Veja Rio, p.11)

I.8. Ipanemenses sofisticados

A importância conferida ao novo comércio como elemento delineador da nova feição do bairro se manifesta através da frequência com que os proprietários ou representantes desses locais são solicitados pela imprensa. Inúmeras reportagens elegem indivíduos dessa categoria para prestarem depoimentos sobre o bairro. Nos suplementos examinados, destacam-se trechos em que essas pessoas justificam suas escolhas por Ipanema, argumentando tratar-se de um local estratégico:

‘Hoje Ipanema é fundamental para projetar uma marca no país e internacionalmente. Como a Rua Oscar Freire em São Paulo’, explica o estilista Tufi Duek, que inaugura na terça uma megaloja da sua Forum na Praça Nossa Senhora da Paz. (Veja Rio, p.14)

Quisemos ir para Ipanema por ser um bairro bonito por natureza, onde as pessoas buscam lazer e bem-estar – diz Ricardo Stern, dono do restaurante Via Sete, cuja primeira loja, ainda existente, foi construída no Centro. (Caderno Zona Sul, p. 45)

Uma idéia implícita é a de que muitos desses indivíduos teriam escolhido trabalhar e investir em Ipanema por cultivarem uma relação sentimental com o bairro, como se percebe em um depoimento colocado, em destaque, sobre a foto de Lenny Niemeyer, proprietária de uma loja na Rua Garcia D’Ávila: “Adoro a Garcia D’Ávila, minha rua predileta, onde encontro amigos e conheço o jornaleiro” (Caderno Zona Sul, p.45). O prestígio conquistado por esses indivíduos envolvidos com o novo comércio do bairro é tal que eles são solicitados não apenas para

discutirem o caráter rentável ou promissor de Ipanema, mas, também, para revelarem suas opiniões pessoais sobre o bairro:

‘Minha mulher está sempre descobrindo coisas fantásticas por aqui’, conta Rui Campos, o Rui da Livraria da Travessa. ... ‘A gastronomia é hoje, sem dúvida, um dos trunfos de Ipanema’ diz Angela Hall, gerente da Louis Vuitton e moradora do bairro ... ‘É um bairro cheio de vida’, afirma a arquiteta Bel Lobo, que deu forma a vários restaurantes e lojas da região. (Veja Rio, p.15-16)

Não é difícil imaginar que a imprensa demonstre outros interesses – para além da comemoração do aniversário de 110 anos – para elaborar uma imagem positiva sobre Ipanema. Seria ingênuo desconsiderar os interesses econômicos dos meios de comunicação nos empresários atuantes no bairro. Nesse sentido, é possível pensar que muitas matérias acabam cumprindo uma função publicitária que visa tornar mais atrativos os serviços dos anunciantes por meio de uma exaltação do bairro onde estes se localizam. De qualquer maneira, é possível refletir que se o passado do bairro - conforme expressam os livros - é elaborado por uma elite artística e intelectual que se coloca como protagonista das memórias do bairro, a atualidade de Ipanema - como revela a imprensa - é elaborada por uma elite comercial que também se inclui com destaque nas representações simbólicas atuais desse bairro. Pode-se sugerir que os critérios que tornam determinadas pessoas “legítimas” para falar sobre Ipanema variam segundo o recorte temporal que se pretende abordar. Enquanto os portadores das “memórias autênticas” ou do relato mais “confiável” sobre o passado são artistas e intelectuais, a *hierarquia de credibilidade* (Becker, 1977) se transforma quando o tema é a atualidade, em que os indivíduos que ganham maior legitimidade são os representantes do comércio de luxo.

I.9. Ipanema como estilo de vida

Dentre os profissionais ligados ao campo da moda e da gastronomia, há dois indivíduos que merecem atenção por receberem destaque nos três suplementos analisados. São eles, Oskar Metsavaht e Alexandre Accioly. O primeiro é proprietário da cadeia de lojas Osklen, grife que vende roupas para um público jovem de classe média/alta. Já o segundo é sócio de quatro restaurantes de elevado padrão, dos quais dois ainda serão inaugurados no bairro. Ambos são descritos como importantes investidores em Ipanema:

Ipanema firma-se como endereço predileto das grifes e atrai novos investidores. Entre eles, Oskar Metsavaht, dono da Osklen há 15 anos, que há apenas dois abriu a primeira loja no local: - "Ipanema foi o bairro que escolhi para fincar a primeira loja internacional da Osklen." (Caderno Zona Sul, p.18)

Alexandre Accioly, capa deste H, acredita em Ipanema. Ele é seguramente quem mais investe no bairro nos últimos anos ... Somando tudo, são US\$ 12 milhões jogados no pano verde que hoje se tornou investir no Brasil. (Caderno H, p.11)

Não é apenas a imagem de "proprietários de negócios" que torna curiosa a aparição desses dois indivíduos na imprensa. Accioly e Metsavaht parecem "corporificar" um tipo de representação sobre o bairro. Nas fotografias e em alguns trechos presentes nessas matérias, os hábitos e as preferências de ambos, como a prática de esportes ao ar livre, são descritos por meio de uma relação estreita com os espaços do bairro. A praia de Ipanema, por exemplo, é percebida como um local representativo de seus estilos de vida, servindo inclusive como o cenário de quase todas as fotografias em que os dois aparecem. A relação de Accioly com a praia surge na descrição de sua trajetória como morador do bairro desde a infância:

Pedra do Arpoador, o point de suas tardes, onde (Accioly) curtia o pôr-do-sol ... Adulto, transferiu-se para a rede de vôlei em frente ao Country, onde dava plantão nos fins de semana. Das nove até a noitinha. (Caderno H, p.11)

Esse empresário foi eleito “O garotão de Ipanema”, como mostra a capa do Caderno H do Jornal do Brasil. Alto, de pele morena e aparência jovial, o empresário aparece vestido com camisa social, calças compridas e chinelo, sentado à noite no calçadão da praia de Ipanema. Essa mistura de elegância e informalidade também é transmitida na fotografia que ilustra a matéria no interior desse suplemento, onde Accioly está de trajes “sociais”, tomando água de coco, com os pés descalços na praia. O texto abaixo dessa fotografia diz: "*Coco verde, areia no pé e o privilégio de ser, desde sempre, um garoto de Ipanema*" (p.11). A matéria comenta que Accioly vive no edifício Cap Ferrat, "*supra-sumo do luxo à beira-mar, onde não se compra um imóvel por menos de 3,5 milhões de dólares*" (Veja Rio, p.15).

De modo semelhante, Oskar Metsavaht aparece no Caderno Zona Sul com a praia ao fundo, vestindo uma camiseta que diz "United Kingdom of Ipanema". Seu depoimento é colocado em destaque abaixo dessa fotografia: "*Ipanema é muito privilegiada, com uma vida cosmopolita integrada à natureza*" (p.20). Essa mesma opinião está presente na Veja Rio que dedicou um trecho da reportagem para a apresentação das atividades físicas realizadas por Metsavaht em Ipanema:

"O bairro simboliza uma vida urbana integrada com a natureza, o que não existe em nenhum lugar do mundo", diz o estilista gaúcho Oskar Metsavaht, que há vinte anos mora, surfa, corre, pedala e anda de skate no bairro. (Veja Rio, p.16)

A categoria “Ipanema”, tal como é transmitida pelos jornais e revistas, parece representar algo mais do que o espaço geográfico de um bairro. Ela denota, acima de tudo, um estilo de vida. A descrição de personalidades como Metsavaht e Accioly é apenas uma maneira de expressar

algumas das representações associadas ao bairro, como a de um lugar “com belezas naturais”, “propício para os esportes” e, ao mesmo tempo, “urbano” e “s sofisticado”. Essa junção de atributos aparentemente opostos se transfere para os indivíduos do bairro. Ipanema teria produzido pessoas que assumem um estilo de vida “esportivo” e “espontâneo” sem deixarem de ser “elegantes” e “cosmopolitas”.

Assim como o bairro de Copacabana, Ipanema sempre se apresentou sob uma forte dimensão lúdica, elaborada, principalmente, por meio de uma ênfase em seus elementos “naturais”. A praia, o mar, os coqueiros e a pedra do Arpoador são símbolos recorrentemente lembrados para associar o bairro às idéias de beleza e até mesmo de exotismo. Insistindo na percepção de um contágio entre espaço e pessoas, Ipanema é percebida como um local que produz pessoas bonitas, sobretudo mulheres. As musas de Ipanema se constroem, portanto, por uma semelhança com o próprio bairro. Uma vez que o imaginário do bairro sofre transformações com o passar dos anos, modifica-se também o perfil de suas musas. Se Leila Diniz e Helô Pinheiro foram consideradas musas de Ipanema na década de 1960, a imprensa elege Cíntia Howlett como um ícone da Ipanema atual. Cíntia Howlett provém de família rica, já foi “musa do verão” e é apresentadora de um canal televisivo de esportes. Sua presença é recorrente em matérias de jornais dedicadas ao bairro de Ipanema:

Entre os rostos manjados de Ipanema está a apresentadora Cíntia Howlett, moradora do Arpoador. Geração saúde, Cíntia corre no calçadão, nada, anda de bicicleta na ciclovia. “Minha ginástica é Ipanema, e isso não tem preço”, observa. (Veja Rio, p.16)

Na Veja Rio outras mulheres representam o bairro na matéria de página dupla “Ipanema, uma jovem de 110 anos”. Em uma das páginas da revista, a fotografia revela uma moça de óculos escuros que caminha na calçada da Rua Visconde de Pirajá, segurando a sacola de uma loja de

roupas: “A estilista Joana Saladini: compras a pé pelas ruas do bairro” (p. 11). Em outra página, há uma garota de short e biquíni na praia com a seguinte descrição “A wakeboarder Juliana na Praia de Ipanema: beleza no Posto 10” (p.10). No interior da revista, encontram-se descrições das aparências corporais de ambas. Enquanto a estilista é descrita como “*lindos olhos verdes e cabelos castanhos*” (p.13), a segunda teria o “*corpo moldado pelo treino de wakeboard*” (p.13). Segundo a matéria, as duas moças de Ipanema “*não hesitam em apontar o mesmo passatempo para as horas vagas: bater perna de olho nas vitrines que se espalham pelas ruas dali*” (p.13)

Essa matéria mostra Ipanema como um bairro aonde se vai para praticar esportes na praia, almoçar “na varanda” dos restaurantes e olhar as vitrines das lojas: “*além da vida saudável à beira-mar, programa em Ipanema é o footing pelas ruas aos sábados, compras todos os dias, almoços na varanda do Gula Gula, cineminha no Estação* (Veja Rio, p.16). Nota-se que esse programa está associado a um estilo de vida “descontraído” e “requintado” já que essa é justamente a maneira como o próprio bairro é representado.

Pode-se sugerir que esse imaginário se apóia em uma determinada percepção sobre o espaço de Ipanema, onde os quarteirões que abrigam lojas luxuosas convivem com espaços como a praia, onde os indivíduos praticam esportes e se vestem informalmente. Assim como um único ipanemense pode reunir as diferentes características atribuídas ao bairro, o estilo de vida “descontraído” e “requintado” também pode ser identificado em uma mesma localidade. O Caderno Zona Sul destaca que os restaurantes com varandas e mesas na calçada se multiplicaram em Ipanema nos últimos anos e sugere que “*sem perder a descontração da cidade praiana, eles têm o típico requinte ipanemense*” (p.45).

O estilista Oskar Metsavaht percebeu que esse imaginário poderia ser comercialmente explorado e criou uma identidade “ipanemense” para sua grife. Mesmo antes da instalação da

Osklen de Ipanema essa marca, voltada para um público de elite, já era identificada com valores como “juventude”, “esportes” e “natureza”. Com a chegada à Ipanema, a estratégia de marketing parece ter sido a de reforçar esses conceitos associando a Osklen a um estilo de vida típico “de Ipanema”:

Ipanema é admirada no mundo inteiro e tem uma condição privilegiada com uma vida urbana cosmopolita integrada à natureza - diz Metsavaht, que estampou "Arpoador" e "Posto 9" em blusas da última coleção da Osklen e criou a campanha "United Kingdom of Ipanema", que dá a dimensão do quanto ele gosta do bairro. (Caderno Zona Sul, p. 20)

Percebe-se que, além de um estilo de vida, Ipanema também se apresenta sob a forma de um bem de consumo. Além da Osklen, as grifes de roupas “Wollner” e “Armadillo”, ambas localizadas no bairro, também exibem em suas vitrines camisetas que estampam o nome de ruas de Ipanema, como a valorizada “Vieira Souto” e a antiga “Montenegro”, atual Rua Vinícius de Moraes. Mais do que simples peças de roupas, essas lojas parecem vender a representação de um determinado estilo de vida socialmente classificado como “ipanemense”.

I.10. Passado x presente

A partir da análise dos livros e das matérias de imprensa observou-se que, mais do que um território espacial, Ipanema é pensada como um adjetivo capaz de qualificar pessoas, comportamentos e visões de mundo. De um estilo de vida orientado para a criatividade artística, para a boemia e para a transgressão dos costumes, o bairro passou a simbolizar uma dimensão “de elite”, inclinada para o consumo e para as atividades físicas.

Notou-se, portanto, a elaboração de duas Ipanemas: uma do passado e outra do presente. Enquanto a primeira é caracterizada como um bairro “de vanguarda”, que “lançou modas”, a Ipanema atual é um local “sofisticado” e “descontraído”. Essas duas construções simbólicas se elaboram por meio de uma associação entre espaços e indivíduos, evidenciando-se através das personalidades e locais emblemáticos do bairro de ontem e de hoje. Se os ipanemenses do passado eram artistas, intelectuais, cineastas e músicos, os de hoje são esportistas e empresários atuantes no campo da moda e da gastronomia. Enquanto os bares representaram o “espírito ipanemense” do passado, é o espaço das joalherias, dos restaurantes e das grifes que definem o “espírito atual” desse bairro.

Para ilustrar as variações no imaginário de Ipanema é interessante refletir sobre a mudança no perfil de suas musas e do principal emblema do bairro: o espaço da praia. Se Leila Diniz foi considerada musa de Ipanema na década de 1960, a esportista e apresentadora de televisão Cíntia Howlett é presença recorrente na imprensa quando o tema são as mulheres bonitas desse bairro. Se a praia “de antes” simbolizou o espaço da “transgressão” às normas, onde o corpo ipanemense se apresentou de modo “polêmico” e “irreverente”, a praia “de hoje” é o local dos esportes e da “ginástica”, onde o corpo ipanemense se apresenta sob uma nova moralidade, através do valor às formas “atléticas” e “malhadas”.

Este capítulo permitiu pensar sobre algumas mudanças sociais dos últimos quarenta anos na medida em que os valores utilizados para enaltecer um bairro emblemático da cidade do Rio de Janeiro tornaram-se quase antagônicos. Embora permaneça a noção de um bairro lúdico, “bonito por natureza” e propício para um estilo de vida “descontraído” e “informal”, pode-se pensar em uma mudança de atitude frente às normas socialmente prescritas. O significado de Ipanema como um bairro peculiar da cidade do Rio de Janeiro na década de 1960 foi construído

por uma exaltação de aspectos contestadores e transgressores, como a liberação do corpo e da sexualidade, a arte de vanguarda e a boemia. De modo contrário, esse bairro é atualmente celebrado por representar uma conformidade com os valores predominantes, como a riqueza, o consumo e o corpo saudável e “modelado”.

Capítulo 2 – Os mapas de Ipanema: fronteiras espaciais e simbólicas

Neste capítulo, pretendo revelar as representações sociais de Ipanema através de uma análise dos espaços físicos do bairro. Comparo as localidades mais representativas da década de 1960 – a fase áurea da “turma de Ipanema” - com as regiões que, sob a perspectiva da imprensa, simbolizam o bairro atual. Mostro a estreita relação que se estabelece entre representações e

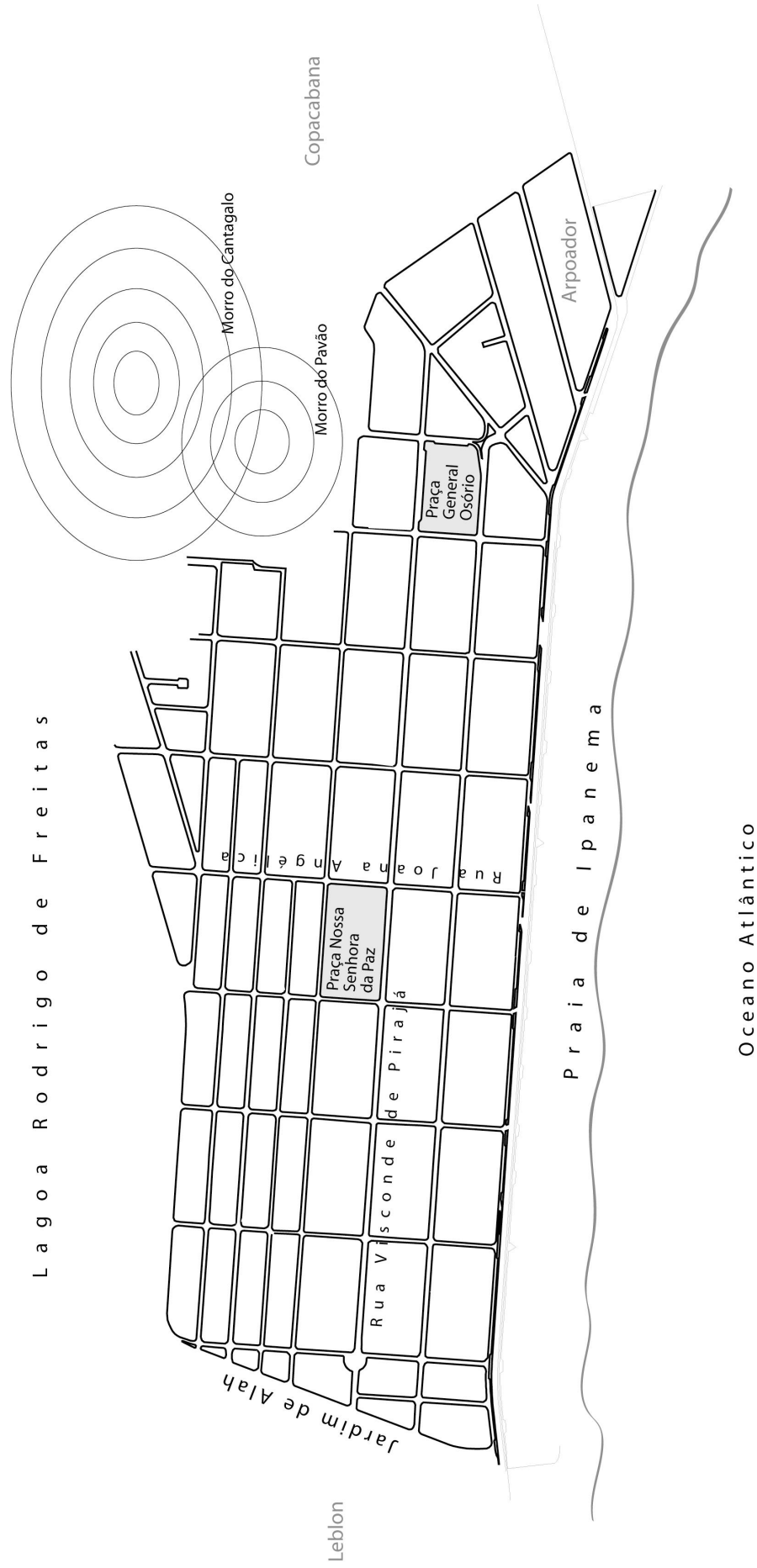
práticas sociais mostrando que o imaginário de Ipanema só pode ser compreendido através de uma observação de seus espaços concretos. Também chamo a atenção para o permanente jogo de relações subjacente à temática espacial examinando as transformações simbólicas e espaciais de Ipanema por meio de uma comparação com outros locais da cidade, sobretudo com os bairros de Copacabana e do Leblon.

É importante destacar que estas análises estão permeadas por comentários pessoais obtidos em Ipanema e de entrevistas informais com jovens habitantes da Zona Sul. Mais do que nos outros capítulos me posiciono como uma moradora que tem o hábito de percorrer seu bairro a pé, procurando refletir sobre ele. Para ilustrar as idéias propostas, elaborei alguns mapas¹ que sinalizam os pontos para os quais desejo chamar atenção.

O Mapa 1 apresenta uma imagem panorâmica de Ipanema onde procuro estabelecer uma divisão do bairro em duas metades. A Rua Joana Angélica está em destaque por servir de referência como o centro geográfico de Ipanema. A partir deste mapa estabeleço que a “primeira metade do bairro” equivale à região compreendida por todas as ruas localizadas entre o bairro de Copacabana e a Rua Joana Angélica. A “segunda metade do bairro” corresponde a todos os quarteirões situados entre a referida rua e o bairro do Leblon.

¹ Todos os mapas foram executados pelo designer Marco Aurélio Nascimento. Os avatares do mapa de número 3 foram desenhados pelo ilustrador Sebastian Eloy Rodriguez Valle.

Mapa 1 — Ipanema panorâmica



II.1. Olhares sobre a praia

Parece interessante iniciar as análises deste capítulo com uma associação entre o espaço e a temática do olhar. Através de uma experiência pessoal é possível perceber que existem diferentes maneiras de se apreender o espaço: através do olfato, da audição² e do tato. Sabe-se, contudo, que o sentido da visão recebe um destaque privilegiado nesse aprendizado; o espaço está muitas vezes associado a tudo aquilo que está visível.

Lins de Barros (1999) comenta que, em diversos trabalhos sobre o espaço da cidade, a visão é tratada como o sentido privilegiado da sociedade contemporânea. A atenção de autores de diversas áreas do conhecimento dirige-se para a quantidade de estímulos visuais - monumentos, cartazes, cores e luzes - que oferecem versões da realidade urbana fazendo-se passar por ela. Em sua pesquisa sobre as lembranças de um grupo de idosos sobre o passado do Rio de Janeiro, Lins de Barros (1999) notou que as memórias da cidade eram, em grande medida, memórias visuais. Autores como Walter Benjamin e George Simmel, diz ainda a autora, se referem ao tema do olhar ao tratarem da relação entre os habitantes das metrópoles e destes com as paisagens urbanas:

Em Benjamin, o flâneur, seu homem citadino, se expõe nas galerias e ruas de Paris aos olhares dos passantes como uma mercadoria... Simmel afirma que o olho, entre os órgãos especiais de sentido, realiza uma ação sociológica particular e aponta a importância conferida pelo indivíduo à sua aparência extravagante e única. O olhar dos outros é, assim, essencial no contato entre os habitantes nas metrópoles, e a preocupação de cada um em se mostrar inigualável é uma das formas de preservação de auto-estima, uma das formas de se proteger dos inúmeros estímulos que o blasé sofre na metrópole. (p.44)

² O filme sobre a trajetória do músico cego Ray Charles, por exemplo, é ilustrativo da maneira como o sentido da audição pode ser crucial para uma apreensão do espaço.

O tema do olhar se coloca como um grande desafio para uma análise sócio-antropológica sobre o espaço. Se a antropologia insiste na idéia de que todas as atividades humanas exigem um aprendizado coletivo, o exercício de olhar não se exclui desse processo. É preciso aprender a ver. No caso do espaço, o “visível” nem sempre equivale ao que se pode enxergar com os olhos, refletindo, acima de tudo, um certo esforço de abstração e de sensibilidade apreendidos na vida cultural.

As grandes paisagens informam realidades não detalhadas onde as minúcias cotidianas não podem ser captadas. É a observação dos detalhes nas grandes cidades que nos permite compreender que a nossa visão é uma entre muitas e que só a fineza da observação é capaz de compreender os olhares que se cruzam e que dão sentido às ações entre os indivíduos. (Lins de Barros, 1999: p.45)

Alguns espaços do bairro de Ipanema ilustram essa reflexão de modo bastante claro. Pode-se afirmar que um turista visitante da praia de Ipanema não está apto a ver, em apenas um dia, aquilo que um típico carioca freqüentador desse espaço é capaz de enxergar. Embora o tamanho da praia seja bastante “visível”, com inúmeros metros de extensão, é preciso exercitar o olhar para identificar as sutis demarcações que se estabelecem nesse espaço. Pode parecer óbvio que existam tantas percepções sobre a praia de Ipanema quantos são os grupos que a freqüentam. Entretanto, uma vez introduzido no universo cultural desse local, ou na visão elaborada pelos “habitués” da praia, até mesmo os mais distintos olhares podem se movimentar sobre um mesmo código e participar de uma mesma esfera de significação social. Na pesquisa de Farias (2000), indivíduos de origens sociais diversas compartilhavam de valores parecidos quanto à classificação da cor de pele no espaço da praia. Havia uma relativa unanimidade entre os seus entrevistados em apontar as cores “morena” e “bronzada” como as mais apropriadas àquele espaço.

No primeiro capítulo assinalo que a praia serve como o cenário privilegiado das imagens mais emblemáticas do passado de Ipanema e sugeri uma discussão sobre esse espaço à luz do que Park (1967) denominou de *região moral*. Pretendi enfatizar a noção do autor de que determinadas localidades das metrópoles reúnem os indivíduos não apenas por motivos ocupacionais e econômicos, mas, principalmente, pelos gostos, preferências e temperamentos comuns. Também sugeri que, se Ipanema é entendida como um bairro onde se desenvolveram comportamentos “vanguardistas” e “transgressores”, é no espaço da praia - mais propício para a exposição corporal - que as novas moralidades ganharam um destaque público. Neste capítulo, aprofundo essa análise mostrando que a praia apresentou diversas *regiões morais* ao longo de sua história.

Como já observei na introdução deste trabalho, os livros desta pesquisa foram selecionados após uma análise de outros materiais que também abordavam o bairro de Ipanema. Escolhi os livros de Ruy Castro, Jaguar e Carlos Leonam porque notei que os três autores reuniam um conjunto de histórias, recordações, lendas e mitos encontrados de maneira muito semelhante em outras fontes sobre o bairro³. Os comentários sobre a praia de Ipanema, por exemplo, obedecem a um determinado consenso. Todo esse material não se refere à praia como um todo, mas a determinados pontos de encontro que teriam marcado os tempos áureos da “província cosmopolita”.

A partir dos livros é possível elaborar uma síntese da migração dos jovens pela praia de Ipanema desde a década de 1950 até o início dos anos 1980. A região do Arpoador é lembrada como o “berço do surf no Brasil” e um dos primeiros pontos a reunir os “irreverentes” banhistas do bairro. O Arpoador desponta como um dos espaços mais significativos das memórias dos antigos frequentadores do bairro, como revelam as conversas entre Jaguar e a “turma da praia”,

³ Ver Chacal (1998); Peixoto e outros (1994); Peixoto (1999); Rouchou e Blanc (1994).

no segundo capítulo de seu livro. Segundo Ruy Castro, de 1955 a 1963, o Arpoador já era o grande laboratório de costumes da cidade. Por volta de 1960, com a popularização do local e visando escapar da multidão, os banhistas teriam se voltado para outro trecho da praia, conhecido como “Castelinho”: *“o Arpoador, recém-descoberto pela multidão, começava a exportar seus excedentes para a região que, finalmente colonizada, ganhara um nome: Castelinho”* (Ruy Castro, p. 97).

Na década seguinte, o principal ponto de encontro da juventude ipanemense era chamado de “Pier” - local onde se construiu uma grande plataforma de 200 metros mar adentro para a instalação de um emissário submarino. O Pier é lembrado como um território onde os jovens usavam drogas variadas, como o LSD e a maconha e, por esse motivo, também ficou conhecido como “Dunas do Barato”. Chacal (1998) descreve o perfil dos frequentadores das Dunas da seguinte forma:

Em cima daquelas dunas começou a se reunir uma estranha espécie feita de seres peludos, esqueléticos, com pouquíssima roupa e uma língua alada ... Todo mundo ali, desbundadíssimo, tentando reinventar um tempo legal ... Tudo era underground ... as grandes cabeleiras serviam para nos identificar e nos disfarçar. Todos eram iguais em seu pêlo e seu bronze. (p.35)

O fenômeno da “popularização” também teria ocorrido no Pier e na mesma década, parte da “vanguarda” artística e intelectual carioca optara por se reunir na praia em frente à Rua Montenegro, que atualmente chama-se Rua Vinícius de Moraes. Já no final dos anos 1970 e início dos 1980, o ponto de referência dos jovens, teria sido o hotel Sol Ipanema, recém construído na orla:

O Sol como instituição não passou de 1982. Com a reforma dos postos de salvamento da orla em meados dos anos 80, o que se chamava de Sol Ipanema passou a ser conhecido como Posto 9, e mais um pedaço da mística se perdeu. Desde então, continuou a ser o ponto mais concorrido da praia e é provável que suas areias ainda estejam fazendo história, mas até agora não nasceu o cronista que irá contá-la. (Ruy Castro, p.354)

Prevalece a noção de que todos esses pontos de encontro, cada qual em sua época, sofreram uma saturação populacional que logo conduzia seus primeiros freqüentadores a buscarem, sucessivamente, espaços alternativos na praia. Atribui-se a cada um desses locais um tipo específico de freqüentador e um “clima” ou um “espírito” distintivo. Entretanto, as características comuns se sobrepõem às particularidades na medida em que os cinco pontos de encontro são entendidos como locais “à frente de sua época”. O tema da moda, discutido no primeiro capítulo, pode ilustrar a percepção de um certo “pioneirismo” dessas *regiões morais* da praia de Ipanema.

Uma das formas encontradas por Ruy Castro para exemplificar o caráter vanguardista dessas localidades foi referindo-se às maneiras de usar o corpo na praia. Para o autor, Ipanema foi palco privilegiado de grandes inovações nos trajes de banho femininos desde os “primórdios” do bairro, ou seja, desde o período em que o principal ponto de encontro era o Arpoador:

No pós-guerra, em uma época em que as mulheres brasileiras ainda se escondiam em maiôs inteiros e só faltava usarem touca, o traje de praia no Arpoador já era o duas-peças. No duas-peças, a calcinha ficava quatro dedos acima do umbigo”. (p.40)

Lembrando que, nessa enciclopédia, quase todos os comportamentos estão diretamente ligados àqueles que os praticam, vale ressaltar que também a atitude de usar o duas-peças liga-se a um nome específico: “*Miriam Etz, 22 anos em 1936 e recém-chegada da Europa foi a primeira mulher a usar um duas-peças no Arpoador, talvez no Brasil*” (p.39). Além do duas-peças, o autor diz que no Arpoador também se vestiu o primeiro biquíni no Brasil:

Deveria ser também no Arpoador que as primeiras meninas brasileiras se atreveriam a usar biquíni. O biquíni era o duas-peças com o umbigo à mostra e já podia ser visto em Ipanema desde pelo menos 1951. (p. 40)

Ruy Castro também utiliza o exemplo dos trajes de banho para ilustrar a “ousadia” de outros pontos de encontro praianos. O autor descreve o “estranho biquíni” criado e usado por Rose di Primo, a musa dos surfistas, que, na década de 1970, freqüentavam a praia no Píer:

Uma tira de pano torcido e amarrado no busto, tipo tomara-que-caia, e a calcinha puxada para cima e amarrada nos quadris por duas tirinhas finas, cobrindo, no máximo, 5% de seu corpo – a tanga.... A própria tanga foi depois substituída pelo fio-dental, que também teve seu curto apogeu. (p.321)

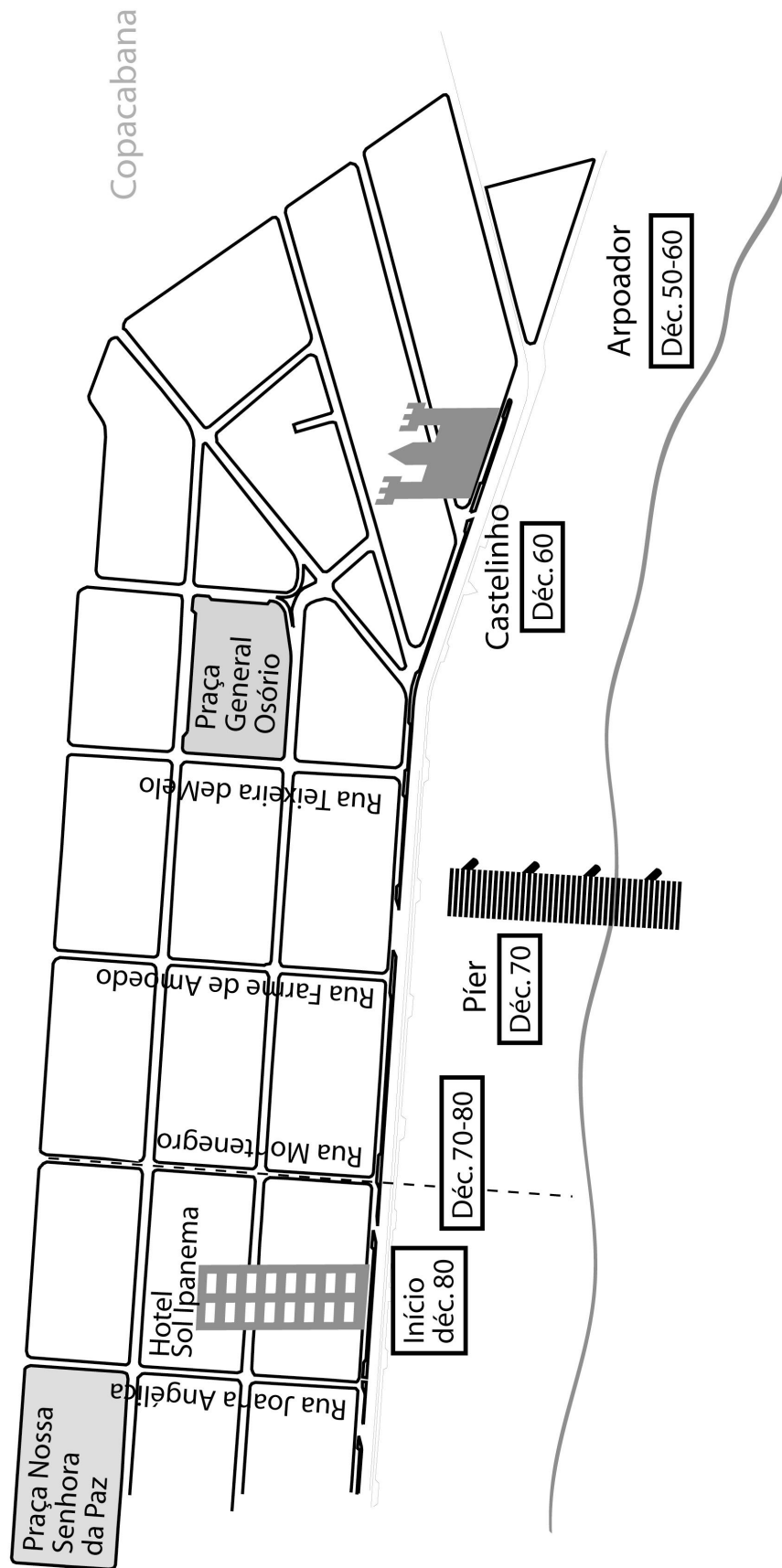
Mais do que enfatizar que Ipanema lançou acessórios de “moda praiana”, Ruy Castro tenta mostrar que vestir o “duas-peças”, o “biquíni”, a “tanga” e o “fio dental” foi, em diferentes épocas, uma atitude “pioneira” ocorrida naquelas *regiões morais* da praia de Ipanema. Com o passar dos anos, o tamanho dos trajes de banho deixava o corpo das mulheres cada vez mais à mostra. Nesse sentido, pode-se dizer que a moda lançada pelo Arpoador e pelo Píer não se refere apenas à invenção de novos trajes de banho, mas, principalmente, à quebra de padrões convencionais que impediam a exposição pública de partes do corpo feminino.

Esses trechos da praia que marcaram os tempos áureos da “província cosmopolita” não apresentavam uma fronteira espacial claramente definida, já que nunca houve uma demarcação na areia que os separasse do restante da praia. Todavia, ao lançar um olhar “panorâmico” sobre essas regiões, situando-as no espaço do bairro como um todo, percebe-se que eram pontos de referência localizados na metade de Ipanema mais próxima ao bairro de Copacabana. Sugere-se, aqui, uma espécie de deslocamento da população praiana que caminhou, com o tempo, da região do Arpoador, limítrofe à Copacabana, em direção ao interior do bairro.

O Mapa 2 permite uma visualização espacial e temporal das mudanças nos principais pontos de encontro da praia desde a década de 1950 até o início dos anos 1980. O desenho corresponde a um recorte espacial de apenas uma das metades do bairro e dos quarteirões mais

próximos à orla. Ao comparar este mapa com o anterior, as duas praças públicas podem servir como referência para situar os cinco trechos em destaque, no espaço do bairro como um todo. O mapa sinaliza para os “tempos áureos” de cada uma das localidades discutidas - Arpoador,

Mapa 2 — Pontos de encontro do passado



Castelinho, Píer, Montenegro e Sol Ipanema – e visa mostrar que a migração da população praiana caminhou, com o passar dos anos, no sentido da esquerda para a direita do bairro.

II.2.Os pontos de encontro atuais

Desde a década de 1970 até hoje, pode-se afirmar que houve uma grande mudança espacial e simbólica nos principais pontos de encontro da praia de Ipanema. Quase todos os trechos mencionados anteriormente passaram por reapropriações e resignificações. Embora a região do Arpoador continue recebendo jovens surfistas, há quem a considere um local para os “velhos” pois durante as manhãs dos dias de semana é freqüentado pelos idosos que habitam os arredores. Nos fins de semana o Arpoador também recebe os habitantes do morro do Pavão-Pavãozinho e os moradores dos subúrbios e da Zona Norte da cidade. O trecho onde se localizou o Píer, entre as ruas Teixeira de Melo e Farne de Amoedo, é hoje famoso por reunir os banhistas gays do Brasil e do mundo. A Rua Vinícius de Moraes - antiga Montenegro – é utilizada e classificada como um espaço para a prática de esportes de praia, como futebol, vôlei e futevôlei.

Noções como essas formam uma espécie de imaginário coletivo sobre a praia de Ipanema e também podem ser encontradas nos cadernos de imprensa aqui estudados, como se percebe na matéria “o mapa de todas as praias de Ipanema” do Caderno H:

A Praia de Ipanema, entre as pedras do Arpoador e o Jardim de Alá, sempre teve vocação para musa do Rio de Janeiro ... Agora, no alvorecer do século XXI, Ipanema ainda é a grande musa do litoral brasileiro. Com seus 110 anos de existência, parece guardar em seu âmago o segredo da eterna beleza e juventude. A sucursal do paraíso começa no Arpoador, trecho favorito dos surfistas com suas ondas perfeitas... O Palácio de Cristal reúne gays, lésbicas e simpatizantes. O nome é referência ao edifício espelhado que fica entre a Farne e a Teixeira de Melo, onde mora Caetano Veloso. No pedaço, pessoas do mesmo sexo andam de mãos dadas, beijam-se na boca, trocam carícias e juras. Sem medo de serem felizes. Na Vinícius de Moraes a praia se

transforma em imensa quadra de esportes. É o reino dos craques de futebol.
(Caderno H, p.4)

Enquanto verifica-se uma reapropriação e resignificação dos antigos pontos de encontro, novas referências praianas também são criadas como a faixa de areia próxima ao hotel Caesar Park, pensada como o reduto dos turistas e “gringos” que visitam a cidade. Também é importante mencionar um trecho da praia fronteiro ao bairro do Leblon, freqüentado por moradores de um complexo de edifícios próximo ao Jardim de Alah chamado de “Cruzada de São Sebastião”. A criação desse conjunto habitacional, como mostrou Mello (2001), respondeu a um projeto de urbanização que abrigou moradores de uma antiga favela carioca. O autor destaca que, com o crescimento do Leblon, no decorrer das décadas de 1970/1980, a violência e a falta de segurança se transformaram em assuntos prediletos das conversas dos moradores do bairro. Nesse contexto, a Cruzada de São Sebastião era acusada de ser o principal alvo dos problemas locais e os “cruzadenses” recebiam os estigmas de “perigosos”, “devassos”, “vândalos” ou “drogados”. Estas percepções permanecem atuais já que a freqüência dos “cruzadenses” na praia próxima ao Jardim de Alah parece “poluir” esse espaço, percebido por meio de representações semelhantes.

É preciso pensar, contudo, que para estabelecer uma comparação entre o passado e o presente de Ipanema deve-se observar onde se reúnem, hoje, os jovens identificados como possuindo um *ethos* de Zona Sul. Com base em observação participante e entrevistas informais com indivíduos desse grupo, posso sugerir que os principais trechos são aqueles que se localizam em frente à Rua Joana Angélica, à Rua Garcia D’Ávila, ao edifício Cap Ferrat, ao Country Club e ao Posto Dez. Assim como as *regiões morais* do passado, cada uma dessas localidades praianas também está associada a um “clima” diferente fornecido por um tipo específico de freqüentador.

A primeira delas, a “Joana”, seria o espaço dos “maconheiros”, “neo-hippies” e “alternativos”. Embora a “Joana” se localize a alguns metros do Posto de salvamento de número nove, a faixa de areia em frente a essa rua também é chamada de “Nove”. Este é o local atual que mais se assemelha às representações sobre as “Dunas do Barato”, já que é um ponto de encontro de estudantes universitários e de jovens envolvidos com projetos culturais e artísticos variados. Pode-se sugerir que é o trecho praiano mais próximo do “mítico passado” de Ipanema, tanto sob uma perspectiva simbólica quanto espacial.

Na Rua Garcia D’Ávila encontram-se os adolescentes estudantes de colégios particulares da Zona Sul. Um atrativo dessa faixa de areia é a “Barraca do Pelé” onde se alugam cadeira, guarda-sol e “chuveirada” na ducha de água doce instalada nas proximidades. A Barraca do Pelé possui “associados” que pagam uma mensalidade em troca da obtenção desses serviços. Além de proprietário dessa tenda, o “Pelé” também é reconhecido como uma das “figuras da Garcia” por ser professor de vôlei de praia.

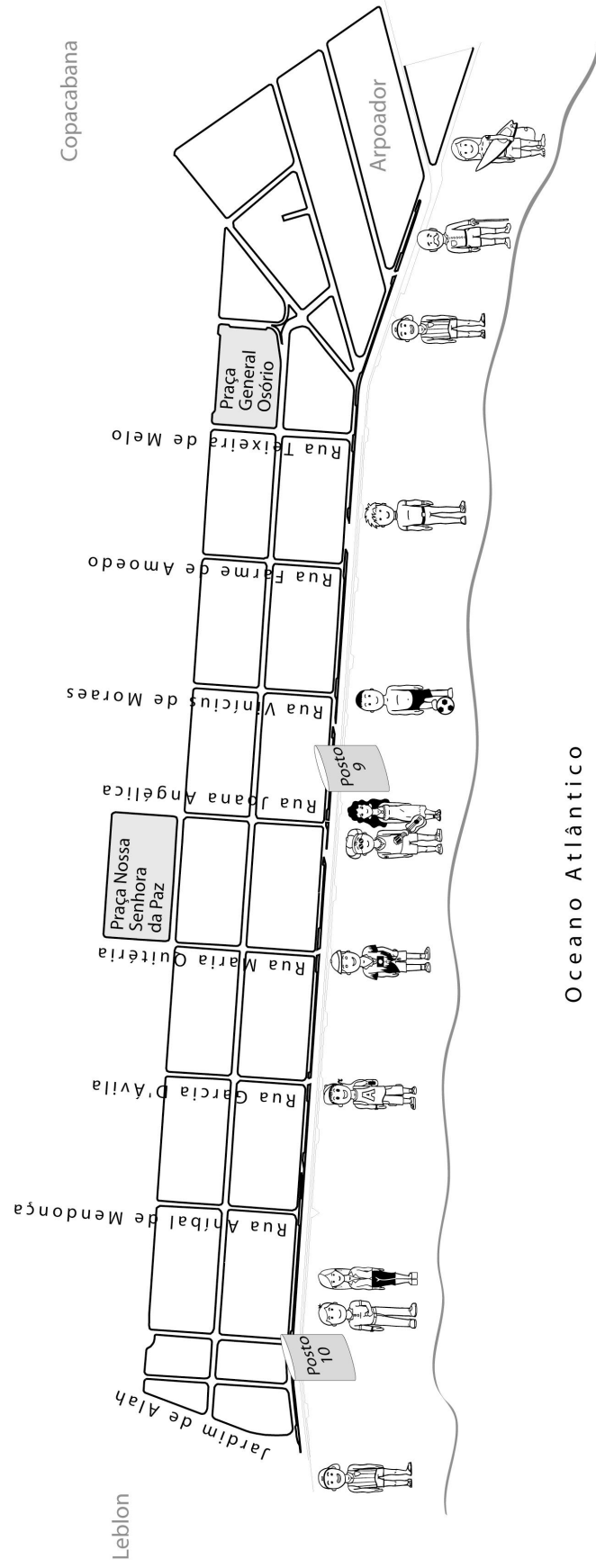
Os outros trechos mencionados – Cap Ferrat, Country e Posto Dez – seriam mais homogêneos no que se refere ao perfil dos freqüentadores: estudantes secundaristas e universitários de camadas médias e altas. De uma maneira geral, o poder aquisitivo desses jovens parece superior ao dos freqüentadores dos demais trechos. Do ponto de vista dos banhistas da “Joana”, por exemplo, os freqüentadores dessas três regiões seriam “filhinhos de papai”, “mauricinhos” e “patricinhas” e são acusados de se preocuparem excessivamente com a aparência corporal.

Esses espaços também participam das representações da imprensa sobre a praia de Ipanema:

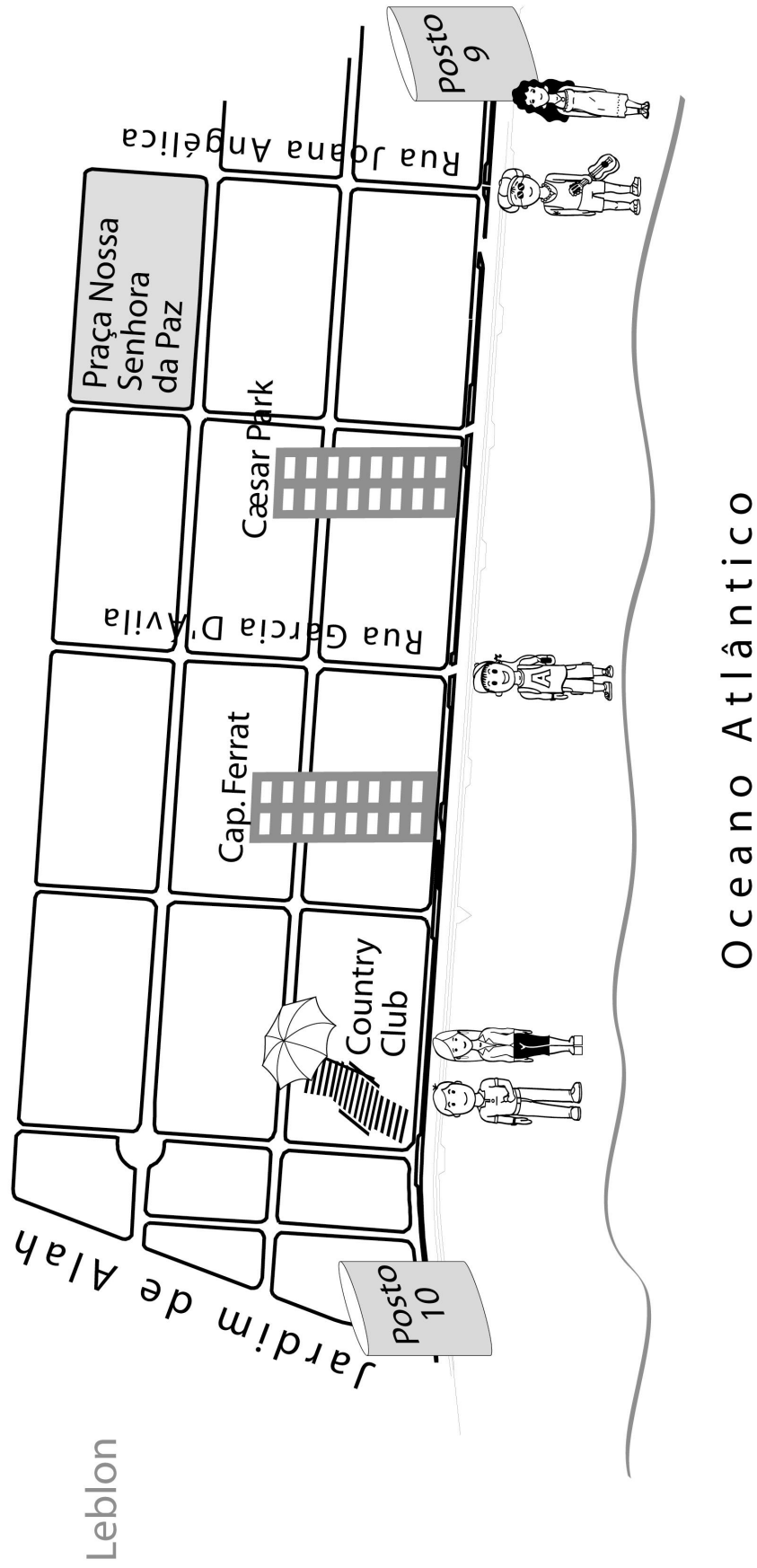
O Posto Nove é o pouso dos intelectuais libertários, rebeldes sem causa, malucos-beleza, descolados em geral e maconheiros. Gente que ainda acredita nos princípios hippies dos anos 60; paz, amor e sexo livre. A Garcia D'Ávila é o paraíso dos adolescentes e reúne turmas de colégios e cursinhos de inglês. Uma juventude linda que está descobrindo a paquera, o namoro, a beleza da vida. No Country Club se reúnem os belos e belas do high ...A praia também é freqüentada por ídolos das artes marciais. A junção dessas tribos e turmas forma a praia de Ipanema e faz com que o bairro comece e termine onde as ondas acariciam a areia. Tribos e turmas que trazem em seu DNA a influência da Ipanema do passado, que já teve Arduíno Colassanti como seu primeiro surfista; Leila Diniz, Duda Cavalcanti, Marcia Rodrigues e Bianca Byington como musas; o Píer, a Montenegro, o Sol Ipanema e o Castelinho como pontos de referência. Em comum entre todos a paixão pelo mar e a certeza de que é um mergulho nas águas salgadas da Praia de Ipanema que concede ao cidadão do Rio a nobre qualidade de ser carioca. (Caderno H, p.4)

Parece evidente que tanto no passado quanto nos dias atuais existiram diversos pontos de encontro na praia de Ipanema. É preciso ressaltar, contudo, que os locais de referência mencionados são os que recebem maior ênfase no material pesquisado no sentido de reunir jovens que apresentam um estilo de vida e uma visão de mundo simbolicamente classificados como “de Zona Sul”. É somente em relação a esse pressuposto que a hipótese do deslocamento da população praiana parece apropriada. Se a “turma” que detém o monopólio das memórias de Ipanema freqüentou a praia na primeira metade do bairro – entre o Arpoador e a Rua Joana Angélica - os jovens que atualmente habitam a Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro ocuparam a outra parte, ou seja, aquela que se localiza entre a referida rua e o bairro do Leblon. Os Mapas 3 e 4 associam cada trecho praiano aos estereótipos de seus freqüentadores.

Mapa 3 — Pontos de encontro atuais



Mapa 4 — Pontos de encontro atuais (jovens)



II.3.As praças de Ipanema

No primeiro capítulo analisei a dimensão simbólica que divide a “Ipanema do passado” da “Ipanema de hoje”. Como já foi dito, o objetivo, aqui, é examinar essas diferenças através de uma perspectiva espacial. O enfoque sobre a praia mostrou que as duas metades espaciais do bairro correspondem a dois períodos de tempo distintos. A primeira delas representa a época dos jovens “vanguardistas” e “ousados” da década de 1960; a segunda simboliza o período atual, onde a juventude é classificada segundo o pertencimento a determinada “tribo” social.

Não é apenas através da orla que Ipanema pode ser representada através de duas metades. O espaço interno do bairro como um todo também reflete uma oposição entre um mapa do passado e outro do presente. As duas praças públicas do bairro –General Osório e Nossa Senhora da Paz -, e seus arredores, também podem ser bons objetos para essa reflexão.

A Praça General Osório abrigou, desde 1922, a estação terminal da linha de bonde, e, anos mais tarde, os ônibus que vinham do centro da cidade também encerravam ali o seu percurso. Este aspecto contribuiu para o desenvolvimento das áreas próximas a essa praça desde o período embrionário da formação do bairro. A Praça General Osório representou, por anos, o pólo mais dinâmico e movimentado de Ipanema, concentrando em seus arredores maior número de serviços e comércios se comparada às regiões próximas à Praça Nossa Senhora da Paz, localizada no centro geográfico do bairro.

Considerando que Ruy Castro, Jaguar e Carlos Leonam incorporam uma postura mais nostálgica se comparados aos cadernos de imprensa, resulta evidente que a praça General Osório receba um destaque bastante superior ao reservado à Praça Nossa Senhora da Paz nas páginas dos

livros. Uma observação numérica pode ilustrar a maior atenção reservada à primeira praça: Jaguar, em seu livro, faz oito referências à General Osório e nenhuma à Nossa Senhora da Paz.

Tanto o espaço interno da Praça General Osório quanto os quarteirões situados em seus arredores foram sede da maioria das histórias que compõem as memórias da “turma de Ipanema”. Essa região foi, sem sombra de dúvida, um importante ponto das “badalações” e do “agito” dos jovens cariocas da Zona Sul. Em frente à praça funcionaram diversos espaços culturais e de sociabilidade, como o Cinema Ipanema, o Teatro de Bolso, o Cine-Theatro Poeira – onde Leila Diniz apresentou o famoso espetáculo musical “Tem Banana na Banda” - e o Bar Jangadeiro. Ruy Castro comenta que a lista dos *habitués* desse bar equivaleu a um “who’s who” das artes, da política e da boemia do Rio de Janeiro.

Não se pode esquecer ainda de dois eventos promovidos na década de 1960 pela “turma de Ipanema” na Praça General Osório, e que, com o passar dos anos, sofreram uma resignificação: a Banda de Ipanema e o Arte na Praça. O primeiro, um bloco de carnaval que reunia artistas, intelectuais e grupos de diferentes perfis é hoje um símbolo do “carnaval gay” cujos principais foliões são travestis e *drag queens*⁴. O segundo, uma galeria de arte a céu aberto onde pintores e artesãos de diversos estilos apresentavam e vendiam seus trabalhos, foi transformado na “Feira Hippie” que funciona aos domingos como uma atração turística da cidade. Segundo Ruy Castro, o Arte na Praça tornou-se “*um mafuá, com gente de fora vendendo todo tipo de bagulho industrializado sob o rótulo de “artesanato”, destruindo a praça e invadindo a rua Visconde de Pirajá*” (p.121).

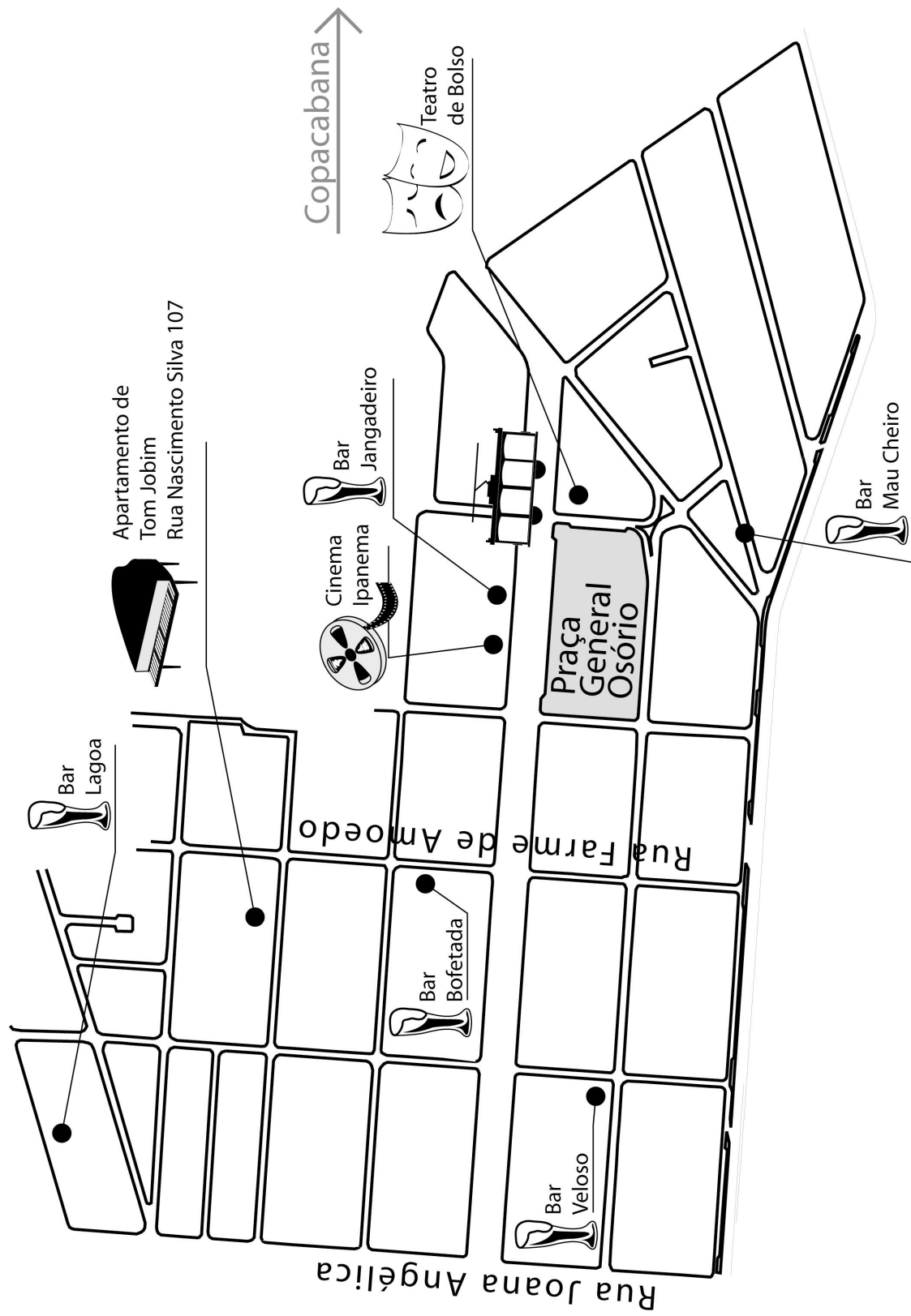
A Praça General Osório pode ser pensada apenas como um símbolo da primeira metade de Ipanema, ou seja, dos quarteirões que se localizam entre o bairro de Copacabana e a Rua Joana

⁴ Carlos Leonam critica essa transformação: “A Banda há muito perdeu sua inocência. Foi invadida por farofeiros e drag-queens que passaram a receber grande cobertura da imprensa, como se eles fossem a Banda”. (p.209/210).

Angélica. As descrições espaciais de Ruy Castro, Carlos Leonam e Jaguar referem-se, sobretudo, a essas regiões de Ipanema. Na primeira página do livro de Ruy Castro encontra-se um mapa intitulado “Ipanema Clássica, 1920-1970” que ilustra essa idéia. No desenho também constam indicações como “bar Zeppelin” e “casa de Aníbal Machado” (que se situavam na segunda metade de Ipanema). Entretanto, a maioria das sinalizações se concentra na outra metade do bairro, como “Bar Lagoa”, “apartamento de Tom Jobim”, “O Pasquim”, “Jangadeiro”, “Teatro de Bolso” e “Estúdio de Millôr”. Vale enfatizar que os bares Mau Cheiro e Veloso - discutidos no primeiro capítulo como os emblemas espaciais do Cinema Novo e da Bossa Nova – também se situavam nessa região do bairro. Não se deve perder de vista, além disso, a localização dos trechos da praia que foram os principais pontos de encontro da "turma de Ipanema". Pode-se sugerir, portanto, que os espaços das memórias do grupo aqui pesquisado, como mostra o Mapa 5, corresponde a uma área espacialmente delimitada do bairro.

As representações e as práticas ligadas à Praça General Osório se transformaram bastante, e isto se deve, em grande parte, à expansão da Favela do Pavão-Pavãozinho, sobretudo a partir das décadas de 1970-80. Como se pode ver nos mapas, uma das ruas que tangenciam a praça serve de entrada para essa favela. Atualmente, os arredores da praça recebem, com frequência, as mesmas qualificações atribuídas aos habitantes dessa favela: “perigosos”, “abandonados” e “sujos”. A própria praça é percebida como um local por onde se deve evitar passar, sobretudo à noite. Um comentário de Jaguar pode resumir essas representações:

Mapa 5 — A Praça General Osório: um emblema do passado de Ipanema



Esbarro em fantasmas quando ando por Ipanema. Hoje a praça Gal Osório, que fervia até altas horas, é escura, sinistra, suja e deserta à noite. Não há nem bêbados na rua, a não ser os polêmicos postes bêbados do Casé. Acho deprimente aquele chafariz das Saracuras com pedras no lago em vez de água. Pra não parecer que só vejo o lado negativo: o jaguar de bronze no meio da praça, que estava cotó há anos, ganhou um rabo novo. Agradeço a quem deu o rabo ao jaguar. Tem gente que arregala os olhos quando passo, pensa que está vendo fantasma. (p. 69-70)

Se a Praça General Osório pode ser pensada como um emblema do caráter "boêmio", "criativo" e "artístico" do passado do bairro, a Praça Nossa Senhora da Paz serve como símbolo das noções de "sofisticação", "luxo" e "glamour" elaboradas pelo material de imprensa sobre o momento atual do bairro. Viu-se, no primeiro capítulo, que os jornais e revistas exemplificam o caráter "moderno" e "requintado" de Ipanema mencionando alguns serviços inaugurados nos últimos anos no bairro, como restaurantes, livrarias e lojas de grife. Nesse contexto, as joalherias também recebem um destaque especial. O Caderno H do Jornal do Brasil, por exemplo, refere-se à Ipanema dizendo que "*Aqui estão reunidas as joalherias mais sofisticadas do mundo como Amsterdam Sauer, H. Stern, Mont Blanc, Cartier...*" (p.4). Essas lojas contribuem para percepções de subespaços em Ipanema. Um trecho da Veja Rio pode ser elucidativo:

Luxuosas grifes, como Cartier, Louis Vuitton e H. Stern, adotaram o bairro como vitrine de suas marcas. O quarteirão delimitado pelas ruas Aníbal de Mendonça, Barão da Torre, Garcia D'Ávila e Visconde de Pirajá virou o filé da área, reduto de glamour, luxo e charme. (p.14)

O bairro é percebido sob a forma de fragmentos ainda menores. A demarcação de áreas "luxuosas" aparece com certa recorrência na imprensa, reduzida ao trecho ocupado pela Rua Garcia D'Ávila no quarteirão anteriormente citado:

O endereço mais sofisticado do Rio continua se superando. Grifes como Louis Vuitton, Elle et Lui, Cartier, H. Stern e Amsterdam Sauer salpicam a extensão da Rua Garcia D'Ávila, entremeadas por charmosos bistrôs." (Caderno Zona Sul, p.23)

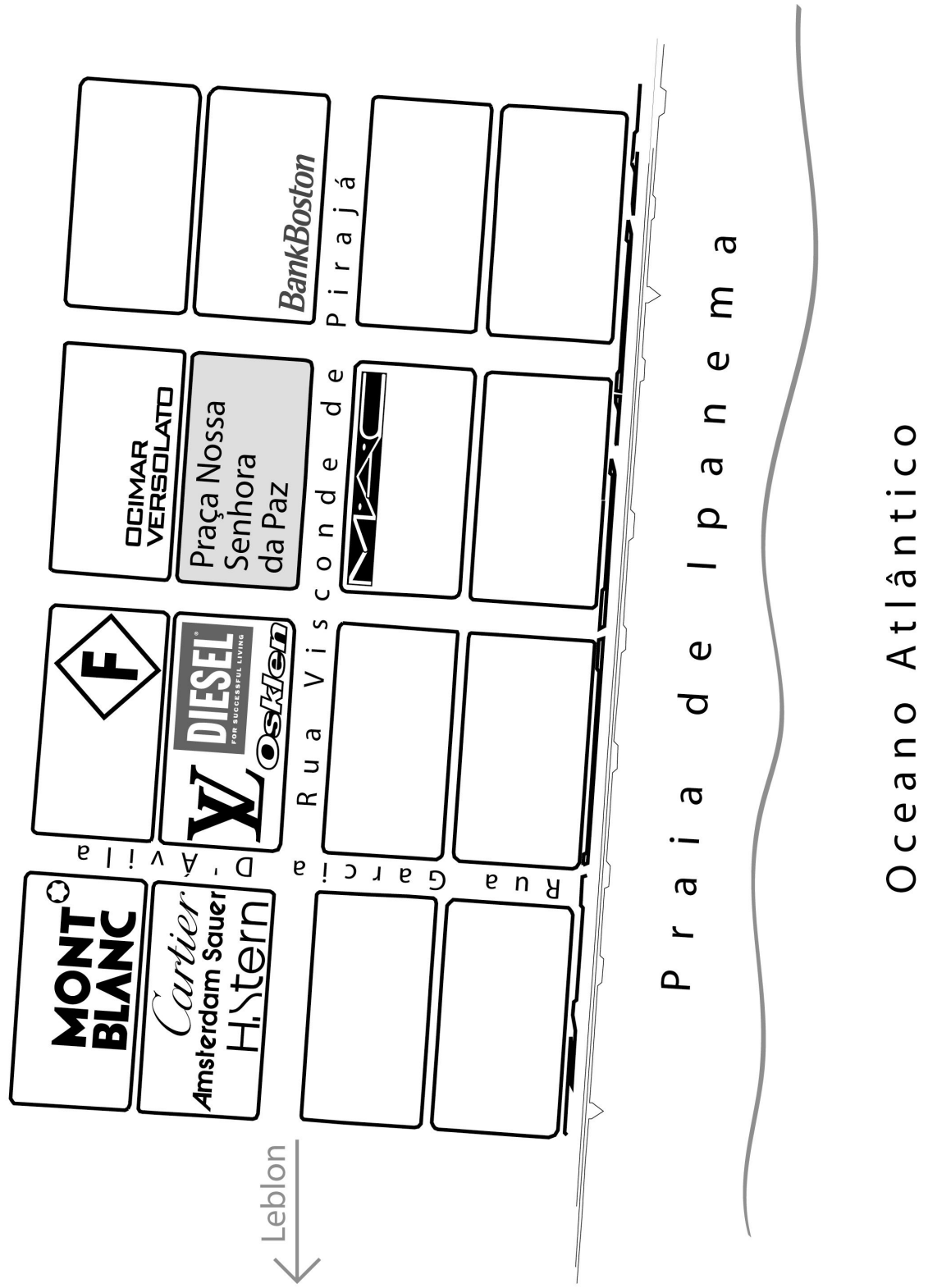
Por meio de matérias como essas, percebe-se uma das maneiras através das quais se elaboram separações e classificações do espaço em Ipanema. Embora o bairro, como um todo, seja qualificado como “sofisticado” e “de elite”, o comércio “nobre” opta por se localizar em áreas específicas - o “filé mignon” da área – o que estabelece, por oposição, o contorno do que seriam as regiões e ruas menos prestigiadas. Como mostra o Mapa 6, os quarteirões mais valorizados de Ipanema estão próximos à Praça Nossa Senhora da Paz, na segunda metade do bairro.

Anúncios nos classificados do jornal O Globo, para venda e aluguel de imóveis, revelam as diferenças nos significados atuais das duas praças públicas de Ipanema - “*Barão da Torre, Pça. N.S. Paz. Vista Maravilhosa! 1 p/ andar...*” ou “*Ipanema. Praça N. S. Da Paz, excelente apartamento, silencioso...*”. Tudo indica que o entorno da Praça Nossa Senhora da Paz também é mais valorizado em termos imobiliários do que o da Praça General Osório, que quase nunca é mencionada nesses anúncios.

Sutis divisões em Ipanema se fazem sentir por meio de sua própria paisagem urbana e pela diferença na qualidade e no preço do comércio, da moradia e dos serviços. De um modo geral, quanto mais próximos do bairro do Leblon, mais caros, luxuosos e seletivos são os produtos e serviços. De modo inverso, quanto mais próximos de Copacabana, mais populares, baratos e acessíveis.

É evidente que muitos espaços de Ipanema contrariam essa divisão, entre um lado mais “elitizado” e outro mais “popular”. É possível encontrar restaurantes “chiques” e lojas “sofisticadas” entre a Rua Joana Angélica e os quarteirões próximos à Praça General Osório. De modo inverso, a região do Bar 20, fronteira ao Leblon, por exemplo, reúne bares fiéis ao padrão “pé sujo”, além de ser o local onde se encontram os bombeiros,

Mapa 6 — O "filé mignon" de Ipanema



gasistas, eletricitas, chaveiros e marceneiros que trabalham para lojas que passam longe do “glamour” das joalherias do bairro.

Outro espaço que também está excluído dessa divisão estrutural do bairro é a rua que contorna a orla marítima. A Rua Vieira Souto é classificada diferentemente por apresentar, em toda sua extensão, edifícios residenciais de luxo. Pode-se traçar um paralelo entre a Vieira Souto e a Avenida Atlântica, às margens da praia de Copacabana. Velho (1978) observou, na década de 1970, que

quando se diz que alguém mora na Avenida Atlântica, em princípio imagina-se que seja “rica”. Há um grande número, e mesmo predomínio, dos chamados prédios de luxo, com apartamentos de mais de 200 m², com um ar “aristocrático”. (p.27)

Portanto, é preciso insistir que quando sugiro a separação de Ipanema em duas metades aparentemente opostas utilizo uma divisão estrutural que visa facilitar o “olhar” e a compreensão sobre o bairro, tratando-se de fins meramente analíticos.

II.4. Copacabana, Ipanema e Leblon: o deslocamento espacial do prestígio

Um interessante caminho para compreender as diferenças espaciais e simbólicas pelas quais o bairro de Ipanema passou em sua curta trajetória – desde o início do século XX até hoje - é a idéia de que os significados atribuídos ao espaço, bem como a delimitação de suas fronteiras, respondem a um trabalho de construção social. Como qualquer constructo social, os bairros também são elaborados coletivamente por meio de um aspecto relacional, o que equivale afirmar que as representações associadas a cada bairro ou região de uma cidade devem ser pensadas por meio de relações de oposição, semelhança ou complementaridade a outras áreas espaciais.

Como será analisado no próximo capítulo, este também é um referencial básico para compreender a criação de identidades ancoradas no espaço. Mostrarei que o “ipanemense” opõe-se de maneira mais ou menos direta ao “suburbano”, e que a Zona Sul só pode ser pensada através de uma relação simbolicamente estruturada com a Zona Norte da cidade.

Tampouco se pode excluir dessas reflexões o tema da hierarquia. Durkheim e Mauss (1981) já diziam, no início do século XIX, que “*classificar não é apenas constituir grupos, mas dispor esses grupos segundo relações muito especiais*” (p.403). Segundo os autores, toda classificação implica uma relação hierárquica. Portanto, em uma pesquisa voltada para a temática espacial, é preciso refletir sobre as diferenças de valor e prestígio intrínsecas na relação entre as localidades de uma cidade.

Sabe-se que Ipanema está espacialmente situada entre dois bairros que também apresentam fortes simbologias. Copacabana e Leblon são aqui pensados como importantes contrapontos para a compreensão das mudanças nos valores socialmente atribuídos ao bairro de Ipanema, já que o prestígio de cada um dos três bairros correspondeu a diferentes épocas.

Como mostrou Velho (1999), desde a década de 1920 Copacabana foi um dos mais importantes bairros do Rio de Janeiro. Por sua riqueza e prestígio político-cultural, Copacabana atraiu categorias sociais de origens diversas e, até os anos 1960, podia se verificar um predomínio de camadas médias superiores entre os moradores do bairro. Utilizando os livros de Peixoto e outros (1994) e de Rouchou e Blanc (1994) como bibliografia complementar, nota-se que a riqueza e o desenvolvimento de Copacabana são recorrentemente lembrados por antigos moradores de Ipanema. Tom Jobim, por exemplo, descreve o bairro de sua infância, da década de 1930, por meio da relação com o bairro vizinho: “*Enquanto Copacabana era lugar das casas*

luxuosas, Ipanema era um lugar de casinhas pequenas. Quem não podia comprar casa em Copacabana, vinha pra cá, porque era mais barato e mais longe” (Peixoto e outros, 1994: p. 41).

Na cronologia de Rouchou e Blanc (1994), a década de 1950 é narrada como um período em que *“Ipanema caminhava para o seu apogeu, mas Copacabana ainda era a ‘Princesinha do Mar”*”(p. 20). Nesse livro encontra-se o depoimento de Marília Valls, proprietária de uma antiga loja de roupas em Ipanema, que enfatiza a diferença entre os dois bairros *“o comércio ficava quase todo em Copacabana e não em Ipanema... não havia um mercado forte de moda em Ipanema neste período”* (p. 49).

O contraste entre o desenvolvimento de Copacabana e Ipanema também aparece em diversos verbetes da enciclopédia de Ruy Castro, como no do bar Mau Cheiro - *“com suas paredes de azulejos e mesas da Brahma, o Mau Cheiro era a vitória do despojamento e da ‘autenticidade’ de Ipanema sobre a pompa (e os preços) dos botequins turísticos de Copacabana”* (p. 251) - e no do “Petite Galerie”: *“Se a primeira galeria de arte do Rio data de 1891, Ipanema levou quase setenta anos para ter a sua – o grande centro do mercado carioca e brasileiro era Copacabana”* (p. 295).

A partir da década de 1960, Copacabana sofreu um processo de desvalorização financeira e simbólica associado ao crescente desenvolvimento de outros bairros da cidade. Velho (1978) comenta que, nesse contexto, Ipanema aparece para alguns grupos de camadas médias como um local “com recursos” e “divertimento” sem deixar de ser “tranquilo” e “sossegado”. Para os indivíduos não-simpáticos à Copacabana, diz o autor, Ipanema representou uma espécie de “aura medida” entre o “tumulto copacabanense” e o “isolamento” de outros bairros cariocas como a Gávea e a Barra da Tijuca.

Ao analisar a história da formação de Ipanema, nota-se que, desde o início do século XX, as áreas próximas à Praça General Osório eram mais desenvolvidas sob o ponto de vista comercial e residencial do que os quarteirões em direção ao Leblon. A construção de casas, por exemplo, começou na região da Rua Gomes Carneiro, considerada, hoje, uma rua de transição entre Ipanema e Copacabana. Em 1910, Ipanema contava com 175 residências, mas as ruas próximas ao atual Canal do Jardim de Alah – o parque que delimita a fronteira do bairro com o Leblon - ainda não eram habitadas.

Pode-se pensar ainda que, mais do que uma resposta à expansão urbana de Copacabana, Ipanema também deu continuidade aos aspectos simbólicos de seu vizinho. Como salientou Velho (1999), o “estilo copacabanense”, mais informal diante dos padrões tradicionais da sociedade do início do século XX, era associado a um modo de vida *s sofisticado e moderno*; noções que posteriormente passaram a compor as representações sobre Ipanema. Outro aspecto simbólico transferido para Ipanema foi a primazia de bairro emblemático da cidade do Rio de Janeiro que, a partir da década de 1960, passou a ser disputada com Copacabana (Velho, 1999).

Se Ipanema representou, para alguns setores das camadas médias, uma espécie de fuga do “tumulto” de Copacabana, o bairro do Leblon, como mostra o material pesquisado, foi encarado como a principal alternativa para se escapar das transformações de Ipanema. Jaguar expressa claramente essa idéia quando se refere à edição especial de “O Pasquim” sobre Ipanema, onde enumerou os “prós e contras” do bairro destacando, ironicamente, como um dos “prós” o bairro do Leblon. Em outro capítulo, dedicado à Banda de Ipanema, o autor introduz sua conversa com Ferdy Carneiro, o principal organizador da primeira saída da Banda, da seguinte maneira: “*Marquei encontro com Ferdy Carneiro para falar sobre a Banda ... Significativamente o papo*

foi na Cobal do Leblon” (p.45). No penúltimo capítulo, Jaguar descreve as impressões de seu último dia como morador de Ipanema:

Pela terceira noite consecutiva minha insônia começou às três e trinta e três. Fui até a janela, era a minha última madrugada em Ipanema, o caminhão da mudança estava marcado para o meio-dia...O que me sobrou daquela Ipanema embaçada num *fog* etílico foi a placa da rua Montenegro pregada na parede doutro apartamento, noutra bairro...Amanhã saio de Ipanema para sempre e vou morar na ilha do Leblon. (p.84)

Ruy Castro também identifica a transferência da “turma de Ipanema” para o bairro do Leblon ao descrever o perfil do arquiteto e cronista Marcos de Vasconcellos. É curioso perceber nesse verbete que Copacabana se transforma em adjetivo capaz de desqualificar outros espaços: Ipanema teria passado por um processo de “copacabanização” ocasionando uma “fuga de cérebros” para o Leblon:

Mas, enquanto a ameaça pairava, ele não quis sequer presenciar a copacabanização de Ipanema. Quando começou a derrubada do bairro, de cujas praias e bares fora um dos personagens mais militantes, construiu sua casa no Horto Florestal, aos pés do Cristo, e transferiu sua verve para o Leblon – mais exatamente, para as mesas do restaurante Antonio’s. Atitude essa seguida por uma legião de ipanemenses, na talvez maior fuga de cérebros já sofrida por um bairro na história, nem que fosse para o bairro ao lado. (p.235)

Através da história da Zona Sul do Rio de Janeiro é possível verificar que houve uma expansão urbana vivida primeiramente por Copacabana, passando por Ipanema e seguida pelo Leblon. Atualmente, os três bairros, apesar de suas diferenças, ainda concentram importantes capitais econômicos, culturais e simbólicos na cidade do Rio de Janeiro. Ipanema e Leblon, hoje, talvez apresentem maiores semelhanças no que se refere ao *status* de bairros de elite, se comparados às representações atuais de Copacabana. Velho (1978) comentou que, para certos

setores sociais que se definiam como “sofisticados”, Copacabana já era vista, na década de 1970, como um lugar “cafona”, “inabitável”, “sujo”, “um inferno”.

O que se propõe aqui é pensar que o valor atribuído aos três bairros deslocou-se, com o tempo, em um sentido espacialmente linear, de Copacabana até o bairro do Leblon, passando, obviamente, por Ipanema. Assim, na medida em que o prestígio atribuído à Copacabana e ao Leblon se modifica, o espaço de Ipanema, geograficamente localizado entre os dois bairros, é capaz de ilustrar esse deslocamento simbólico e espacial. Tudo indica que, com o tempo, a praia e os espaços internos de Ipanema refletiram as transformações hierárquicas de seus bairros vizinhos. Como pretendi mostrar com os mapas elaborados para este trabalho, os quarteirões ou trechos do bairro foram hierarquizados, no decorrer dos anos, conforme sua proximidade ou seu distanciamento em relação aos bairros de Copacabana e do Leblon.

Capítulo 3 – A vanguarda aristocrática

*Rua Nascimento Silva 107
Eu saio correndo do pivete
Tentando alcançar o elevador
Minha janela não passa de um quadrado
A gente só vê Sérgio Dourado
Onde antes se via o Redentor
É meu amigo, só resta uma certeza
É preciso acabar com a natureza
É melhor lotear o nosso amor*

Tom Jobim e Chico Buarque

Nos capítulos anteriores, os livros e a imprensa trouxeram à tona duas “Ipanemas” ideais, dignas de comemorações e de celebrações. As idéias de “vanguarda”, “liberdade” e “transgressão” ou “luxo”, “esportes” e “sofisticação” revelaram concepções positivas sobre o passado e o presente do bairro. Viu-se que esses atributos não se restringem a uma dimensão puramente simbólica pois estão ligados, também, a uma esfera prática com determinados usos e apropriações do espaço. Tratou-se de dois bairros que prescrevem certos comportamentos e atitudes. A Ipanema dos tempos áureos é o local da inspiração, da boemia e da liberdade; um bairro onde se criam canções e outras manifestações artísticas enquanto se toma cerveja na mesa de bares com os amigos depois de revelar o corpo nas areias da praia. Já a Ipanema atual é o local do luxo e da sofisticação, aonde se vai para praticar esportes no calçadão da orla, olhar as vitrines das grifes e almoçar em restaurantes finos.

Percebeu-se que essas maneiras de usar o espaço ganham significado para as memórias e versões sobre Ipanema por receberem aprovação social; são reconhecidas como “boas”,

“admiráveis” ou “apropriadas”. Pretendo discutir, neste capítulo, um bairro oposto a essas representações. Analiso, com base no mesmo material utilizado anteriormente, as percepções negativas sobre Ipanema, ou seja, aquelas que desqualificam as localidades, os frequentadores e as apropriações de seus espaços. Em outras palavras, realiza-se uma reflexão sobre a categoria Ipanema que está sob os olhos da condenação e da reprovação sociais. Não se deve perder de vista que essas representações “negativas” sobre o bairro também são elaboradas por intelectuais, artistas e jornalistas provenientes das camadas médias da Zona Sul do Rio de Janeiro. Como se verá, no decorrer deste capítulo, a contextualização sócio-cultural e, sobretudo, espacial desse grupo será fundamental para compreender as críticas voltadas ao bairro.

III.1. Os lados do Túnel Rebouças

A partir da década de 1970, Ipanema passou por um rápido processo de desenvolvimento impulsionado, em grande parte, por interesses imobiliários na construção de edifícios residenciais e comerciais. Acontecimentos ligados à política urbana do Rio de Janeiro também foram decisivos, alguns anos mais tarde, para elevar o contingente populacional do bairro. Deve-se mencionar a criação de linhas de transporte público que ligaram subúrbios distantes à Zona Sul da cidade pelo Túnel Rebouças, cujo acesso até então era vetado aos ônibus. Com essa medida, a Zona Sul do Rio de Janeiro e, sobretudo, os bairros da orla marítima, passaram a receber um fluxo mais intenso de habitantes de outras regiões da cidade.

Essas transformações são percebidas pelos autores aqui analisados como um divisor de águas das memórias de Ipanema já que o bairro teria perdido o seu “ar” de pequena cidade. Se Ipanema era “simples”, “provinciana”, “barata” e “tranqüila”, com a especulação imobiliária e o

crescimento populacional, o local sofreu resignificações, tornando-se “movimentado”, “nobre”, “caro” e “perigoso”.

Desde sua abertura, em fins da década de 1960, o Túnel Rebouças facilitou o acesso a áreas de lazer, como as praias da Zona Sul, para os cariocas que moravam em localidades mais afastadas. No início dos anos 1980, a permissão concedida às linhas de ônibus do subúrbio para circular nessa zona intensificou ainda mais a “democratização” dos espaços das camadas médias e altas da cidade. Essas medidas, no entanto, não receberam amplo apoio dos segmentos de camadas médias do Rio de Janeiro. As memórias de Ipanema aqui estudadas fornecem exemplos da reprovação ao Túnel Rebouças por parte dos setores ditos “vanguardistas”, “abertos” e “progressistas” da Zona Sul da cidade.

Ao descrever a edição do jornal “O Pasquim”, de 1971, Jaguar se lembra do famoso comentário de Millôr Fernandes: *‘Eu tenho ódio do túnel Rebouças. Eu levei 20 anos pra vir do Méier até Ipanema. ‘Eles’ agora vêm em cinco minutos’* (p.78). O próprio Jaguar, que nessa edição do semanário havia enumerado os “prós e contras” do bairro, afirma ter atribuído ao túnel um dos “contras” com a seguinte justificativa: *“não é em Ipanema mas esculhambou o bairro”*(p.81). Para Carlos Leonam a ampliação das vias de acesso da cidade modificou a paisagem das praias cariocas trazendo para esses espaços a frequência de indivíduos desagradáveis e inconvenientes:

O sistema viário fez do Rio uma cidade para todos, mas as praias – antes tão curtíveis – perderam aquela quase privacidade, aquele lugar de ponto de encontro, virando um paraíso de ambulantes e pivetes, de farofeiros interurbanos e interestaduais. (p.41)

O Túnel Rebouças possui um significado peculiar para os moradores do Rio de Janeiro por representar uma fronteira espacial e simbólica entre duas *regiões morais* da cidade. Morar

“antes do túnel” ou “do túnel para cá” são expressões comumente utilizadas pelas camadas médias e altas para designar os habitantes da Zona Sul da cidade. Já aquele que provém do “além-túnel” ou “do túnel para lá” representa o morador da Zona Norte ou dos subúrbios. A oposição entre a Zona Norte e a Zona Sul do Rio de Janeiro não está apenas nos discursos cotidianos dos cariocas, aparecendo, também, em pesquisas e debates acadêmicos. As antropólogas Heilborn (1999) e Kuschnir (1999), por exemplo, associam a primeira região a um *ethos* mais “conservador” ou “tradicional” se comparado ao da outra zona da cidade. Ambas mostram que as diferenças nos estilos de vida e nas visões de mundo das duas áreas espaciais evidenciam-se quando se comparam as escolhas políticas (Kuschnir, 1999) e os comportamentos sexuais (Heilborn, 1999) dos habitantes de cada uma das duas zonas.

A divisão entre o que é considerado “antes” e “depois” do Túnel Rebouças parece mostrar uma posição dominante da Zona Sul, uma vez que esta zona é a principal referência através da qual se diferencia o que é “perto” do que é “longe”, ou, em outras palavras, a determinação do “eu” - espacialmente próximo - e do “outro” - longínquo e distante. As fronteiras espaciais e simbólicas da cidade do Rio de Janeiro foram discutidas por Velho (1998) em pesquisa sobre um grupo de camadas médias na década de 1970. Existia, de acordo com o autor, uma valorização, por parte desse segmento, da origem sócio-espacial “de Zona Sul” que se manifestava através de piadas ou modos jocosos de se referir às outras regiões da cidade, sobretudo à Zona Norte.

No material sobre Ipanema, os habitantes do “além-túnel” são acusados de “esculhambar o bairro”, como disse Jaguar, e o discurso predominante é o de que Ipanema foi “invadida” por indivíduos mal educados e pouco civilizados, designados de “bárbaros” e de “farofeiros”. Os xingamentos e as rotulações, já dizia Elias (2000), expressam contextos de hierarquia social e política. Para o autor, a capacidade de insultar com eficiência está reservada àqueles grupos que

apresentam uma situação de poder vantajosa. O autor defende que *“nada é mais característico do equilíbrio de poder extremamente desigual do que a impossibilidade de os grupos outsiders retaliarem com termos estigmatizantes equivalentes para se referirem ao grupo estabelecido.”* (Elias, 2000: 27).

Assim como na vila operária estudada por Elias (2000), no caso aqui focalizado as relações de poder se estabelecem, em grande medida, por uma referência de espaço. Tudo indica que a posse de uma identidade “ipanemense” – já discutida no primeiro capítulo -, ou “de Zona Sul”, é o que confere a possibilidade de estigmatizar a Zona Norte e o subúrbio.

É preciso dizer que há reações e críticas a esta divisão espacial e política da cidade configurada pelo Túnel Rebouças. A letra de um samba-enredo da Caprichosos de Pilares – escola de samba cujo barracão está sediado no bairro do Caju - inverte os pólos espaciais do túnel designando de “lado de cá”, a Zona Norte e o subúrbio do Rio de Janeiro. O samba menciona, além dos já citados, outros rótulos comumente aplicados aos habitantes dessas zonas, como o de “suburbano”, “marmiteiro”, “muambeiro”, “peladeiro” e “macumbeiro”. Assim como a mudança de perspectiva espacial classificou a Zona Sul como “o lado de lá”, o significado das categorias de acusação também se inverte, apresentando valores positivos:

Não existe pecado do lado de cá do Túnel Rebouças

Vem pro lado de cá
Vem se acabar na minha aldeia
Vem do Túnel pra cá
Pecado não há e nem areia
Sou suburbano
Sou caprichoso, assumido e orgulhoso
É isso aí, operário marmiteiro
E muambeiro lá de Acari
É de carona que eu vou, é de carona
Nesse vai e vem, no vai e vem
Tem surfista diferente

Tirando onda em cima do trem
Aqui ô ô, à sombra da tamarineira
Pagode, risos, brincadeiras
A praça é criança pé no chão
E bate forte, bate norte o coração
Um velho fusca é minha curtição
Sou baloeiro, eu sou
Sou peladeiro, eu sou
Eu sou o mengo no Maracanã
Bato macumba bem rezada na avenida
Pra ver a minha escola campeã
Eu vou daqui pra lá
De frango e saravá
E no burguês farofafá⁵

Ao reverter os rótulos e termos estigmatizantes em favor dos “suburbanos”, transformando-os em motivo de orgulho e de celebração, evidencia-se o que Goffman (1975) denominou de “manipulação da identidade deteriorada”. O exemplo do samba-enredo contribui, ainda, para evidenciar um modo abrangente de classificação social dos espaços e dos habitantes do Rio de Janeiro. A inversão da perspectiva espacial e do valor atribuído às categorias de acusação não afetou, todavia, a percepção de que o Túnel Rebouças promove uma demarcação simbólica importante na cidade.

III.2. O espaço das acusações

III.2.1- A praia

⁵ G.R.E.S. Caprichosos de Pilares - Samba-Enredo de 1993. Autoria de Marco Lessa, Tico do Gato, Carlos Ortiz, Luizito, Karlinho's de Madureira.

Se as representações positivas de Ipanema se constroem por meio da exaltação de alguns espaços em detrimento de outros, a crença de que o bairro deixou de ser como antes se apóia nas mudanças desses mesmos locais significativos. O espaço da praia, por exemplo, funciona como uma espécie de índice das transformações do bairro. Através da praia assiste-se à passagem de um bairro “limpo”, “tranquilo” e “seguro” para outro “sujo”, “populoso” e “perigoso”. Nos tempos áureos de Ipanema, defende Jaguar, *“havia mais água que coliformes fecais no mar, antigamente verde-azulado e hoje mais para o marrom-cocô”*. Ao discutir o lazer do carioca, Carlos Leonam também critica a situação das praias da cidade:

As praias continuam sendo (cocô à parte) a saudável e mais barata diversão, muito embora o espaço vital por metro quadrado de areia para cada banhista tenha diminuído na proporção em que a especulação imobiliária aumentou a densidade demográfica de bairros como Ipanema, Leblon, Lagoa, São Conrado e Barra da Tijuca. (p.41- 42)

A densidade populacional da praia de Ipanema foi caricaturada por Ziraldo – outro integrante da “turma de Ipanema” – naquela edição de “O Pasquim” de 1972, dedicada ao bairro. Jaguar comenta esse número especial do semanário dizendo que o desenho de Ziraldo, intitulado “Ziraldo e A Invasão”, apresentava a praia “entupida de gente” e mostrava um surfista que comentava: *‘Essa praia era uma beleza antes da invasão dos ‘baihunos’*. Jaguar explica, entre parênteses, que “baihuno” significa *“a mistura de huno com baiano”* (p. 78). Carlos Leonam (1997) acredita no “fim de Ipanema” relacionando-o à *“invasão de chumbetas, samburicas, alpinistas sociais, exibicionistas, sem esquecer, hoje, os funqueiros, os flanelinhas, o loteamento da praia pela prefeitura etc.etc”* (p.64).

Vale observar que dentre os termos estigmatizantes dirigidos aos “outsiders” de Ipanema há aqueles que só adquirem significado quando associados ao espaço da praia. Este é o caso da

categoria “farofeiro” anteriormente vista no depoimento de Carlos Leonam. Em pesquisa sobre o comportamento na praia, Farias (2000) explica que a identificação do “farofeiro” se faz pelas práticas e atitudes corporais consideradas inadequadas e desajustadas em relação aos padrões em vigor. Assim, os “farofeiros” são percebidos como ignorantes em relação aos preceitos sobre os usos do corpo no espaço da praia e a acusação recai sobre a forma como lidam com a areia, com o mar e os vizinhos. Uma entrevistada de Farias (2000) fez a seguinte definição do “farofeiro”:

Ah, farofa é quando você está na praia despreocupado ... você leva seu sanduíche, pra se sentir uma fome, aí leva sua água, entendeu? E...sei lá, vai dar cambalhota na areia, vai cavar um buraco, fazer escultura na areia, vai sentar na canga errado, e dane-se, vai levantar e ficar com a bunda cheia de areia ... Farofa é aquela coisa espontânea, aquela pessoa que sai correndo, brincando de pique pega no meio da praia, entendeu? (p.288)

III.2.2.- Ruas e favela

Pensando sobre o material desta pesquisa, nota-se que os autores são nostálgicos e assumem uma postura mais crítica em relação às épocas recentes se comparados aos cadernos de imprensa. Contudo, retomando a proposta de analisar, neste capítulo, as percepções negativas sobre Ipanema, é preciso mencionar algumas críticas e reclamações que, além de ocuparem as páginas dos livros, também aparecem nos jornais e nas revistas examinados. Trata-se do tema da violência.

Como já foi discutido, a década de 1970 simboliza um marco importante para as memórias de Ipanema pois foi um período de grande expansão e de intenso crescimento do bairro. É em relação a esse contexto de mudanças que o tema da violência começa a surgir como um divisor significativo das “duas Ipanemas”: a de hoje e a de ontem. “*Antigamente*”, comenta Jaguar, “*podíamos andar pelo calçadão de madrugada sem sermos assaltados pelos pivetes*”

(p.11). Um comentário de Millôr Fernandes no livro de Jaguar também denuncia atos violentos na praia de Ipanema:

Tendo proibido o famoso jogo de frescobol que fazia apenas trinta e oito caolhos por semana, as autoridades permitem porém futebol, voleibol ... roubo de carteiras e outros objetos pessoais, agressões físicas e palavrões. (p.87)

Para Carlos Leonam, a praia se transformou em um “*campo de batalha dominical de uma guerra civil urbana*” (p.41). Nos cadernos de imprensa, a violência ocupa espaço junto a costumes criados na praia, como o aplauso ao pôr-do-sol no Posto Nove ou o uso de apitos como forma de prevenir os usuários de maconha sobre a chegada da repressão policial. Episódios ocorridos no início da década de 1990, conhecidos como “arrastões”, ganham um tom exótico na medida em que são entendidos como mais uma das “polêmicas de verão” de Ipanema: “*Uma briga entre galeras funk causou tumulto e criou histeria nas areias. Foi o verão do arrastão*”⁶; “*Em 1992, jovens, em fileira, percorriam toda a extensão da orla, roubando banhistas. Como tudo o que acontece por ali os arrastões ficaram conhecidos no mundo inteiro*”⁷.

Voltando ao tema das acusações, vale prestar atenção aos rótulos ligados ao tema da violência presentes no material analisado. Enquanto os “farofeiros” representam a falta de controle e de monitoramento das técnicas corporais prescritas na praia, o “pivete” simboliza o perigo e a agressividade no espaço urbano - como mostrou o discurso de Jaguar e a paródia de Tom Jobim no início deste capítulo.

Outras categorias de acusação relacionadas à violência são as de “favelado” e de “mendigo”. As representações que giram em torno desses termos aparecem de modo claro no editorial do Caderno H do Jornal do Brasil intitulado “Me Poupe!”. A responsável pelo caderno,

⁶ Veja Rio, p.12.

⁷ Caderno Zona Sul, p.17.

Hildegard Angel - supostamente em nome dos moradores de Ipanema - queixa-se daquilo que considera os maiores problemas do bairro e denuncia seus principais causadores. Esse protesto chama a atenção do leitor pela quantidade de insultos e xingamentos mencionados pela jornalista, fornecendo dados para se pensar sobre um tipo de configuração “estabelecidos - outsiders” em Ipanema:

Me poupe, grita Ipanema no seu aniversário. O bairro quer se livrar das famílias de mendigos profissionais que se apropriaram da Praça Nossa Senhora da Paz. Eles moram nas calçadas, assaltam os desavisados e ameaçam os moradores da região com a sua miséria física e moral. Me poupe dessa gente agressiva e desordeira! Me poupe de quem faz da mendicância um negócio.

Me poupe também da subida da favela, no final da rua Teixeira de Melo. Aquilo se transformou num covil de ladrões. Num antro de marginais. A favela está descendo para o asfalto e invadindo as ruas e calçadas e se apropriando do espaço público que deveria ser dos cidadãos que pagam caros impostos. Os favelados montam barracas de camelô, vasculham o lixo e controlam o estacionamento. Ninguém pode parar um carro na rua Barão da Torre e adjacências que é roubado. Além disso, os larápios se especializaram em assaltar turistas, depois correm para o morro e fica por isso mesmo. Me poupe, clama Ipanema, preocupada com os moradores da região que estão à mercê de uma gangue de larápios. Proprietários de imóveis não admitem mais ter que vender seus bens a preço de banana, por estar com as cabeças na mira das balas perdidas.

E isso não é tudo. Na altura da rua Aníbal de Mendonça, na região dos restaurantes finos e das lojas de grifes, circula uma quadrilha especializada em roubar Mercedes e outros carros importados. Me poupe de tantos ladrões circulando impunemente, como se roubar fosse um trabalho como outro qualquer.

E a praia? Está parecendo uma favela. Cheia de barracas, sem nenhuma organização. Sem limpeza adequada. Os barraqueiros privatizam a areia, deixam tudo sujo e vendem comida sem nenhuma higiene. Um nojo! Ambulantes negociam de tudo, transformando a praia num desastrado mercado persa.

Me poupe dos ripongas que invadiram o Arpoador com seus artesanatos fajutos. Uma gente fedorenta que fica em frente à praia e não toma um banho. Me poupe desse povo que só quer explorar Ipanema e não tem compromisso nenhum com o bairro e seus moradores. Me poupe!!! (p.2)

Nota-se que, sob o ponto de vista desta jornalista, “mendigos”, “favelados”, “marginais”, “barraqueiros”, “ambulantes” e “ripongas” são os “outsiders” de Ipanema. Essa categoria se opõe aos “estabelecidos” do bairro, designados de “moradores da região”, “turistas”, “proprietários de imóveis”, “cidadãos que pagam caros impostos” e “donos de Mercedes e outros carros

importados”. Uma prova de que as oposições se configuram desta maneira é a indignação frente aos primeiros estarem “invadindo” os espaços que seriam, em última instância, uma propriedade dos segundos. Assim como a vila operária de Winston Parva estudada por Elias (2000), Ipanema também é percebida pelos “estabelecidos” como um bairro que está sob a ameaça das “privatizações” e das “apropriações” praticadas por uma categoria de indivíduos supostamente inferior em termos éticos, estéticos e comportamentais.

Para compreender os termos estigmatizantes que aparecem no material analisado, e, em particular, aqueles mencionados pelo “Me Poupe”, seria interessante identificar um tipo de sistema classificatório ligado ao tema dos espaços. A grande maioria dos rótulos presentes no material deste trabalho refere-se, de modo mais ou menos explícito, àquele que “mora” em algum local que é socialmente desqualificado. Trata-se de um tipo espacial de acusação. Até mesmo as categorias de “farofeiro” e de “bárbaro”, vistas anteriormente, também expressavam significados sociais relacionados a determinadas regiões do Rio de Janeiro, como o subúrbio e a Zona Norte da cidade. Através desses rótulos refletem-se mapas sócio-espaciais do Rio de Janeiro, onde zonas, bairros e regiões apresentam posições hierárquicas e significados culturais específicos.

É interessante reparar que, se as acusações voltadas para os “farofeiros”, “bárbaros” e “suburbanos” apontam para as fronteiras espaciais exteriores à Ipanema, as categorias de “mendigo” e de “favelado” sugerem que o perigo “mora” em Ipanema, pois se referem aos espaços internos do bairro. “Mendigos” e “favelados” representam, portanto, um tipo peculiar de “outsider” na medida em que habitam a favela, as ruas e as praças do bairro.

A favela de Ipanema, conhecida como “Pavão-Pavãozinho”, desponta como um “não-dito” dos discursos que enaltecem o bairro. Como se viu no primeiro capítulo, o material dos livros e da imprensa se refere aos aspectos positivos de Ipanema através de uma valorização de

determinados lugares, como a praia, o calçadão, as lojas de grifes internacionais, os bares e restaurantes. A favela, como se pôde notar, não consta entre os motivos de celebração dos 110 anos de Ipanema, sendo também excluída das nostálgicas memórias dos autores “ipanemenses”. Esse espaço recebe destaque apenas em contextos específicos, como quando se trata da violência e dos aspectos “negativos” do bairro.

Os motivos que tornam a favela de Ipanema um dado ausente das representações “positivas” sobre o bairro podem ser percebidos a partir da própria imprensa. O trecho do Caderno H acima é exemplar das concepções elaboradas pelas camadas médias e altas sobre esse espaço urbano. Ao dizer que “*a praia está parecendo uma favela*”, por exemplo, a colunista transforma a categoria “favela” em um sinônimo de “desorganização”, “falta de higiene”, “sujeira” e “nojo”.

Além desse imaginário espacial, o manifesto “Me Poupe!” chama atenção pelas representações que faz dos moradores da favela e das ruas. “Favelados” seriam “sujos”, “ladrões” e “marginais”. Mendigos, “agressivos” e “desordeiros”. Retomando a idéia anteriormente proposta, percebe-se que o conteúdo de tais categorias relaciona-se, em primeiro lugar, ao significado social dos espaços onde esses segmentos sociais vivem. Viu-se, no primeiro capítulo, que os aspectos positivos de Ipanema relacionavam-se diretamente às qualidades e aptidões atribuídas aos seus freqüentadores e habitantes. Mencionou-se uma espécie de “contágio” entre o espaço e os indivíduos e vice-versa. O ipanemense teria a capacidade de “contagiar” o bairro, ao mesmo tempo em que seria contagiado pelas características desse espaço. Ao analisar as representações negativas sobre Ipanema, o processo se repete. A crença de que a favela e a rua são locais “sujos”, “desorganizados”, “nojentos” e “perigosos” obedece à mesma lógica, sugerindo uma relação de semelhança entre as representações sobre os espaços e sobre as pessoas

que os ocupam. A relação entre local de moradia e estigmatização social foi discutida por Velho (1978), na década de 1970, em pesquisa sobre os habitantes do “Edifício Estrela”, no bairro de Copacabana. O autor mostra que embora o projeto de “morar em Copacabana” recebesse grande aprovação - já que o bairro simbolizava prestígio e ascensão social - morar em um prédio de conjugados significava carregar um estigma e estar sujeito a um certo grau de discriminação:

Surge uma situação ambígua em termos de identidade dessas pessoas. Se por um lado morar em Copacabana é encarado como atributo altamente positivo, algo a ser ostentado.. seus contatos com outras pessoas indicarão que seu local de residência tem “má fama” e que o fato de ali morarem pode ser interpretado como um mau indicador a seu respeito. (p.37)

As oposições entre as identidades espaciais devem ser pensadas, portanto, como um resultado das oposições entre os espaços da cidade. “Suburbanos” se opõem aos “ipanemenses” na mesma razão em que o subúrbio está em oposição à Ipanema (ou a Zona Norte à Zona Sul); “favelados” e “mendigos” se opõem aos “moradores da região” na medida em que a rua e a favela se opõem aos espaços considerados “habitáveis” do bairro. Assim como as pessoas, os espaços estão em permanente oposição. Da Matta (1987) utilizou a comparação entre duas referências espaciais - a casa e a rua - para discutir valores e crenças dos brasileiros. Haveria, de acordo com o autor, uma forte demarcação entre as fronteiras da casa e da rua uma vez que cada um desses espaços representa visões de mundo, normas e costumes particulares. Enquanto a casa é pensada como um lugar onde prevalecem as relações pessoais, a solidariedade e a tradição, a rua é o espaço do trabalho, das relações anônimas, da malandragem e do perigo. Através dessas oposições, Da Matta (1987) mostra como o espaço pode estruturar e ordenar valores, símbolos e crenças de uma cosmologia cultural brasileira.

Valeria refletir sobre os insultos do manifesto “Me Poupe” a partir de uma junção das idéias de Da Matta (1987) com o clássico trabalho de Douglas (1976) sobre o sistema

classificatório da sujeira e da limpeza. Sob esta perspectiva, pode-se pensar que a sujeira está mais associada ao espaço da rua do que ao da casa. Se a rua e a favela são percebidas como locais “sujos” e “caóticos”, ao transformarem esses espaços em “casa”, mendigos e “favelados” misturam esferas de significação social. O “perigo” atribuído a esses atores sociais resulta, em grande parte, portanto, do desajuste que representam para o sistema classificatório; são ameaçadores ao sistema que prescreve a ordem e a limpeza no local de residência, ou seja, na casa.

III.2.3. - Bares e botecos

Como foi visto no primeiro capítulo, algumas localidades são emblemáticas do “espírito ipanemense” caracterizado pelo culto à informalidade, à descontração e ao humor. Notou-se que é fundamentalmente a partir desses espaços que o bairro de Ipanema é pensado, qualificado e transformado em memória. As transformações ocorridas nesses locais servem como uma espécie de medidor das mudanças de Ipanema como um todo. Neste capítulo, ao analisar as condenações e reprovações ao bairro, notou-se, por exemplo, que a praia ocupa uma posição de destaque para a separação entre os “tempos áureos” da “província cosmopolita” e os períodos mais recentes. Discutiu-se, no primeiro capítulo, que assim como a praia, os bares e botequins do passado de Ipanema também são emblemáticos das representações sobre o bairro. Os bares são lembrados com intensa recorrência por Ruy Castro, Jaguar e Carlos Leonam como a sede, por excelência, da criatividade musical, da vanguarda artística e da efervescência cultural que teriam marcado a década de 1960 no Rio de Janeiro.

As reformas pelas quais os bares e botecos de Ipanema passaram a partir da década de 1970 são encaradas como um sinal extremamente negativo para o bairro como um todo. De

acordo com Ruy Castro, esses locais sofreram as conseqüências do próprio sucesso pois as personalidades que teriam emprestado um caráter “ipanemense” a esses locais foram indiretamente responsáveis pela descaracterização dos mesmos:

A revelação de que o Veloso estava na gênese do maior sucesso da Bossa Nova atraiu uma nova clientela para o botequim ... O Veloso achou de chamar-se Garota de Ipanema e aproveitou para sofrer uma reforma, que sanitizou excessivamente seu antigo e delicioso ar de pé sujo. (p.382)

Em 1962, o pessoal do Cinema Novo já tinha mais o que fazer, inclusive filmes, e estava deixando de comparecer. Mas, por causa deles, o Mau Cheiro passara a atrair uma turma ainda mais jovem, epidermicamente beatnik. (p.252)

A mudança nos nomes dos botequins é percebida como um forte sinal de transformação em suas identidades. O bar Veloso, segundo a Veja Rio, “*adotou o nome Garota de Ipanema ... e perdeu o charme*” (p.14). Segundo Ruy Castro, “*os velosianos de carteirinha ... se recusaram a chamá-lo pelo novo nome*” (p.383). O Mau Cheiro, de acordo com esse autor, também teria perdido “*a metade do charme*” (p.252) após passar a se chamar Balaio. Essa mudança de nomes foi acompanhada da transformação dos velhos botecos em “restaurantes”, voltados para atender um novo tipo de clientela. Para a Veja Rio, o Veloso “*virou point de gringo*” (p.14), seguindo o mesmo destino do Mau Cheiro que, de acordo com Ruy Castro, “*tornou-se Barril 1800, um simpático botequim para turistas. Do imortal Mau Cheiro, só conservou o endereço* (p.251/252).

É interessante observar como os bares são capazes de expressar o processo de mudança vivenciado pelo bairro como um todo. Como já foi analisado, a partir de 1970, aproximadamente, Ipanema teria deixado de ser “simples”, “acessível” e “barata” para se tornar “nobre”, “cara” e “turística”. A especulação imobiliária e a valorização do metro quadrado do bairro encareceram a manutenção dos espaços comerciais de Ipanema, impulsionando a venda desses locais. O

“embelezamento” dos antigos “pés-sujos” e sua transformação em “restaurantes” sinalizam para uma adequação ao novo bairro; uma região que, com o sucesso das canções da Bossa Nova, conquistava fama mundial e se tornava um importante ponto turístico da cidade.

Outras transformações percebidas como negativas são aquelas que recaem sobre o espaço interno dos botequins. Seguindo com a interpretação de “A Casa e a Rua” de Da Matta (1987) à luz das idéias de “Pureza e Perigo” de Douglas (1976), é interessante perceber uma inversão dos valores comumente atribuídos às noções de “limpeza” e de “sujeira”. A “sujeira” ou a “desordem” são positivamente valorizadas nos botecos uma vez que, ao se tornarem “limpos” e “ordenados”, perderiam a sua “autenticidade”. Ruy Castro, por exemplo, acredita que a reforma ocorrida no bar Veloso “*sanitizou excessivamente seu antigo e delicioso ar de pé sujo*” (p.383). Eram características como essas que teriam tornado o Mau Cheiro - antes de ter sido “*drasticamente desinfetado e reformado*” - um bar “de Ipanema”, diferenciando-se daqueles que funcionavam no bairro vizinho:

Com suas paredes de azulejos e mesas da Brahma, o Mau Cheiro era a vitória do despojamento e da “autenticidade” de Ipanema sobre a pompa (e os preços) dos botequins turísticos de Copacabana. (p.251)

Nota-se como os valores sociais variam segundo uma referência de espaço. As noções de “sujeira” e de “desordem” podem receber uma ênfase positiva desde que associadas ao espaço da rua. Se na “casa” esses atributos são condenados e desvalorizados, nos bares eles parecem estar em seu “devido lugar”, podendo despontar até mesmo como valores positivos. Vale lembrar que um dos apelidos usados para se referir ao “boteco” incorpora a noção de sujeira em sua própria definição. A categoria “pé-sujo” mostra como a “sujeira” é central para a construção social desses espaços de informalidade.

III.3. Vanguardistas e aristocráticos

Refletindo sobre os principais emblemas do passado Ipanema – a praia e os bares – é interessante perceber as ambigüidades dos discursos da imprensa, mas, sobretudo, dos livros. Nota-se uma diferença substancial entre o modo de perceber as mudanças ocorridas na praia e aquelas vivenciadas pelos botecos. A abertura do Túnel Rebouças e o sucesso da canção “Garota de Ipanema” são identificados como fatores que deram início a um processo de “popularização” da praia, tratada com um tom depreciativo por ter recebido um intenso fluxo de moradores de regiões pouco “nobres” da cidade. De modo oposto, as críticas voltadas às transformações dos bares e botequins, refletem uma condenação ao encarecimento e à “elitização” dos velhos “pés-sujos”, o que teria ocasionado uma restrição à frequência da antiga clientela. Essas ambigüidades resultam de oscilações de ponto de vista quanto aos usos e apropriações dos espaços de Ipanema. Ora se condena a “popularização” e a “democratização” de Ipanema, ora se reclama da “elitização” e do “enobrecimento” de seus espaços.

Outras contradições semelhantes são recorrentes no material dos livros. Como foi visto, a chegada dos “suburbanos” à Ipanema é severamente condenada – como atestam as acusações dirigidas aos “bárbaros”, “hunos” e “farofeiros”. Por outro lado, a presença dos ipanemenses no subúrbio e na Zona Norte é tratada com um tom de aprovação. A descrição de um importante personagem da “mitologia de Ipanema”, presente nos três livros pesquisados, pode demonstrar esse paradoxo. Ruy Castro enaltece a figura de Albino Pinheiro afirmando que seu maior mérito foi o de ter promovido a ligação de Ipanema e da Zona Sul com a “*cultura marginal e desprezada dos subúrbios e morros cariocas*”:

Foi levada por sua mão, em começos dos anos 60, que Ipanema atravessou o túnel rumo ao Centro e à Zona Norte e penetrou no universo das gafieiras, escolas de samba, rodas de choro e até dos terreiros de macumba ... Ao promover festas populares, produzir shows, reativar tradições abandonadas e envolver gente de todas as áreas, ele ajudou a quebrar preconceitos raciais, de classe e, principalmente, culturais. Albino foi o grande intermediário prático entre a “alta” e a “baixa” cultura do Rio. (p.16)

Nota-se que o valor atribuído ao contato entre a “alta” e a “baixa” cultura varia conforme o espaço onde ele se estabelece. A imagem do “suburbano em Ipanema” corresponde à idéia de uma “invasão” do bairro. Já o ipanemense que “atravessa o túnel” em direção ao subúrbio representa a descoberta e a valorização de uma cultura *sui generis*.

O ipanemense Albino Pinheiro parece ter desempenhado o papel social de um *mediador*, transitando entre diferentes mundos sociais, culturais e espaciais. De acordo com Velho (2001), o *mediador* possui a habilidade de lidar com vários códigos e de viver diferentes papéis num constante processo de metamorfose, o que lhe confere um potencial de transformar e de alterar fronteiras sociais. Através do livro de Carlos Leonam percebe-se que Albino Pinheiro era mais “tolerante” do que os colegas em relação à chegada dos “outsiders” à Ipanema:

A Banda de Ipanema há muito perdeu sua inocência. Foi invadida por farofeiros e drag-queens (que passaram a receber grande cobertura da imprensa, como se eles fossem a Banda). Albino não concorda, há anos batemos boca a respeito. Ele admite que não pode controlar a presença dos alienígenas, mas que, mesmo com eles, o espírito original da Banda ainda existe. (p.24)

Embora o verbete de Albino Pinheiro reconheça de forma sutil um certo isolamento sócio-espacial dos habitantes da Zona Sul da cidade, outros trechos da enciclopédia de Ruy Castro demonstram que Ipanema foi um bairro heterogêneo, freqüentado por uma variada gama de indivíduos e grupos. O autor utiliza inclusive a idéia de uma “mestiçagem cultural” e de um “jogo de cintura” que o bairro adquiriu para lidar com essa diversidade. Nas palavras de Ruy Castro, o “caldo cultural” de Ipanema resultou justamente da

convivência democrática entre gente de todos os níveis: pescadores, intelectuais, artistas, aspirantes a tudo isso ou simples bebuns. Ali, todos eram iguais e ninguém era mais igual que os outros: um homem que soubesse ler a direção do vento ou a força das marés era tão respeitado quanto um leitor de Nietzsche ou Jung. (p.12)

Um olhar mais atento sobre a seleção dos verbetes incluídos na enciclopédia revela, contudo, que os protagonistas das memórias de Ipanema possuem um perfil restrito a uma determinada origem de classe. Apesar da “mistura social” referida por Ruy Castro, Ipanema aparece no livro como um bairro típico “de Zona Sul”. Não se trata unicamente de um bairro de elite em termos econômicos – apesar das inúmeras “socialites” descritas nos verbetes - mas de um local que apresentou um estilo de vida e uma visão de mundo próprios de classes dominantes. A grande maioria dos 231 verbetes é constituída por artistas plásticos, cineastas, jornalistas, escritores, músicos, atores e atletas renomados. Suas ocupações profissionais revelam, portanto, elevada formação intelectual, artística ou esportiva. Bibliotecas particulares, viagens ao exterior e o domínio de mais de um idioma também são recorrentes na trajetória de vida dos ipanemenses de Ruy Castro.

Também é possível notar um tom “elitista” nas representações sobre Ipanema através do que está ausente nesse livro. Apesar dos bares servirem de cenário para inúmeros acontecimentos lembrados pela “turma de Ipanema”, nenhum verbete da enciclopédia se volta, por exemplo, para a descrição dos garçons desses locais. Outras profissões de menor prestígio social, freqüentes em todos os bairros da Zona Sul, como jornaleiros, empregadas domésticas ou porteiros, tampouco aparecem. Seria injusto desconsiderar - com certa dose de ironia - os dois indivíduos que Ruy Castro classificou como “pescadores”: Kabinha, um atleta profissional e campeão de vôlei pelo Flamengo, e Chico Britto, um engenheiro nascido em Paris.

Em alguns trechos da enciclopédia ipanemense, o próprio Ruy Castro parece contradizer sua crença de que no bairro havia uma “*convivência democrática entre pessoas de todos os níveis*”. No verbete dedicado ao ator e cineasta Zózimo Bulbul percebe-se que Ipanema não está associada apenas a um determinado perfil sócio-cultural, mas também a uma origem racial específica:

Zózimo Bulbul saía de seu apartamento – uma cobertura na avenida Vieira Souto, entre as ruas Maria Quitéria e Joana Angélica – atravessava a rua e ia dar um mergulho. Ao voltar para a areia e aproveitar a tranqüilidade da praia vazia em dia de semana, era interpelado por dois PMs: “Tá fazendo o quê aqui, negão?”. Zózimo explicava que estava apenas tomando um sol. Um PM, já o julgando um foragido do morro, perguntava ríspidamente: “Mora onde, crioulo?”. Zózimo apontava para a cobertura do outro lado da rua – e ia preso por desacato à autoridade ... Isso não aconteceu em 1871, pré-Lei Áurea, mas em 1971, quando Zózimo se casou com Vera e foi morar no apartamento dela, no metro quadrado mais caro do planeta. (p. 413-414)

Um caminho para compreender essas contradições é refletir sobre o grupo que elabora as memórias e versões sobre Ipanema. Sabe-se que os autores dos livros aqui analisados apresentam um *ethos* associado às camadas médias urbanas do Rio de Janeiro. As memórias de Ipanema representam, portanto, uma visão de mundo própria dessa categoria social onde predominam ideais contraditórios em termos sociais e políticos. Viu-se a recorrência com que aparecem pontos de vista antagônicos nos discursos dos autores aqui pesquisados. Se, de um lado, considera-se que Ipanema é um bairro “democrático” e heterogêneo, de outro, defende-se que o local seja separado das outras zonas da cidade. Essas ambigüidades podem ser compreendidas à luz do termo “vanguarda aristocratizante”, cunhado por Velho (1998) ao pesquisar, na década de 1970, a “roda intelectual-artístico-boêmia” do Rio de Janeiro. Através desse conceito, Velho (1998) procurou mostrar que, apesar de assumirem uma identidade “liberal”, “de vanguarda” e

“progressista”, os jovens cariocas das camadas médias e altas também apresentavam um *ethos* aristocrático, de elite:

A idéia de vanguarda estava associada a um caráter assumidamente elitista do grupo. De um lado, enfatizava-se o pioneirismo dos trabalhos: filmes, peças, pinturas e aspectos considerados não conservadores, como relações sexuais antes do casamento, uma certa permissividade, liberalidade no vocabulário com o emprego rotineiro de palavrões, roupas mais arrojadas. Por outro lado, usando muitas vezes uma linguagem mais ou menos jocosa, falava-se no bom *pedigree* do grupo ... enfatizava-se a procedência de Zona Sul, o estudo em certos colégios.... a origem das famílias ... Evidenciou-se progressivamente uma dimensão aristocrática na visão de mundo predominante. (p. 34-35)

Como ensinou Halbwachs (1997), é de fundamental importância articular a forma e o conteúdo das memórias ao contexto social do grupo que as elabora. Por meio dessa idéia, pode-se pensar que se a “turma de Ipanema” é “aristocraticamente vanguardista”, assim também o são suas memórias e discursos.

Considerações Finais

Uma vez expostas as principais idéias desta dissertação seria interessante realizar um esforço sintético e retrospectivo não apenas sobre o conteúdo deste trabalho, mas, também, das etapas pelas quais esta pesquisa passou, mesmo antes de se tornar um tema possível para estudo.

A idéia de fazer uma pesquisa sobre o bairro de Ipanema não me ocorreu de maneira muito direta. Algumas pessoas parecem agraciadas por uma feliz determinação acadêmica e ingressam no mestrado seguras daquilo que pretendem estudar. Outras acreditam que dificilmente chegarão a um tema suficientemente interessante a ponto de merecer uma atenção especial e um trabalho dedicado. Como grande parte dos mestrandos, pertenci a esta segunda categoria de aluno. A dúvida quanto à escolha de meu tema me trouxe momentos difíceis que se somavam à percepção de que o tempo e os prazos passavam rapidamente. Uma idéia recorrente nesse período foi a de que deveria encontrar um assunto do qual gostasse profundamente, afinal, dizia a mim mesma, “trata-se de uma dissertação de mestrado!”.

Durante as primeiras semanas no Programa de Pós-graduação, minha vaga idéia inicial era a de realizar uma discussão de gênero, família e individualismo por meio de uma pesquisa sobre as babás da Zona Sul carioca. Como moradora do bairro de Ipanema sabia que, caso desejasse realizar entrevistas com as babás, seria fácil encontrá-las na Praça Nossa Senhora da Paz. Após algumas visitas a esse local, imaginei-me realizando uma etnografia da praça, observando as relações de sociabilidade e o significado dela para diversos atores sociais dos arredores, como a Igreja, o setor comercial, as donas de casa, os porteiros e os idosos do bairro. Pensei que, talvez, através da praça, poderia discutir questões interessantes e ocorreu-me a idéia de realizar uma pesquisa sobre aquele espaço em vez de analisar apenas uma categoria social, como as babás. Continuava, porém, indecisa quanto ao rumo que minha pesquisa poderia tomar.

Minhas inquietações não foram suficientemente atenuadas nos cursos de metodologia de pesquisa. Aprende-se que para desenvolver um bom trabalho deve-se ter em mente, em primeiro lugar, uma boa questão, ou seja, uma pergunta que sirva como fio condutor de todo o trabalho. Ensina-se que não basta formular uma boa pergunta, é preciso que ela tenha um cunho sociológico e que possa suscitar debates mais amplos sobre a vida em sociedade - ou sobre a vida de sociedades. Os exemplos para essa tarefa não são propriamente encorajadores para os alunos. Ouvi de um professor em aula: “É preciso desenvolver uma pesquisa ambiciosa! Max Weber, por exemplo, ao examinar as sociedades onde o capitalismo se desenvolveu, percebeu que eram justamente aquelas onde as características da religião protestante prevaleciam. Sua questão era tentar compreender a relação entre a ética protestante e o espírito capitalista”. Resignada, diante de tal ambição sociológica, voltava-me para minha praça, meu provincianismo e minha falta de ousadia acadêmica. Lamentava: “quando mal tenho um objeto de estudo bem definido, que dirá de uma boa questão sociológica...”.

Hoje, acredito ser extremamente importante formular uma boa pergunta para o desenvolvimento de uma pesquisa científica. Entretanto, a ordem dos acontecimentos raramente ocorre da maneira idealizada na academia. Grande parte dos pesquisadores - como pude acompanhar pelas conversas com os colegas do mestrado - se depara, em primeiro lugar, com um objeto que lhe causa curiosidade, intriga ou identificação. A tal “questão sociológica”, muitas vezes, está escondida no próprio objeto que se pretende estudar e somente aparece após algum tempo de reflexão ou momentos de *insight* sobre o material da pesquisa.

Como descrevi na introdução desta dissertação, a decisão de analisar não apenas as praças públicas de Ipanema, mas o bairro como um todo, resultou de uma observação sobre aquilo que viria a ser o meu futuro objeto de estudo: os livros e as matérias de imprensa que falavam sobre o

bairro. Também comentei que esse material me causou, de início, um certo estranhamento pela maneira como se referia ao bairro e a seus freqüentadores. Em nada se assemelhava ao local onde eu morava. Meu desconforto dirigia-se, também, à legitimidade conquistada por aqueles livros e jornais – em grande parte atribuída pelas editoras, pelos leitores e pelos próprios autores e jornalistas – de se referirem à Ipanema a partir de suas próprias experiências cotidianas, sob um ponto de vista completamente pessoal. Hoje, percebo o quanto esse desconforto foi importante para a realização deste trabalho: ajudou-me a transformar aquele material em meu principal objeto de pesquisa, além de ter facilitado a adoção de uma postura crítica – ou pelo menos a não perdê-la de vista – na elaboração do texto.

Nesta dissertação realizei uma análise sobre os livros e suplementos escolhidos para compreender o modo como Ipanema é percebida, elaborada e divulgada. Busquei examinar os valores, símbolos e noções que constroem um suposto “passado” do bairro e os seus períodos recentes. Comparei os diferentes espaços, personalidades e características que representam a Ipanema de ontem e a de hoje. Considerando que “Ipanema”, mais do que um espaço físico delimitado, exprime um conjunto de crenças e de representações culturalmente elaboradas, analisei o processo de construção social de um bairro emblemático da cidade do Rio de Janeiro.

Algumas possibilidades metodológicas me foram sugeridas, como a realização de entrevistas com antigos e novos moradores do bairro, análises de material de filmes e entrevistas com os autores dos livros escolhidos. Entretanto, ao identificar em três livros e em três suplementos de imprensa um universo sociológico frutífero, apostei na riqueza desse material e optei por um mergulho profundo em tais fontes. Confesso que tive um certo receio de não aproveitar as possibilidades que me eram oferecidas por este material e que a pesquisa enveredasse para outros rumos, caso acrescentasse outras fontes. Acredito que o material

escolhido me ofereceu dados suficientes para debates consistentes e diversos, que talvez não pudesse extrair a partir de outras fontes. Compartilho da opinião de que um objeto de estudo deve ser avaliado a partir de sua capacidade de suscitar debates significativos e reflexões interessantes, e não apenas pela sua relação com uma suposta “realidade empírica”.

Como já foi dito, percebi uma importante divisão simbólica que separa a Ipanema de antes da de hoje. Embora o ponto de vista dos livros e da imprensa fossem divergentes em alguns aspectos, convergiam no sentido de criar um espaço temporal entre o que consideravam o “passado” e o “presente” do bairro. A noção de “atualidade”, e, principalmente, a categoria “passado”, são aqui utilizadas tal como apareceram sob o ponto de vista “nativo”. É importante enfatizar, portanto, que a divisão entre o “antes” e o “depois” me foi fornecida por meu objeto de estudo.

Uma das maneiras utilizadas para responder meu objetivo principal foi prestar atenção às “categorias nativas”, ou seja, os adjetivos, terminologias e discursos através dos quais Ipanema é representada no material de pesquisa. De modo geral, os livros construía uma suposta época em que teria predominado no bairro um “espírito” especial: “provinciano”, “boêmio”, “criativo” e “irreverente”. Os valores atribuídos a essa “fase áurea” estão em constante oposição à realidade atual do bairro: um local “populoso”, “sujo”, “elitizado” e “perigoso”. Já no discurso dos jornais e revistas, pude notar algumas particularidades. Embora a imprensa legitime a idéia de um lúdico passado ipanemense, também procura destacar os aspectos “positivos” do bairro de hoje, identificando-o como “charmoso”, “sofisticado”, “luxuoso”, e, ao mesmo tempo, “informal”, “simples” e “descolado”.

Uma reflexão fundamental presente neste estudo dirigiu-se para determinados espaços físicos, como ruas, praças e quarteirões mais e menos valorizados no “passado” e no “presente”

de Ipanema. Elaborei mapas para exemplificar as transformações práticas e simbólicas pelas quais essas localidades passaram antes e depois da década de 1970. Identifiquei um deslocamento espacial do prestígio desses espaços que está associado às mudanças nas representações de dois bairros fronteiriços à Ipanema: Copacabana e Leblon. Até o final da década de 1960, os espaços próximos ao bairro de Copacabana eram mais valorizados, pois concentravam os pontos emblemáticos dos intelectuais, artistas e boêmios ipanemenses. Atualmente, as regiões consideradas o “filé mignon” do bairro localizam-se mais próximas do Leblon. Mostrei que essas transformações simbólico-espaciais só podem ser pensadas a partir das mudanças nos valores e nos significados atribuídos, com o passar dos anos, àqueles dois bairros. A fase áurea de Copacabana teria ocorrido antes do momento em que o Leblon se tornou um bairro valorizado na cidade. Defendi, portanto, que os espaços de Ipanema acompanharam e refletiram essas mudanças sendo hierarquizados, com o passar das décadas, conforme a proximidade e o distanciamento em relação a esses dois bairros.

Outro caminho percorrido nesta dissertação foi a observação das contradições nos discursos examinados. Notei que Ipanema é apresentada como um local da diversidade, da liberdade e da heterogeneidade. Desde os primeiros anos do bairro, dizem os autores dos livros, teria havido uma “saudável” convivência entre indivíduos de distintas origens sociais e culturais. Por outro lado, foi fácil identificar inúmeras críticas a esse convívio com o “diferente”, já que a identidade ipanemense está associada a um *ethos* e a um estilo de vida específico. Pude perceber que existe uma série de prerrogativas e de pressupostos que orientam as classificações sobre quem está mais e menos apto a pertencer ao bairro. Procurei compreender esses paradoxos a partir do contexto social dos sujeitos desses discursos e associei tais ambigüidades a uma visão de mundo característica das camadas médias urbanas do Rio de Janeiro.

Em relação ao referencial teórico, Simmel (1967) e Park (1967), ajudaram a compreender as reapropriações e as resignificações que configuraram uma Ipanema “cosmopolita” a partir de um bairro “provinciano”. Também busquei nesses autores uma discussão sobre o fenômeno da moda (Simmel, 1988) e sobre as *regiões morais* de Ipanema (Park, 1967).

Este trabalho não teria sido possível sem o arcabouço analítico de Velho, construído em pesquisas sobre a temática espacial e sobre as camadas médias urbanas do Rio de Janeiro. Pretendo afirmar que o bairro de Ipanema não poderia ser estudado apropriadamente sem uma comparação com Copacabana e sem uma caracterização das camadas médias urbanas. Portanto, as reflexões do autor foram fundamentais tanto para a compreensão do tema deste estudo, quanto para o entendimento do material da pesquisa.

Embora nem todos os autores aqui utilizados estejam diretamente identificados com a temática espacial, muitos também forneceram instrumentos para se pensar sobre a relação entre espaço e processos de rotulação e de discriminação social. A noção de desvio formulada por Becker (1971), e a configuração “estabelecidos - outsiders” proposta por Elias (2000), colaboraram para o entendimento da criação de identidades e estigmas ancorados em uma dimensão espacial.

É preciso dizer que me surpreendi com uma discussão teórica imprevista, que se tornou crucial para o desenvolvimento da pesquisa e que orientou minhas principais reflexões. Idéias de pensadores clássicos, como Durkheim e Mauss (1981), foram aqui utilizadas para uma discussão sobre o significado do espaço na formação de cosmologias urbanas. Acredito que as reflexões presentes nesta dissertação inserem-se na discussão dos autores sobre as categorias de pensamento. Este estudo sobre o bairro de Ipanema mostrou-me, de diversas maneiras e perspectivas, como o espaço é uma categoria de pensamento. Todos os valores, representações

e significados que apareciam no trabalho estavam estreitamente ligados a concepções sobre o espaço. Mais do que isso, o espaço apareceu como o grande “estruturador” dessas representações; é somente porque estavam atreladas a ele que aquelas noções adquiriam significado. Esse debate apareceu de modo claro ao observar, por exemplo, o sistema classificatório implícito nas rotulações e identidades sociais do primeiro e terceiro capítulos da dissertação. As categorias de “ipanemense”, “suburbano”, “farofeiro”, “mendigo” e “favelado” estavam significativamente associadas a concepções sobre espaços.

É importante insistir que todas as representações aqui observadas e todos os pontos de vista descritos nesta pesquisa corresponderam a versões elaboradas por um segmento social específico. Foi preciso qualificar permanentemente os indivíduos que elaboravam as memórias do bairro como integrantes de um grupo de camadas médias que apresenta visões de mundo e estilos de vida individualistas. Trata-se da crença no indivíduo como unidade básica e como valor central da vida social (Dumont, 2000). Portanto, a categoria “Ipanema” aqui analisada é apenas uma entre várias outras que variam segundo o grupo social formador de seus discursos. Nesse sentido, acredito que Ipanema pode ser analisada a partir de uma vasta gama de enfoques.

Considerando que Ipanema insere-se na categoria de bairro emblemático do Rio de Janeiro, e que sua imagem é muitas vezes exportada como um símbolo do próprio Brasil, pode-se vislumbrar uma pesquisa voltada para a comparação entre Ipanema e outros bairros famosos do mundo, como, poderia sugerir, Greenwich Village, Beverly Hills, Mont Martre, Bairro Gótico Catalão, San Telmo, entre outros. Outra sugestão é realizar uma pesquisa sobre distintas gerações de moradores de Ipanema, comparando as semelhanças e as diferenças na elaboração das memórias sobre determinados espaços do bairro. Também seria interessante estudar Ipanema à luz de uma discussão sobre gênero e sexualidade, buscando compreender a recente apropriação

de espaços do bairro - como bares, boates e trechos da praia – por indivíduos e grupos homossexuais.

Por fim, posso afirmar que, dentro da opção de análise desta dissertação, Ipanema me fez pensar sobre diversas questões de cunho predominantemente antropológico como, por exemplo, a construção social da memória e os processos de elaboração simbólica dos espaços urbanos; sistemas classificatórios, estigma, rotulação e discriminação; o universo das camadas médias, seu estilo de vida e seus valores predominantes. Acredito, contudo, que todas essas discussões mantiveram-se fortemente atreladas – e por vezes até mesmo secundárias - a um debate sobre o espaço como uma importante categoria que estrutura o pensamento social.

Referências bibliográficas

BARTHES, R. *Sistema de moda*. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 1979.

BECKER, H. *Los Extraños - sociología de la desviación*. Buenos Aires:

- Tiempo Contemporáneo, 1971.
- _____. “De que lado estamos?”. In: *Uma teoria da ação coletiva*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.
- BRAGA, J.L. *O Pasquim e os anos 70*. Brasília: UnB, 1991.
- CHACAL. *Posto 9 – Pedação de mau caminho*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1998.
- CORDEIRO, G. I. e COSTA, A. F. “Bairros: contexto e intersecção”. In: *Antropologia urbana – cultura e sociedade no Brasil e em Portugal*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- DAMATTA, R. “O ofício de etnólogo, ou como ter ‘anthropological blues’”. In: *A aventura sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- _____. *A Casa e a Rua*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.
- DOUGLAS, M. *Pureza e Perigo*. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- DUMONT, L. *O individualismo – uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- DURKHEIM, E. e MAUSS, M. “Algumas formas primitivas de classificação”. In: *Ensaio de Sociologia*. São Paulo: Perspectiva, 1981.
- ELIAS, N. *Os estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- GOLDENBERG, M. *Toda Mulher é meio Leila Diniz*. Rio de Janeiro: Record, 1995.
- GOFFMAN E. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Zahar, 1975
- HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1999
- HEILBORN, M. L. “Corpos na cidade: sedução e sexualidade” In:

- Antropologia urbana – cultura e sociedade no Brasil e em Portugal*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- HOLLANDA, H. e GONÇALVES, M.A. *Cultura e participação nos anos 60*. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- KUSCHNIR, K. “Política, cultura e espaço urbano”. In: *Antropologia urbana – cultura e sociedade no Brasil e em Portugal*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- LINS DE BARROS, M. “A cidade dos velhos”. In: *Antropologia urbana – cultura e sociedade no Brasil e em Portugal*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- LIPOVETSKY, G. *O império do efêmero*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- MAUSS, M. “Ensaio sobre as variações sazonais das sociedades esquimó”. In: *Sociologia e Antropologia*, vol. 2, São Paulo: EPUSP, 1974.
- MELLO, M. A. da S. “Selva de Pedra: apropriações e reapropriações dos espaços públicos de uso coletivo”. In: *Fazendo Antropologia no Brasil*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- ORTIZ, R. *A moderna tradição brasileira – cultura brasileira e indústria cultural*. São Paulo: Brasiliense, 2001.
- PARK, R. E. “A Cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano”. In: *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.
- PEIXOTO, M. e outros. *Villa Ipanema*. Rio de Janeiro: Novo Quadro, 1994.
- _____. *Ipanema de A a Z – dicionário da vida ipanemense*. Rio de Janeiro: AACohen Editora, 1999.
- ROUCHOU, J. e BLANC, L. *Memórias de Ipanema*. Rio de Janeiro: Prefeitura do Rio de Janeiro, 1994.
- SIMMEL, G. “A metrópole e a vida mental”. In: *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1967.

_____. “La moda”. In: *Sobre la aventura*. Barcelona: Editora Península, 1988.

VELHO, G. *A utopia urbana: um estudo de antropologia social*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

_____. *Nobres e Anjos: um estudo sobre tóxicos e hierarquia*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

_____. “Os mundos de Copacabana”. In: *Antropologia urbana, cultura e sociedade no Brasil e em Portugal*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

_____. “Biografia, trajetória e mediação”. In: *Mediação, Cultura e Política*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001.

VERNANT, J-P. “O indivíduo na cidade”. In: *Indivíduo e poder*. Lisboa: Edições 70, 1987.

WIRTH, L. “O urbanismo como modo de vida”. In: *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

Fontes de Pesquisa:

CASTRO, Ruy. *Ela é Carioca, uma enciclopédia de Ipanema*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

JAGUAR. *Ipanema, se não me falha a memória*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

LEONAN, Carlos. *Os degraus de Ipanema*. Rio de Janeiro: Record, 1997.

Caderno Zona Sul - “*Ipanema, 110 anos na vanguarda*” (O Globo, 22/04/2004).

Caderno H - “*O garotão de Ipanema – Ipanema 110 anos, edição especial*” (Jornal do Brasil, 25/04/2004).

Veja Rio - “*Ipanema 110 anos: Histórias e personagens do bairro mais charmoso da cidade*” (Veja, 26-02/05/2004).

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)